

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM TEOLOGIA

ROGÉRIO MOREIRA JÚNIOR

**REPENSAR A PREGAÇÃO:
AS IMPLICAÇÕES PARA O ANÚNCIO DA PALAVRA
EM UMA IGREJA PÓS-PANDEMIA**

São Leopoldo

2023

ROGÉRIO MOREIRA JÚNIOR

**REPENSAR A PREGAÇÃO:
AS IMPLICAÇÕES PARA O ANÚNCIO DA PALAVRA
EM UMA IGREJA PÓS-PANDEMIA**

Trabalho Final de
Mestrado Acadêmico
Para a obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Pessoa Orientadora: Iuri Andréas Reblin

São Leopoldo

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M838r Moreira Junior, Rogerio

Repensar a pregação : as implicações para o anuncio da palavra em uma igreja pós-pandemia / Rogerio Moreira Junior ; orientador Iuri Andréas Reblin. – São Leopoldo : EST/PPG, 2023.

150 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2023.

1. Bíblia – Uso homilético. 2. Pregação. 3. Ciberespaço. 4. Redes sociais. 5. Igreja híbrida. I. Reblin, Iuri Andréas, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

FOLHA DE APROVAÇÃO

ROGÉRIO MOREIRA JUNIOR

REPENSAR A PREGAÇÃO: AS IMPLICAÇÕES PARA A PROCLAMAÇÃO DA PALAVRA EM UMA IGREJA PÓS-PANDEMIA

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia Prática

Data de Aprovação: 12 de abril de 2023

PROF. DR. IURI ANDRÉAS REBLIN (PRESIDENTE)
Assinado digitalmente

PROF. DR. JÚLIO CÉZAR ADAM (EST)
Assinado digitalmente

PROF. DR. JILTON MORAES DE CASTRO (SPB)
Participação por webconferência

Assinado
digitalmente por
Iuri Andréas Reblin
Data: 03/07/2023
12:51:16 -03:00



Assinado
digitalmente por
Júlio César Adam
Data: 03/07/2023
13:46:08 -03:00



AGRADECIMENTOS

Nesses dois anos de produção acadêmica muitos foram os que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão desta pesquisa, com aportes financeiros e com suportes emocionais, espirituais e teóricos. Ao fim dessa jornada, quero agradecer a essas pessoas que foram tão relevantes, me ajudando a perseverar, me motivando e me ajudando a focar naquilo que realmente era necessário a fim de que conseguisse superar os obstáculos que surgiram.

Assim sendo gostaria de agradecer ao Trino Deus, Salvador e Senhor de minha vida, Aquele que me capacita, me orienta e conduz. A minha esposa Erica que me incentivou e apoiou emocional, espiritual e tecnicamente, muitas vezes interrompendo sua pesquisa de mestrado para me auxiliar. A meus filhos João e Mateus, que entenderam a relevância do momento ao respeitar o tempo necessário de estudo, mas também por proporcionar momentos maravilhosos de lazer e descanso juntos. A toda a minha família estendida que acreditou na capacidade que me foi dada por Deus e, encerrando o círculo mais íntimo, agradeço à Igreja Batista Geração Eleita que investiu recursos e tempo neste projeto apoiando, acompanhado e intercedendo.

Por fim, agradeço aos meus colegas de turma que dividiram comigo as inquietações e a dor crescimento. À Faculdade Teológica Batista de Brasília na figura de seu diretor, Allan Amorim, e à Escola Superior de Teologia e a seus professores na figura do Dr. Júlio César Adam e do Dr. Flávio Schimitt, que me deram suporte e apoio quando isso se fez necessário e ao Dr. Iure Andréas Reblin, orientador desta pesquisa.

RESUMO

Cada momento de crise, ao longo da história, gerou impactos nas igrejas mudando a estrutura eclesial, o pensar teológico, a homilética ou a forma de interpretação das Escrituras. Assim, essa pesquisa tem por objetivo investigar esses impactos em uma linha temporal desde o período neotestamentário, pontuando dentre outras crises: a peste galena (165 d.C.), a Reforma Protestante (1517), as duas Grandes Guerras e, por fim, as implicações da covid-19, para identificar propostas e soluções que permitam pensar o uso do ambiente virtual como meio para proclamação da Palavra, como plataforma para a evangelização. Para isso, foi feita uma investigação bibliográfica a fim de identificar no passado aquilo que pode ser útil para o momento presente, na qual discorreremos sobre a comunicação da Palavra a partir das referências veterotestamentárias. No segundo capítulo, trataremos do estilo homilético de Jesus, dos apóstolos e dos Pais Apostólicos e, no terceiro capítulo, abordaremos a homilética do período medieval à era moderna. No quarto capítulo será trabalhada a pregação na era contemporânea e no capítulo cinco pontuaremos questões concernentes à Igreja atual. Por fim, concluímos buscando responder à questão central: Em que medida as crises vividas no passado e no presente, conduziram a Igreja a um repensar suas estruturas e quais as implicações da covid-19 para anúncio da Palavra, para a estrutura de culto e para o evangelismo diante da demanda crescente do envolvimento no contexto do ciberespaço? Buscaremos ainda responder às seguintes secundárias: O formato híbrido pode ser visto como o lugar onde os membros podem ter a liberdade para transitar com a mesma qualidade de ensinamento, acolhimento e serviço entre o ambiente presencial e o virtual, ou deve ser visto como um caminho que começa no ambiente virtual, onde é franqueada a possibilidade da interação em um modelo híbrido, mas que definitivamente conduza aqueles que se aproximam à experiência mais completa do que é ser igreja, que só pode ser usufruída no formato presencial? A conclusão a que se chega é que o ciberespaço pode ser um canal para o fortalecimento das igrejas que buscarem desenvolver uma proposta de igreja híbrida, utilizando a internet como meio para proclamar a Palavra, ao utilizar a linguagem adequada para cada público de forma simples e com conteúdo relevante, estimulando o surgimento de evangelistas virtuais, que vejam as redes não apenas como canal de comunicação, mas como campo para o desenvolvimento da missão da Igreja, onde se criem vínculos *online* que fluam para relacionamentos *offline*.

Palavras-chave: Desenvolvimento histórico-homilético. Ciberespaço. Igreja híbrida. Comunicação. Redes sociais. Proclamação/pregação.

ABSTRACT

Every moment of crisis, throughout history, has had an impact on the churches, changing the ecclesiastical structure, theological thinking, homiletics or the way of interpreting the Scriptures. Thus, this research aims to investigate these impacts in a timeline from the New Testament period, punctuating among other crises: the Galena plague (165 AD), the Protestant Reformation (1517), the two Great Wars and, finally, the implications of covid-19, to identify proposals and solutions that allow thinking about the use of the virtual environment as a means of proclaiming the Word, as a platform for evangelization. For this, a bibliographic investigation was carried out in order to identify in the past what can be useful for the present moment, in which we discuss the communication of the Word from the Old Testament references. In the second chapter, we will deal with the homiletic style of Jesus, the apostles and the Apostolic Fathers and, in the third chapter, we will approach homiletics from the medieval period to the modern era. In the fourth chapter, preaching in the contemporary era will be worked on, and in chapter five, we will point out questions concerning the current Church. Finally, we conclude by seeking to answer the central question: To what extent have the crises experienced in the past and present led the Church to rethink its structures and what are the implications of covid-19 for the proclamation of the Word, for the structure of worship and for evangelism in the face of the growing demand for involvement in the context of cyberspace? We will also seek to respond to the following secondary questions: The hybrid format can be seen as the place where members can have the freedom to transit with the same quality of teaching, reception and service between the face-to-face and the virtual environment, or it should be seen as a path that starts in the virtual environment, where the possibility of interaction in a hybrid model is opened, but that definitely leads those who approach to the fullest experience of what it is to be a church, which can only be enjoyed in the face-to-face format? The conclusion reached is that cyberspace can be a channel for strengthening churches that seek to develop a proposal for a hybrid church, using the internet as a means to proclaim the Word, using the appropriate language for each audience in a simple and straightforward way with relevant content, stimulating the emergence of virtual evangelists, who see networks not only as a communication channel, but as a field for the development of the Church's mission, where online links are created that flow into offline relationships.

Keywords: Historical-homiletic development. Cyberspace. Hybrid church. Communication. Social media. Proclamation/preaching.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Processo de comunicação	102
Figura 2 - Códigos	103
Figura 3 - Distribuição de usuários por mídia, por tempo de utilização e sexo.....	131
Figura 4 - Facebook	131
Figura 5 - Instagram	132
Figura 6 - YouTube.....	133

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 ASPECTOS DA PREGAÇÃO NA COMUNIDADE CRISTÃ PRIMITIVA.....	27
2.1 A PREGAÇÃO NOS DIAS DE JESUS	29
2.2 A PREGAÇÃO NO PERÍODO APOSTÓLICO.....	31
2.3 A PREGAÇÃO NO PERÍODO PATRÍSTICO.....	34
3 ASPECTOS DA PREGAÇÃO DA IDADE MÉDIA E MODERNA	41
3.1 A HOMILÉTICA NA REFORMA	48
3.2 A HOMILÉTICA NO PIETISMO	52
3.3 A HOMILÉTICA NO PURITANISMO	54
3.4 A HOMILÉTICA NO ILUMINISMO.....	57
3.5 A HOMILÉTICA DOS AVIVALISTAS	60
4 ASPECTOS DA PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA	65
4.1 A HOMILÉTICA DO MOVIMENTO EVANGÉLICO	67
4.2 A HOMILÉTICA DO MOVIMENTO LIBERAL.....	71
4.3 A HOMILÉTICA DO EVANGELHO E JUSTIÇA SOCIAL	73
4.4 A HOMILÉTICA DO FUNDAMENTALISMO.....	77
4.5 A HOMILÉTICA PENTECOSTAL.....	82
4.6 A HOMILÉTICA DO NEO-ORTODOXISMO	84
4.7 A HOMILÉTICA DAS MASSAS.....	88
5 ASPECTOS DA PREGAÇÃO NA IGREJA PÓS-PANDEMIA.....	95
5.1 A IGREJA EM TRANSFORMAÇÃO.....	100
5.2 A COMUNICAÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO	102
5.3 O CIBERESPAÇO	105
5.4 A IGREJA NO CIBERESPAÇO.....	109
5.5 O CAMPO É O MUNDO (VIRTUAL).....	111
5.6 EVANGELIZAÇÃO E MISSÃO DA IGREJA	115
5.7 O PLANEJAMENTO DE MISSÕES.....	117
5.8 “LANÇAR-SE ÀS REDES SOCIAIS”: EM BUSCA DE UM NOVO CAMPO MISSIONÁRIO.....	121
5.9 “FAREI DE VOCÊS PESCADORES DE HOMENS”: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA O CIBER EVANGELISMO	123

5.10 “O MEIO, A FORMA E A MENSAGEM”: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA A COMUNICAR A ESTA GERAÇÃO	127
5.11 “DAS REDES PARA A COMUNHÃO NA IGREJA”: A BUSCA DE CAMINHOS PARA O COMPARTILHAR PRESENCIAL	134
6 CONCLUSÃO	137
REFERÊNCIAS	141

1 INTRODUÇÃO

Cada período da história trouxe desafios e oportunidades que moldaram a Igreja e o pensar teológico, modificando e adaptando a estrutura litúrgica, o anúncio e a forma de transmissão da Palavra.

A proposta desta pesquisa é estudar a forma e o conteúdo dessas transformações, desde o período neotestamentário até os dias atuais, buscando analisar os impactos da comunicação do evangelho em momentos de crise vivenciadas pela Igreja e pelo mundo no passado e atualmente, com a pandemia da covid-19, quando houve o imperativo de se repensar toda a estrutura existente e a utilização do ciberespaço.

Isso nos leva ao seguinte problema de pesquisa: Em que medida as crises vividas, no passado e atualmente, conduziram a Igreja a repensar suas estruturas e quais as implicações da covid-19 para a forma de anúncio da Palavra, para a estrutura de culto e para o evangelismo diante da demanda crescente do envolvimento no contexto do ciberespaço?

Uma vez identificada a pergunta central deste trabalho, algumas hipóteses serão consideradas: as crises podem causar enfraquecimento ou transformações na Igreja. Em momentos de crise, há uma necessidade de repensar a estrutura eclesial, litúrgica e homilética. É possível existir uma igreja com membros presenciais e virtuais e, ainda assim, ser uma única igreja que trabalha para levar a Palavra de Deus à sua comunidade local e à comunidade virtual. Por fim, as redes sociais e o ambiente virtual podem ser vistos como um novo campo missionário.

Diante das hipóteses levantadas teremos por objetivos específicos identificar propostas e soluções desenvolvidas pelas igrejas para responder aos períodos de crise, observar as transformações na liturgia, na homilética e no evangelismo, especialmente para uma igreja em transição do mundo físico para o virtual, que pode utilizar o ambiente virtual como plataforma para evangelização, analisar e compreender se as soluções encontradas atendem às necessidades atuais, sem, contudo, abandonar os fundamentos da fé.

A presente investigação será realizada por meio da pesquisa bibliográfica com leitura, fichamento e coleta de dados em livros, periódicos (revistas e jornais), sites, mídia eletrônica, vídeos, legislação, dissertações, teses, artigos e pesquisas

estatísticas, para que, com base no que já foi escrito, identificar formas adequadas para que as comunidades eclesiais possam comunicar adequadamente o evangelho no meio digital, de forma a gerar sentimento de pertencimento às pessoas que as integram, especialmente, no momento vivido durante e após a pandemia da covid-19, contribuindo assim, para o enriquecimento e aprofundamento do tema desse projeto.

Quanto ao referencial teórico passaremos a citar algumas obras separadas pelos temas abordados nesta dissertação. Ao discorrermos sobre a pandemia, nos apoiaremos nos textos de Neriél Lopes, “Cristianismo pós-pandemia: impactos e oportunidades”, que analisa a forma como a igreja foi lançada ao mundo virtual e a ação quase instintiva da liderança¹; no artigo de Phelipe Magalhães Duarte, “Covid-19: origem do novo corona vírus”², que se debruça sobre a origem e disseminação do vírus; e Thom S. Rainer³, que trabalha a questão da pandemia analisando o contexto das igrejas norte-americanas e destaca as oportunidades de alcance do mundo digital, abordando, uma nova maneira de desenvolver a comunhão, que é acompanhado do desafio de se reconectar com a comunidade onde a igreja está inserida.

Quanto ao tema da pregação, prédica e sermão contribuem: Hans-Christoph Schmidt-Lauber com o “Manual de ciência liturgia” quando aborda a pregação no período veterotestamentário⁴; as questões que envolvem o culto cristão estão pautadas nos autores: James F. White com “Introdução ao culto cristão”⁵ e “O culto cristão” de J.J. Von Allmen⁶.

Para o desenvolvimento da pregação ao longo da história e as crises enfrentadas contribuem os novos livros de Benjamin Forrest *et al*, obra em

¹ LOPEZ, Neriél. **Cristianismo pós-pandemia: Impacto e oportunidades** / Neriél Lopez, organizador. São Paulo, SP: Editora Vida, 2020. Edição do Kindle.

² DUARTE, Phelipe Magalhães. COVID-19: Origem do novo coronavírus. Curitiba – PR: Artigo – **Revista Brazilian Journal of review** v. 3, n. 2, p. 3585-3590, mar./apr. 2020. ISSN 2595-6825.

³ RAINER, Thom S. **A igreja pós-quarentena. Seis desafios e oportunidades urgentes que determinarão o futuro de sua congregação**. Tradução de Heber Rodrigues de Souza. Conversão para e-Pub: Cumbuca Studio. Rio de Janeiro: CPAD, 2020. p. 15 e 16.

⁴ SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. MEYER-BLANCK, Michael e BIERITZ, Karl-Heinrich. **Manual de Ciência Litúrgica**. Tradução de Luiz Marcos Sander. – São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos litúrgicos da Faculdade EST, 2011. p. 63.

⁵ WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. Tradução de Walter Schlupp – São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 14-18.

⁶ ALLMEN, J. J. Von. **O culto cristão**. Teologia Prática. Tradução de Dírson Glênio Vergara dos Santos. São Paulo: ASTE, 2005.

volumes, que abordam a história da pregação a partir da análise da vida e da obra de vários autores ⁷; Bruce L. Shelley, com sua obra “História do cristianismo” ⁸ e Edson E. Streck, com A prédica ao longo da história da igreja” ⁹ e Luiz Carlos Ramos, com a tese de doutorado, sob o título: “A pregação na idade mídia: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea”, trabalha a questão da influência da mídia na práxis da homilética e as transformações sofridas, ao longo dos séculos, até chegar à forma que como a pregação é feita atualmente. ¹⁰

As questões que abordam o tema epidemias e pandemias ao longo da história estão ancorados em textos como “A peste negra e o imaginário religioso” de Sérgio Luiz Marlow¹¹; Amélia Ricon Ferraz em seu artigo “As grandes pandemias da história” ¹²; “História da teologia” de Bengt Hägglund ¹³ e Mário Antônio A. Sanches com “Religião e epidemias na história” ¹⁴.

Os temas relacionados ao ciberespaço, a cibercultura, a ciber-religião e evangelismo nas redes contam com a base referencial de textos e autores como Vanda de Souza Machado, que contribui com “A Comunicação do IDE nas Mídias Sociais: Um manual prático para transformar a comunicação da igreja num poderoso instrumento de evangelização” e “Evangelismo digital”, trazendo uma nova perspectiva para o cumprimento do “IDE” para uma igreja que precisa aprender a

⁷ FORREST, Benjamin K. *et al.* **A história da pregação** (volume 1) – Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2020. *Edição do Kindle*.

FORREST, Benjamin K. *et al.* **A história da pregação** (volume 2). Thomas Nelson Brasil. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2020. *Edição do Kindle*.

⁸ SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI; tradução Giuliana Niedhardt. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 689-692.

⁹ STRECK, Edson E. A prédica ao longo da história da igreja: estímulos para a pregação na atualidade. **Estudos Teológicos**, v. 33, n. 2, p. 168-182, 1993. p. 171

¹⁰ RAMOS, Luiz Carlos. **A pregação na idade mídia**: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo – UESP. São Bernardo do Campo. 2005.

¹¹ MARLOW, Sérgio Luiz; DA ROSA, Wanderley Pereira. A Peste Negra e o imaginário religioso nas obras de Jean Delumeau. **PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion**, v. 12, n. 1, p. 80-98, 2021. p. 84 *apud* Delumeau, 1989, p. 60.

¹² FERRAZ, Amélia Ricon. As grandes pandemias da história. **Revista de ciência elementar**, V8, n. 2, jun de 220.

¹³ HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Editora Concórdia; tradução Mário L Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. — 8ª Edição. 2014 — Porto Alegre - RS. Edição do Kindle. p. 399-401.

¹⁴ A. SANCHES, Mário; LOVO, Ordilei Arcanjo; DA CONCEIÇÃO SANCHES, Leide. Religião e epidemias na história: do essencial ao perverso. São Paulo: **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 2, p. 139-152, 2020.

se comunicar pelas redes sociais¹⁵; Marcelo Carvalho Costa contribui com a pesquisa ao ressaltar o desenvolvimento do processo de comunicação desde a invenção da imprensa tipográfica até a comunicação bidirecional dos dias atuais¹⁶; Com o texto “Teologia e comunicação digital: a nova evangelização dos nativos virtuais”, Aline Amaro da Silva contribui traçando um perfil geracional e as possíveis formas de apresentar o evangelho a cada geração¹⁷; Com o livro “Cibercultura” de Pierre Lévy¹⁸, “Ciberespaço: o termo, a definição e o conceito” de Silvana Drumond Monteiro¹⁹; Antonio Spadaro com as obras “Ciberteología: Pensar el cristianismo en tiempos de red” e “Quando a fé se torna social: o cristianismo no tempo das novas mídias”²⁰ aprofundamos os conceitos de ciberespaço, cibercultura, ciber-religião, e ciberteologia e com a dissertação de Rudinei Varjão, “A comunicação do evangelho no ciberespaço”, desenvolvemos os temas de comunicação e conectividade²¹.

Por fim, o tema de igreja híbrida está ancorado nas pesquisas de Palona Sganzerla, “Igreja Híbrida”; João Ricardo Morais da Silva, “antes de chegar ao campo missionário”; Jorge Miklos, “A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião” e Júlio César Adam *et al*, com o texto “Igreja em rede e liturgia on-line, é possível?”, “Mal estar no púlpito: repensando teologicamente a

¹⁵ MACHADO, Vanda de Souza. **A Comunicação do IDE nas Mídias Sociais**. Um manual prático para transformar a comunicação da igreja num poderoso instrumento de evangelização. Santos – SP: versão digital. 2020. Edição do Kindle.

¹⁶ COSTA, Marcelo Carvalho. Ide e pregai o evangelho a todo internauta: da igreja primitiva ao evangelismo digital. desdobramentos do processo de evangelização provocados pelo ciberespaço. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 19, 2020.

¹⁷ AMARO DA SILVA, Aline. Teologia e comunicação digital: a nova evangelização dos nativos virtuais. São Leopoldo – RS: **Congresso estadual de teologia - EST** v. 1, p. 84. 2013.

¹⁸ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 46-47.

¹⁹ MONTEIRO, Silvana Drumond; PICKLER, Maria Elisa Valentim. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, p. 4 e 6, 2007. *apud* Cascais, n.p.

²⁰ SPADARO, Antonio. **Ciberteología: Pensar el cristianismo en tiempos de red** (Spanish Edition). Herder Editorial, 2014. Edição do Kindle.

SPADARO, Antonio. **Quando a fé se torna social: o cristianismo no tempo das novas mídias** [livro eletrônico]; tradução: Renato Ambrosio. São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Temas de atualidade, p. 12.

²¹ VARJÃO, Rudinei. **A comunicação do evangelho no ciberespaço: Análise da contribuição dos Youtubers evangélicos para a igreja contemporânea**. Faculdades Batista do Paraná, Curitiba – PR 2019. (Dissertação, 221 p.), p. 22-24.

pregação cristã na sociedade da informação” e “Pregação em transição: uma perspectiva homilética desde América Latina e Brasil”²².

Ao desenvolvermos a justificativa para essa pesquisa, nos voltaremos para história com o intuito de observar que os momentos de crise aceleraram o processo de desenvolvimento e transformações, pois cada período impôs à Igreja a necessidade de adequação e evolução constante. Isso nos leva a considerar que, da mesma forma como aconteceu no passado, hoje, também importa repensar se as estruturas continuam adequadas às novas necessidades ou se precisam de adaptação ou ajuste.

Alguns momentos na história fazem com que a humanidade assuma uma postura mais reflexiva na busca por significado e essa busca por respostas passa por questões religiosas, a fim de compreender o que os sinais do tempo representam. Mário Antônio Sanches, ao ponderar sobre a questão, afirma que, em momentos assim, o sofrimento não pode ser visto como uma experiência secundária, já que ele pode levar à morte que é a barreira final que todos nós teremos que enfrentar. Isso gera duas questões: “a questão do sentido da existência e do valor da vida humana”. E acrescenta:

As grandes religiões, para não dizer todas, apresentam-se como uma resposta para o sofrimento, um sentido para a vida, apesar da realidade empírica da morte. Em todas as religiões a transcendência é afirmada, e a afirmação da transcendência é a teimosia em dizer que o sentido da existência não se esvai com a morte. Sendo a experiência do sofrimento e da morte fundamentais para as religiões, não se pode ocultar ou negar a relevância da religião em tempos de pandemias, como a de COVID-19.²³

Em março de 2020, o mundo foi surpreendido com o surgimento de uma doença que começou na China e, em pouco tempo, se espalhou para todo o mundo, a covid-19. Por seu alto índice de contaminação e pouca informação conhecimento sobre as possibilidades de tratamento, a pandemia gerou a necessidade de isolamento em todo o mundo. Todas as atividades que não fossem consideradas essenciais pelos governos tiveram que ser interrompidas. Assim, escolas, cinemas,

²² ADAM, Júlio César; REBLIN, Iuri Andreas; SALDANHA, Marcelo Ramos. Igreja em rede e liturgia *on-line*, é possível? **Estudo Teológico**. São Leopoldo - RS, v. 60, n. 2, p.598-609. Maio/ago. 2020.

ADAM, Júlio César. Pregação em transição: Uma perspectiva homilética desde América Latina e Brasil. **International Journal of Homiletics**. V. 1 n.1, 2016, p. 11-20.

ADAM, Júlio César. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo – RS, v. 53, n. 1, p. 160-175, 2013.

²³ A. SANCHES, 2020, p. 139-152

teatros, shopping centers, restaurantes, bares e até as igrejas foram obrigadas a encerrar suas atividades presenciais e buscar novas formas para continuar em funcionamento.

A igreja precisou fechar suas portas físicas, mas Thom S. Rainer, escrevendo a partir desse contexto de pandemia, salienta que igreja não é o prédio, o local de culto, as instalações, nem mesmo as muitas atividades realizadas, mas pessoas reunidas a fim de prestarem culto, de servir a Deus e ao próximo²⁴. J. J. Von Allmen acrescenta que “a igreja é o povo reunido por iniciativa de Deus”²⁵ e Heber Carlos de Campos Júnior, em seu artigo “O valor do culto público na vida cristã” acrescenta que, se antes a preocupação se dava quanto à forma, ao como cultuar agora é preciso considerar se realmente precisamos estar juntos em um mesmo local físico para que haja um culto²⁶.

Cientes de que não é possível abordar todos as nuances que esse novo tempo impõe, o trabalho irá repensar a pregação levando em consideração as implicações que as crises trouxeram para anúncio da Palavra, para a estrutura de culto e para a comunhão das igrejas. Assim pretende-se identificar os impactos e as possíveis respostas às questões, no passado e no presente.

Para trazer luz à essa questão, precisamos antes, definir o que é Igreja, o que vem a ser culto e dentro do contexto de culto as questões inerentes à homilética. Assim, começamos por registrar o termo “Igreja”, grafado com a primeira letra maiúscula como “comunidade de todos os cristãos de todos os tempos” conforme a definição de Wayne Gruden²⁷, e “igreja”, toda grafada em minúsculo para identificar a igreja local em concordância com Erickson Millard, que trabalha o conceito a partir da palavra grega “*ἐκκλησία* - *ekklesia*” para definir igreja como assembleia de cidadãos de uma localidade²⁸. Corrobora esse entendimento a Declaração Doutrinária da Convenção Batista do Brasil, em seu capítulo VIII, que declara: “igreja é uma congregação local de pessoas regeneradas e batizadas após profissão de fé”.

²⁴ RAINER, 2020, p. 15 e 16.

²⁵ ALLMEN, 2005, p. 42.

²⁶ CAMPOS JÚNIOR, H. C. O valor do culto público na vida cristã. **Fides Reformata XXVII**. São Paulo, N1. p. 45-60, 2022.

²⁷ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática: Atual e exaustiva**. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 715.

²⁸ MILLARD, Erickson. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 438.

Millard defende que a Igreja não foi criada com um fim em si mesma, há um propósito e uma função estabelecida: dar prosseguimento à obra iniciada por Jesus. Desta forma ele apresenta quatro funções principais: evangelização, edificação, adoração e preocupação social.

A adoração e a preocupação social dizem respeito ao relacionamento do indivíduo com Deus e ao relacionamento e serviço ao próximo. A primeira centra-se no Senhor e conforme orientado por Paulo em Colossenses 3.16, se dá por meio do conhecimento da Palavra, do aconselhamento e da instrução mútua e da adoração. A segunda conduz à prática do amor, ao identificar e atender a necessidade daqueles que vivem à margem da sociedade e carecem tanto do cuidado físico quanto do espiritual tendo por referência a reprodução prática do mesmo amor pleno e sacrificial que recebemos de Deus através de Jesus.

A evangelização, contudo, é a primeira preocupação da Igreja, sua principal função e isso se dá por meio da proclamação da Palavra, o que pode ser observado nas palavras de Cristo em vários trechos da Bíblia²⁹. Merece destaque o fato de que esse foi o último assunto tratado com seus discípulos, quando receberam a ordem de testemunhar de Cristo, fazer discípulos, desde Jerusalém até os confins da terra, ensinando-os a guardar, obedecer e batizando-os em nome de Jesus.

A edificação dos salvos é a sequência lógica para o crescimento daqueles que se achegam a Cristo, visto que precisam estar aptos a segui-lo e isso se dá por meio do ensino, da pregação, do conhecimento e da prática da Palavra, e do exercício dos dons individuais que nos são dados para a edificação mútua do corpo de Cristo, que é a igreja.

Após definir o que é Igreja e suas funções, passamos a considerar o que é culto cristão. Segundo James F. White, essa é uma tarefa árdua devido a sua complexidade, mas defende que é possível fazê-la pela análise das palavras utilizadas para identificar a atividade, pelo que é praticado nele e pelo conceito do que vem a ser culto tomando-se por base a análise das palavras que lhe dão nome.

Assim, White e outros pensadores cristãos vão definir culto da seguinte forma: “o culto cristão é a auto-revelação (*sic*) de Deus em Jesus Cristo e a resposta

²⁹ Para citar alguns: Mateus 9.37-38, 24.14, 28.19-20; Marcos 16.15; Lucas 24.46-49; João 10.16, 17.20; Atos 1.8, 13.2-3, 20.24; Romanos 1.16, 10.11-15; 1 Cor 9.16-17. Todos os textos bíblicos citados nesses estudos terão por base a tradução Almeida Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil.

do ser humano”. Nas palavras de Paul W. Hoon, deve ser cristocêntrico e pautado nos eventos da salvação. Para Jean-Jacque Von Allmen o culto “resume e confirma sempre de novo a história da salvação cujo ponto culminante se encontra na intervenção encarnada do Cristo.” Georg Florovsky concorda com Hoon ao afirmar que “[o] culto cristão é a resposta dos seres humanos ao chamado divino, aos ‘prodígios’ de Deus, culminando no ato redentor de Cristo”, destacando a experiência comunitária do culto como ato de adoração coletiva expresso como gratidão, amor e vida de santidade³⁰.

White segue defendendo que também é possível definir culto cristão a partir das palavras que são utilizadas para identifica-lo nas mais diversas línguas, como “Gottesdienst”, termo alemão que abraça o conceito do serviço mútuo de Deus e de seu povo, ou liturgia, palavra de origem grega que indica o trabalho público; e por meio da descrição daquilo que é vivido e praticado como ato de culto como o calendário litúrgico, os ofícios, a estrutura, a oração pública e particular, o louvor, a leitura e a pregação da Escrituras³¹.

Por fim, é importante conceituar homilética, pregação, sermão e prédica. De acordo com Russel Norman Champlin, a palavra homilética deriva do grego *omiletickós* e é traduzido por sociável. Está conectada à retórica, podendo ser conceituada como a arte de produzir sermões. Como disciplina, está ligada ao ramo da Teologia Prática e das regras relativas à pregação. Dessa palavra advém o termo *homilia*, que eram comentários de trechos bíblicos, que mesmo sendo realizados em um contexto de culto, apresentavam características de informalidade, já o sermão (*oratio* – latim) está ligado a um contexto mais formal e estruturado³².

Jilton Moraes contribui definindo sermão como “discurso religioso que comunica a Palavra de Deus, visando a mudanças comportamentais nos ouvintes” e ainda trabalha o termo prédica com o mesmo significado.³³ Adam citando Knox acrescenta, “O sermão é uma oferta a Deus – ou antes, é o pregador oferecendo-se

³⁰ WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. Tradução de Walter Schlupp – São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 14-18.

³¹ WHITE, 1997. p. 12-14 e 19-20

³² CHAMPLIN, Russel Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 6 v. São Paulo, SP: Editora e Distribuidora Candeia, 1997.

³³ J. MORAES. **Homilética: da pesquisa ao púlpito**. São Paulo: Editora Vida, 2005. Edição do Kindle.
J. MORAES. **Homilética: do ouvinte à prática**. São Paulo -SP: Editora Vida, 2013.

a si mesmo a Deus – e o preparo é um ato disciplinado de devoção”³⁴. D. Martyn Lloyd-Jones, por sua vez, separa o ato de anunciar (pregar) da preparação que o antecede e afirma que o sermão (prédica) é o conteúdo daquilo que será entregue (pregado). Assim, “Podemos ter uma boa pregação, mesmo com um sermão deficiente”³⁵. podemos entender Homilética como a “arte de produzir sermões” e os termos sermão ou prédica como a preparação que envolve o estudo, a interpretação e o registro dos pontos que serão anunciados em um momento de pregação. Isso nos leva a buscar o significado de um outro termo: pregação.

Wilhan José Gomes, conceitua pregação como Deus utilizando “elementos humanos para comunicar uma Palavra aos próprios homens”, e acrescenta à análise, o termo *kerisso* como sendo algo anunciado por um arauto, o que demanda “uma interpretação atualizada da vida a partir da visão de Deus”³⁶. Adam acrescenta que “todo o ser do pregador, sua justiça e seu pecado, sua dor e esperança, sua dúvida e sua fé são meios através dos quais a pregação se faz audível” e, tratando o tema sob uma perspectiva polifônica, surge o imperativo de buscar novas formas de linguagem, bem como recursos para se transmitir o evangelho, apontando para o fato de que a pregação não se limita à proclamação no púlpito, mas permeia todo o culto, falando por meio “dos ritos, gestos, toques, símbolos e cores, tempos e calendários, arquitetura, imagens, movimentos, música, hinos, cantos e manifestação da voz do Evangelho”³⁷.

Pregar como oferta precisa de sacrifício vivo, requer conhecimento da nova cultura da mídia e da comunicação: entender como as pessoas das diferentes gerações ouvem, como e o que retêm de informações, como organizam dados captados, como são mobilizadas pelas mídias, pelas imagens e recursos é algo imprescindível na tarefa homilética.³⁸

Dessa forma, a pregação pode ser entendida como proclamação das boas novas e, em um contexto anterior, ela se dava do alto de um púlpito, quase sempre transmitida por alguém com algum tipo de preparo teológico. Contudo, ao

³⁴ ADAM, 2013, p. 173. *apud* KNOX, 1964, p. 76.

³⁵ LLOYD-JONES, D. Martyn. *Pregação e pregadores*. São José dos Campos – SP: Editora Fiel, 2008. Tradução de João Bentes Marques, Alexandre Meimarides e Marilene Paschoal. Edição do Kindle.

³⁶ GOMES, Wilhan José. **A arte da pregação**: um manual para iniciantes. Londrina – PR: Descoberta, 2011.

³⁷ ADAM, 2013, p. 171.

³⁸ ADAM, 2013, p. 173.

observarmos a definição estendida apresentada por Adam, podemos dizer que desde a entrada no local de culto tudo reflete o anúncio do evangelho. Isso pode ser percebido pelo cuidado com o local, pelo zelo, pela limpeza, pela organização, pela demonstração de amor desde os recepcionistas da igreja, passando por todo momento de celebração até o ato final com o zelador permitindo que, quem desejar, possa ficar um pouco mais para conversar antes de voltar para seus lares.

Diante do exposto discorreremos, no primeiro capítulo, sobre a comunicação da Palavra em uma linha temporal a partir das referências veterotestamentárias analisando a transmissão da Palavra e a estrutura de culto, a partir das funções dos líderes das famílias e dos clãs, dos profetas, sacerdotes e do rei. No segundo capítulo, trataremos da pregação desde o período neotestamentário abordando o estilo homilético de Jesus, dos apóstolos e dos Pais Apostólicos. No terceiro capítulo, abordaremos a homilética do período medieval até a era moderna, o declínio teológico e sua recuperação a partir do surgimento das Ordens Mendicantes, da Reforma Protestante e dos movimentos Pós-reforma como, o Pietismo e o Puritanismo. No capítulo quatro, será trabalhada a homilética dos séculos XIX e XX, onde abordaremos o período das Missões, o Movimento Liberal, o Evangelho Social, o Fundamentalismo, o Pentecostalismo, a Neo-ortodoxia e a pregação nos meios de comunicação.

A partir do capítulo cinco, pontuaremos questões concernentes à Igreja atual, imersa em um período pós-pandemia, abordando questões sobre a transformação da forma de comunicar o evangelho e o ciberespaço como meio de comunicação em massa, traçando resumidamente um histórico da criação e da influência da internet e das redes sociais no comportamento e na forma de se comunicar em sociedade, olhando para o ciberespaço, não apenas como um meio de comunicação, mas como a possibilidade de um novo campo missionário e para tanto abordaremos a questão das redes sociais, seu funcionamento, o perfil de usuários, os métodos e as formas como poderemos anunciar o evangelho de maneira eficaz nesse novo campo que nos permite romper as barreiras geográficas, culturais e temporais, visto que a mensagem permanecerá ao alcance de um clique a todos que desejarem acessar enquanto a internet e as redes sociais existirem.

Por fim, concluímos buscando responder à questão central: Em que medida as crises vividas no passado e no presente, conduziram a Igreja a um repensar suas estruturas e quais as implicações da covid-19 para anúncio da Palavra, para a

estrutura de culto e para o evangelismo diante da demanda crescente do envolvimento no contexto do ciberespaço? Buscaremos ainda responder às seguintes secundárias: O formato híbrido pode ser visto como o lugar onde os membros podem ter a liberdade para transitar com a mesma qualidade de ensinamento, acolhimento e serviço entre o ambiente presencial e o virtual, ou deve ser visto como um caminho que começa no ambiente virtual, onde é franqueada a possibilidade da interação em um modelo híbrido, mas que definitivamente conduza aqueles que se aproximam à experiência mais completa do que é ser igreja, que só pode ser usufruída no formato presencial?

2 ASPECTOS DA PREGAÇÃO NA COMUNIDADE CRISTÃ PRIMITIVA

Iniciamos a pesquisa percorrendo sobre o culto a partir de sua origem veterotestamentária. Segundo Hans-Christoph Schmidt-Lauber, a vida cultural do judaísmo se deu em duas vertentes: o culto no Templo e o culto na sinagoga. O primeiro ocorria exclusivamente sob a direção de sacerdotes e levitas com a participação do povo limitada ao pagamento de imposto do Templo, a participação nas festas de peregrinação e a entrega de ofertas e sacrifícios³⁹.

White acrescenta que o culto sinagoga surge a partir dos anseios nacionalistas durante o exílio babilônico, quando já não existia o Templo de Jerusalém. Essa estrutura manteve a unidade do povo preservando a língua, a cultura, a fé e a esperança através do ensino, da leitura pública e da aplicação das Escrituras à vida cotidiana a partir da interpretação dos acontecimentos históricos de Israel. “É oralmente que as memórias coletivas da comunidade são lembradas e reforçadas”⁴⁰, assim, ao recordarem os grandes feitos de Deus, consolidavam sua fé e a transmitiam às gerações futuras.

Recordar o que Deus fizera e regozijar-se nessas memórias - isto seria culto ou instrução? Não importa muito, o resultado é o mesmo. Israel conseguiu sobreviver através do culto quando incontáveis outros reinos foram arrasados pela espada. E o poder de recordar, reforçado pelo culto geração após geração, foi formidável demais até mesmo para a tirania da Babilônia.

⁴¹

O culto sinagoga prescindia do sacerdote, visto que bastavam dez homens e a Palavra de Deus para se organizar uma sinagoga.⁴² Schmidt-Lauber acrescenta que a estrutura de culto na sinagoga era basicamente composta por duas partes: a oração e a interpretação das Escrituras, visto que “o fator constitutivo para o culto sinagoga não é o local sagrado, e sim a assembleia dos membros do povo”⁴³.

³⁹ SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. MEYER-BLANCK, Michael e BIERITZ, Karl-Heinrich. **Manual de Ciência Litúrgica**. Tradução de Luiz Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos litúrgicos da Faculdade EST, 2011. p. 63, Primeira parte: Fundamentos do culto cristão.

⁴⁰ WHITE, 1997, p. 111

⁴¹ WHITE, 1997, p. 112

⁴² WHITE, 1997, p. 111- 113

⁴³ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 64

White ainda destaca que, mesmo possuindo uma estrutura rudimentar, o culto sinagoga apresenta uma pregação centrada nas Escrituras e na convicção da ação de Deus em todo o processo de proclamação, por crer que “Deus usa as nossas vozes para proferir a sua palavra”⁴⁴, concluindo que o poder não está no arauto, mas na ação de Deus que o usa para transformar a quem que se dispõe a ouvir e obedecer.⁴⁵

Ramos sustenta que a homilética cristã tem sua origem na responsabilidade atribuída aos sacerdotes pela obrigação de ler e explicar a Palavra de Deus, como feito por Esdras; aos reis quando instados não apenas a agir de forma correta, em conformidade com as Escrituras, mas também quando deveria exigir que o povo agisse dentro do mesmo padrão; aos chefes dos clãs e aos pais de famílias quando explicavam o sentido das festas e das cerimônias religiosas e pelos profetas por serem voz de Deus para o povo chamando-os ao arrependimento, denunciando o pecado do povo e as injustiças dos juizes e governantes e aos líderes religiosos e governantes.

C. Harwood Pattison afirma: “pode-se dizer que a história da pregação cristã, como a temos hoje, teve início com os profetas hebreus”⁴⁶, quando denunciavam o pecado, clamavam pelo sofrimento do povo ao ponto de viver o discurso por meio de em ações práticas aplicadas em suas vidas repletas de significados simbólicos, como demonstrado na vida do profeta Oseias. Ramos vai acrescentar que “[a] práxis dos sacerdotes, líderes e, principalmente, a dos profetas, definiu o que viria a ser a homilética cristã dos primeiros séculos”⁴⁷.

Podemos resumir considerando que a estrutura do culto no Velho Testamento a partir do exercício das funções no Templo, ao ensinar e anunciar a Palavra por meio de ritos, símbolos e recitações; do culto nas sinagogas que priorizavam a oração, o ensino, a leitura e a aplicação do texto ao cotidiano e por fim da orientação familiar e das lideranças dos clãs, quando explicavam os significados de cada festa e das passagens lidas e recitadas nesses momentos, isso posto,

⁴⁴ WHITE, 1997, p. 125

⁴⁵ WHITE, 1997, p. 123- 125

⁴⁶ RAMOS, Luiz Carlos. **A pregação na idade média**: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea. São Bernardo do campo – SP: Editora da Faculdade Teológica Metodista de São Bernardo do Campo, 2012. p. 28-36. *Apud* PATTISON, 1903, p.3

⁴⁷ RAMOS, 2012, p. 39.

passamos a observar o discurso homilético em linha temporal a partir do primeiro século analisando a forma e a linguagem nos discursos e ensinamentos de Jesus, dos apóstolos e dos pais apostólicos.

2.1 A PREGAÇÃO NOS DIAS DE JESUS

Considerando que o povo já estava habituado à leitura das Escrituras seguida de uma explicação e uma possível aplicação do texto nos cultos das sinagogas, podemos observar uma característica distinta na pregação de Jesus, ela transcendia a teoria e a letra fria do discurso, lançando luz sobre o texto, explicando e aplicando as Escrituras “como quem tem autoridade”, conforme registrado em Mateus 7.29 e Marcos 1.22.

Ramos destaca que, em Lucas 24.15, no texto intitulado “o caminho de Emaús”, o verbo grego utilizado para a conversa que eles estavam tendo durante o caminho é *homileo*, que descreve um diálogo afetivo e familiar. O verbo vem da mesma raiz das palavras *homilia* e *homilética*, que podem ser traduzidos como “estar em companhia de” ou simplesmente conversar. Assim, enquanto os discípulos mantinham esse diálogo a caminho de Emaús, Jesus se aproxima, *eggizo* é a palavra grega que se traduz por “estar perto, ao alcance da mão” e finalmente é utilizado *sumporeuomai* que se traduz por “caminhar junto ou assumir uma estratégia ou curso de ação com vistas a resolver uma situação difícil”⁴⁸.

É exatamente isso que caracteriza a forma como Jesus anunciava a Palavra. Longe de ser técnico, teórico e distante, era próximo, afetivo, familiar sem, contudo, ser simplista. É algo como uma conversa que podemos ter em casa, com ensinamentos profundos, mas anunciado com a simplicidade de uma conversa ao redor de uma mesa onde todos podem tirar suas dúvidas, apresentar suas ideias e conclusões, onde se pode abrir o coração e, sem medo, revelar a intimidade de seus sentimentos, onde se pode chorar ao ser confrontado com a realidade de seus

⁴⁸ RAMOS, Luiz Carlos. **A conceituação da homilética em perspectiva histórica**. 7 de fev. de 2011. Disponível em: <https://www.luizcarlosramos.net/a-conceituacao-da-homiletica-em-perspectiva-historica/> Acesso em: 3 de nov. de 22.

pecados, exatamente como Jesus fez várias vezes com seus discípulos, quando os reuniu para explicar o significado de algumas parábolas e ensinamentos.

Dizer que sua pregação era simples não significa subestimar toda a complexidade de seus recursos comunicacionais. Nesse sentido, note-se o uso que, segundo seus historiadores, Jesus fazia da linguagem imagética, do raciocínio analógico, das figuras de linguagem, particularmente as metáforas, da cenografia, das possibilidades acústicas, da linguagem corporal, etc. Suas parábolas são peças discursivas fascinantes e extremamente ricas do ponto de vista da capacidade comunicativa.⁴⁹

Dessa forma, Ramos apresenta o estilo de pregação de Jesus como a “homilética da convivência”. Para ele não havia a necessidade de uma estrutura formal para transmitir a Palavra. Mesmo tendo pregado algumas vezes no Templo de Jerusalém (Mateus 21.12; Marcos 11.11; Lucas 2.41-52, 19.47), sua mensagem e ensinamentos eram transmitidos a quem desejasse ouvir, a qualquer hora e em qualquer lugar, nas sinagogas (Marcos 1.21-22, Lucas 4.15-21, 44), às margens do mar da Galileia, como no texto da pesca maravilhosa (Lucas 5.1-11), no rio Jordão quando questionado sobre o divórcio (Marcos 10.1ss), nas estradas como fez aos discípulos no caminho para Emaús (Lucas 24.27ss), nas montanhas como no sermão do Monte (Mateus 5-7), nos vales e em lugares ermos como na multiplicação dos pães (João 6.5ss), em casas simples como a de Pedro (Marcos 2), em particular para seus discípulos (João 6.1-3) ou até mesmo de forma mais reservada, como na conversa como junto ao poço com a mulher samaritana (João 4).

De acordo com Ramos, sua mensagem era contextualizada, em linguagem simples, acessível, mas também profunda e impactante ao ponto de levar o ouvinte à reflexão e transformação. Era repleta de exemplos e ilustrações que explicavam e aplicavam a Palavra de Deus ao cotidiano, era proclamada com autoridade que não advinha dos cargos religiosos ou funções, mas do conhecimento, do testemunho e do poder de Deus manifestado em suas palavras e atitudes. Citando Pattison completa

[...] a homilética de Jesus não seria tão notável se estivesse restrita somente ao nível do discurso. A força persuasiva da sua pregação é reforçada por seu estilo de vida. Não se trata, portanto, da excelência do método, nem da abundância de recursos técnicos disponíveis. Sua prática

⁴⁹ RAMOS, 2012, p. 40-41.

discursiva refletia um estilo de vida dialógico e de interesse real por seus interlocutores, [...] ⁵⁰

Ramos, ainda citando Pattison, divide o estilo de pregação de Jesus em três períodos: o primeiro é mais ilustrativo representado pelo Sermão do Monte; o segundo caracterizado pelo ensino (oração, vida e aplicação dos mandamentos) com maior profundidade teológica e, por fim, o terceiro período representado por uma maior proximidade e intimidade dele com seus discípulos usando discursos mais doutrinários a fim de se revelar e prepará-los para o que iria acontecer. ⁵¹

2.2 A PREGAÇÃO NO PERÍODO APOSTÓLICO

Antes de adentrarmos na análise homilética dos apóstolos, cabe-nos um destaque. Nas páginas do Novo Testamento, especialmente nos evangelhos, encontramos a repetição de grandes trechos das Escrituras citadas de memória ou o registro de longos discursos feitos por Jesus em locais em que possivelmente não havia pessoas capacitadas nem material para o registro de trechos tão longos e com tanta riqueza de detalhes, por que isso ocorre? A explicação está na estrutura educacional dos judeus, que estimulava a repetição e a memorização.

De acordo com Antônio Carlos Soares dos Santos, a estrutura educacional judaica começava no lar, sob a responsabilidade dos líderes dos clãs, dos avós, dos pais e da família estendia que incluía os tios, os irmãos e os primos mais velhos, e tinha por função básica a transmissão dos ensinamentos morais, religiosos e as funções de ofício a fim de formar profissionais, que geralmente seguiam o mesmo ofício dos pais. O processo de ensino era iniciado aos cinco anos de idade e se dava por meio da observação e da repetição. Soares dos Santos vai definir como “aprendizado experiencial (fazer), ouvir, recitar e imitar” e, até os dez anos, a criança deveria estar apta a ler, escrever e recitar alguns trechos da Torá. ⁵²

Segundo Altair Germano, dos dez aos treze, a criança se dedicaria ao estudo das tradições; dos treze aos quinze, a Lei deveria ser conhecida e praticada;

⁵⁰ RAMOS, 2012, p. 40-42. *apud* PATTISON. 1903, p 22.

⁵¹ RAMOS, 2012, p. 43 *apud* PATTISON. 190, p 26.

⁵² SOARES DOS SANTOS, Antônio Carlos e RIBEIRO SANTOS, João Batista. A educação em contextos bíblicos. Artigo - **Revista Caminhando** v. 22, n. 1, p. 27-36, jan./jun. 2017.

com quinze anos, começava o nível avançado, quando o jovem deveria ser aceito em uma escola rabínica para continuar seus estudos aprofundando-se nos comentários e no material escrito por grandes rabinos com a finalidade de se tornar um doutor na Lei⁵³. Caso não fosse aceito por nenhuma escola rabínica, o jovem daria início a sua vida profissional desenvolvendo o ofício aprendido com seu pai e se prepararia para o casamento, que deveria ocorrer entre os vinte e vinte e cinco anos, conforme Soares dos Santos.

Na *Mishina* encontramos o tratado de ética dos pais que versa sobre as relações interpessoais e, no fim do capítulo cinco, ele declara:

[...] aos cinco anos de idade se deve começar o estudo das Escrituras; aos dez, o estudo da *Mishná*, isto é, a cultura oral judaica; aos treze, tem a obrigação de cumprir os mandamentos; aos quinze, deve estudar a *Guemará* do Talmude, ou seja, os comentários rabínicos das Escrituras; aos dezoito, o matrimônio; aos vinte, a perseguição de um meio de subsistência; aos trinta se alcança a força plena; aos quarenta, a compreensão; aos cinquenta, o talento para dar conselhos; aos sessenta, a velhice; aos setenta, a velhice madura; aos oitenta, mostra um sinal de força especial; aos noventa o corpo se enrugam; e aos cem é como se estivesse morto, desaparecido e suprimido do mundo (Pirkê Aboth 5.22).⁵⁴

Foi entre esses, que não tiveram a oportunidade de frequentar uma escola rabínica, e que, por volta dos quinze anos, encerram seus estudos formais para começar a vida profissional e constituir uma família, como Pedro fez, que Jesus escolheu seus discípulos. Ramos salienta que, embora possamos dizer que eles não possuíam o nível avançado na educação formal, não podemos considerá-los iletrados ou incultos⁵⁵.

Durante os aproximadamente três anos de ministério, Jesus ensinou seus discípulos a partir das experiências da vida cotidiana, como a observância e a obediência a Deus podem ser aplicáveis nas escolhas do dia a dia e, após a sua morte e ressurreição, aqueles que seguiam a Jesus, mas principalmente os apóstolos, foram chamados a dar continuidade à transmissão da Palavra e de seus ensinamentos. Contudo não reproduziam uma fórmula, eles tiveram a liberdade de

⁵³ GERMANO, Altair. **A educação judaica nos dias de Jesus**. 4 de maio de 2021. Disponível em: <http://altairgermano.com.br/a-educacao-judaica-nos-dias-de-jesus/> . Acessado em: 14 de nov. de 2022.

⁵⁴ Pirkei Avot, Ética dos pais. *Mishiná*. [s.d.] Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1090121/jewish/Pirkei-Avot-tica-dos-Pais.htm. Acessado em: 14 de nov. de 2022.

⁵⁵ RAMOS, 2012, p. 63.

imprimir seu estilo em conformidade com suas características individuais e de acordo com as necessidades e desafios que encontravam em sua caminhada.

Lopes ainda acrescenta que “Jesus escolheu esses homens não por aquilo que eles eram, mas por aquilo que eles vieram a ser. E vieram a ser não por desenvolverem seu potencial, mas pela transformação operada neles por Jesus e pela capacitação do Espírito Santo.”⁵⁶

Jesus envia seus discípulos a pregar (cf. Mt 10.27; 28.18ss.; Jo 17.18...). Após Pentecostes, discípulos tomam-se apóstolos. Tomados pelo Espírito Santo, testemunham vida, ação e morte de Jesus. Anunciam a grande nova: a ressurreição de Jesus. Pregam-no como sendo o Cristo (cf. At 2.36). Sua pregação leva pessoas à conversão e ao Batismo. Forma-se a comunidade. Nela, culto e vida se fundem (cf. At 2.42ss.). Em sua vida, a pregação torna-se elemento essencial. Tão vital quanto orar e louvar a Deus, repartir o pão e viver em comunhão entre irmãos e irmãs.⁵⁷

Destacamos dois pregadores para exemplificar a forma como a Palavra foi anunciada nesse período, Pedro e Paulo. Ao analisar a pregação de Pedro observaremos a adoção de um caráter mais íntimo e personalista, mais próxima ao estilo de Jesus. Já as pregações de Paulo apresentavam uma estrutura mais elaborada e erudita. De acordo com Carlos Cesar Silveira, Pedro procurou viver de forma simples e próxima a seus ouvintes. Seus discursos são frutos das exortações que sofreu e daquilo que aprendeu na caminhada cristã, na observação das dificuldades e das lutas enfrentadas pela igreja primitiva, o que gerou um estilo de mensagem mais voltado ao encorajamento.⁵⁸ A escolha homilética mais parecida com a de Jesus, levou Pedro a ensinar pelo exemplo e testemunho de vida, como é possível observar em sua primeira pregação registrada em Atos. Ramos citando Pattison destaca que a pregação de Pedro começa apresentando os registros históricos a fim de apontar o cumprimento das profecias na vida de Jesus revelando-o como o Messias aguardado por judeus e encerra com uma exortação ao arrependimento. É uma prédica direta e sem elementos subjetivos.⁵⁹

Silveira acrescenta ainda que, em sua primeira epístola, é possível observar que, além do envolvimento na mensagem, ele não prega como alguém que está

⁵⁶ LOPES, Hernandes Dias. **Pedro: pescador de homens**. São Paulo: Hagnos, 2015. E-book.

⁵⁷ STRECK, 193, p. 171

⁵⁸ SILVEIRA, Carlos Cesar. **A constituição ética dos apóstolos Paulo e Pedro em textos Bíblicos**. Universidade de Franca - Franca - SP. 2013. (Dissertação, 120 p.)

⁵⁹ RAMOS, 2012, p. 47-49.

apenas apontando os pecados e os erros à distância. Ele exorta à prática de uma vida santa, sóbria, moderada e à manutenção da fé e da esperança na certeza da graça manifestada de Jesus, e o faz de forma tão próxima a seus ouvintes ao ponto de poder chamá-los de “amados” (1Pe 2.11). Citando Verzola, Silveira acrescenta: “[...] essas formas amigáveis e simpáticas de se relacionar com o auditório indicam uma estratégia por parte do orador que, já no exórdio, busca gerenciar sua relação com seu público com vistas a angariar sua adesão.”⁶⁰

Com relação a Paulo, Ramos salienta que, apesar de ter sido responsável por treze dos vinte e sete livros do Novo Testamento, suas pregações são breves, sintonizadas com a realidade do ouvinte, estruturadas de forma a despertar a curiosidade da audiência sem deixar de ser firmes e persistentes na apresentação da necessidade de uma transformação de vida, além de possuírem boa base teológica e cultural⁶¹.

Silveira destaca que as epístolas de Paulo fazem dele uma referência para a Igreja que surge e uma ameaça para a estrutura religiosa vigente e para o Estado. Assim, em meio as perseguições, a mensagem de Paulo são permeadas de consolo ao declara que o tem recebido de Deus para poder consolar a outros (2Cor 1.4), de alegria em poder testemunhar por meio de ações práticas como deveria ser uma vida de santidade, retidão e comunhão com Deus, mesmo diante das tribulações que enfrentava.⁶²

2.3 A PREGAÇÃO NO PERÍODO PATRÍSTICO

Com a morte dos últimos apóstolos, tem início o período Patrístico, segundo Inácio de Medeiros identifica a Patrística ocorre por volta da década de 90 a.C., e se encerra no século V. A marca desse período foi a transição da liderança, pois

⁶⁰ SILVEIRA, 2013, p. 71 *apud* Verzola. 2011, p. 44-45.

⁶¹ RAMOS, 2012, p. 44-47

⁶² SILVEIRA, 2021, p. 44-48.

aqueles que eram presbíteros, pastores e bispos, os chamados “pais”, assumiram a liderança da igreja⁶³.

Sanches destaca que, em momentos de graves crise, todos são chamados a trazer uma resposta à sociedade inclusive e principalmente aqueles que são ligados à religião e à espiritualidade. Foi o que aconteceu neste período marcado pela perseguição dos judeus e dos romanos e pela primeira peste⁶⁴ de que se tem registros, a peste Antônia, ou “peste de Galeno”, médico romano que a identificou e a descreveu.

Importante destacar que a visão ética, moral e religiosa da época levava à conclusão de que as epidemias, a escassez e os desastres naturais eram “castigo dos deuses”. Assim, para abrandar a fúria dos deuses e afastar o mal era necessário identificar o culpado – uma pessoa ou um grupo – para lançar sobre ele(s) a responsabilidade por tudo que estava acontecendo na expectativa de que a eliminação do culpado faria cessar a dificuldade. Sanches citando Gozalbes registra:

No primeiro século do cristianismo, Tertuliano registra uma situação em que os cristãos eram perseguidos, e desta forma, eram considerados culpados de todas as doenças e epidemias que se abatiam sobre a população. “Se o (rio) Tigre transborda... se a fome e a peste chegam então gritam: cristãos aos leões!”.⁶⁵

Maria Nagila de Oliveira Cláudio Nascimento explica que Cipriano de Cartago, visando a preservação do cristianismo e dos cristãos, promove a unidade entre os vários grupos cristãos, estruturando a Igreja, hierarquicamente em torno dos Bispos. A unidade potencializou a capacidade de auxílio aos necessitados que sofriam com as pestes e os que sofriam com as perseguições, além de gerar as condições ideais para o alinhamento teológico, ocorrido nos Concílios Ecumênicos, consolidando as doutrinas cristãs.⁶⁶ Aquiles Pereira do Amaral salienta que esse período foi marcado por heresias e perseguições, mas também por um forte apelo apologético e pelo surgimento de duas escolas.

⁶³ MEDEIROS, Inácio de. **A morte dos Apóstolos de Jesus**. 3 de mar. de 2021. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/historia-da-igreja/a-morte-dos-apostolos> . Acessado em: 15 de nov. de 2022.

⁶⁴ SANCHES salienta que os termos: pestilência, pragas, peste e epidemias são utilizados como sinônimos nos registros históricos.

⁶⁵ SANCHES, 2020, p. 140-143.

⁶⁶ NASCIMENTO, Maria Nagila de Oliveira Cláudio; DE LIMA, Daniel Barros. Cipriano cartago e sua eclesiologia no cristianismo histórico. **Pax Domini**, v. 2, n. 2, p. 42-57, 2017.

Uma escola oriental com forte influência da filosofia neoplatônica, uma abordagem teológica mística, uma pregação alegórica (estilo de pregação que prioriza a abstração, interpretando o texto sem buscar a intenção do autor ao escrever para os destinatários originais, mas no que o pregador consegue desenvolver a partir das “entrelinhas”, apoiando-se em seu conhecimento, em sua capacidade imaginativa, trazendo novo significado ao texto a partir de sua experiência espiritual e mística⁶⁷) e espiritualizada tendo por principais expoentes Filo de Alexandria e Orígenes.

A outra escola, de tradição ocidental, ancorava-se no direito romano, o que levava a uma interpretação mais literal dos relatos bíblicos. Entre seus expoentes podemos destacar Luciano de Samosata, Dionoro de Tarso e João Crisóstomo.⁶⁸ e ainda citando Bray destaca:

Foi importante estabelecer os credos doutrinários da igreja para limitar interpretação alegórica, devido aos desvios exegéticos que cresciam nesse período da igreja, “Uma vez que a doutrina da igreja estava estabelecida nos credos, era possível usá-los como regras para controlar a interpretação alegórica”⁶⁹

Segundo Ramos, o caráter mais íntimo das homilias de Jesus e dos discípulos, a partir do segundo século sob a influência grega, aos poucos começou a dar lugar à estrutura retórica, em que “os argumentos até então simples e suficientes, baseados unicamente nas Escrituras, agora carecem de complementação da opinião humana”. A influência grega faz-se notar já por volta do ano 150 nos escritos de Clemente, que busca inspiração em Homero para escrever sua segunda epístola⁷⁰.

Conforme Parker, a homilética ganha novos ares com a chegada de Orígenes, na primeira metade do séc. III, visto que, antes dele, os pregadores geralmente escolhiam e desenvolviam um tema e somente depois o ilustravam com um texto bíblico, o que deixava a pregação subjugada ao *fidei depositum* do

⁶⁷ LUFT, Joise Maria. A construção alegórica no sermão da sexagésima de António Vieira. **Revista Versalete**. Curitiba, v. 4, n. 7, jul./dez. 2016. p.198-213.

⁶⁸ AMARAL, Aquiles Pereira do, SANTOS SILVA, Elisabete dos, SANTOS VIANA, Núbia Lafaete, MOREIRA DOS SANTOS, Gláucia. A história da interpretação bíblica patrística e o dialogismo de Bakhtin. **Id on line – Revista multidisciplinar e de Psicologia**. V.14, N. 50 p. 1071-1086, Maio/2020 - ISSN 1981-1179. Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>

⁶⁹ AMARAL, 2020, p 1080 *apud* Bray, 2017, p 105.

⁷⁰ RAMOS, 2012, p. 49-50.

pregador, ou seja, a mensagemalaria apenas do que ele conhecia. Se fosse estudioso da Palavra de Deus, sua pregação seria permeada da Palavra, caso contrário, sua mensagem poderia estar vulnerável às heresias geradas por interpretações falaciosas, alegóricas, simplórias ou apenas cheia do conhecimento humano e esvaziada de Deus. “Orígenes transformou o sermão em uma exposição das Escrituras”, como feito nos primeiros séculos, a explicação e a aplicação partiam do estudo e da análise do texto, não da vontade ou capacidade do pregador.⁷¹

Orígenes (primeira metade do séc. III) é o primeiro teólogo de quem se conserva um grande número de prédicas (em tomo de 200). Percebe-se nele que a prédica já é parte essencial do culto. Ao pregar, Orígenes sempre comenta um texto bíblico. Tenta trazer conteúdo e atualização desse texto para a comunidade. Procura introduzi-la nos mistérios da Escritura e edificá-la, mais por conselho e consolo do que através de doutrinação.⁷²

A prédica ganha expressão na liturgia das comunidades a ponto de Justino Mártir destacar que todos habitualmente se reuniam no domingo, o dia do Senhor, para ouvirem as memórias dos apóstolos, os escritos dos profetas e, após as leituras, aqueles que presidem exortavam o povo à obediência e à santidade em conformidade com os textos lidos, seguido de oração em voz alta e a ministração do pão, do vinho e da água.⁷³

Edson E. Streck destaca que, mesmo sob a influência dos discursos filosóficos e retóricos, a consolidação do cânone (180 d.C.) tornou a pregação e o culto mais bíblicos, abordando temas dogmáticos, éticos e a apologéticos a fim de combater o gnosticismo. Neste período, a exortação e a aplicação feita após a leitura bíblica pela liderança passou ser proferida pelos bispos e, em alguns momentos, por presbíteros e pastores. Streck ainda ressalta que, na primeira metade do séc. III, a prédica já pode ser vista, não apenas como parte integrante do culto, mas como seu ponto principal.⁷⁴

Ramos destaca que, para melhor compreensão do desenvolvimento homilético, é necessário considerar os primeiros pais da igreja, a exemplo de Justino (séc. II d.C.) que “a prédica está presente no momento em que a comunidade se

⁷¹ Parker, T. H. L. **Os Oráculos de Deus**. Traduzido por Gabriel Lopes. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 19.

⁷² STRECK, 1993, p.172

⁷³ RAMOS, 2012, p. 49 *apud* HAMMAN, 1995, p. 30.

⁷⁴ STRECK, 1993. p.172-173

reúne para a celebração da Ceia: após a leitura das palavras deixadas pelos apóstolos ou dos escritos dos profetas”⁷⁵, quando se lia o texto Bíblico e na sequência o explicava, como em uma estrutura *parenética* (a *parênese* é uma forma de exortação, ocorre em um contexto eclesiástico, na reunião dos fiéis) ou *kerigmática* (o *kerygma* envolve o anúncio da palavra em qualquer local).⁷⁶

Também de meados do século 3º nos chegam várias homilias latinas atribuídas a Cipriano e a Hipólito. No entanto, o desenvolvimento homilético mais importante vem do Egito Greco falante, particularmente de Alexandria. É de Clemente de Alexandria o sermão mais antigo dessa escola: trata-se de uma exposição, verso após verso, de Marcos 10.17-31. Aí temos, em germen, a Homilia, entendida como gênero discursivo. E vale a pena nos determos neste aspecto da constituição da Homilética cristã.⁷⁷

De acordo com Parker, com a conversão do imperador (313 d.C) Constantino, o cristianismo começou a ser tolerado e a igreja passou a gozar de um pouco mais de liberdade e reconhecimento. Em termos de organização eclesiástica e do processo de formação homilética, toda essa popularidade não produziu frutos tão bons. Os dias de perseguição haviam gerado crentes conscientes e comprometidos com o conhecimento e a prática da Palavra, os sermões não eram estruturados para o entretenimento, mas para o amadurecimento e crescimento na fé. Contudo, agora, debaixo da proteção do imperador, com a congregação passando a ser formada por pagãos batizados e curiosos em busca de entretenimento, os sermões passaram a ser elaborados para dizer aquilo que o ouvinte desejava, não o que eles precisavam ouvir. Perderam a função de gerar transformação e crescimento para se tornarem espetáculos efêmeros, alegóricos e pensados para a diversão a ponto de serem aplaudidos.⁷⁸

Conforme Streck, também foi nesse mesmo período de muitos contrastes – séc. IV –, que a tarefa apologética e a pregação às massas são enfatizadas, a influência da retórica grega ganha destaque, principalmente na igreja do oriente, e são desenvolvidas técnicas de identificação de perícopes, o que permitiu que os textos bíblicos fossem lidos e explicados trecho por trecho sequencialmente na busca de uma aplicação à vida prática. As mensagens temáticas, as hagiográficas,

⁷⁵ STRECK, 1993. p.172

⁷⁶ RAMOS, Luiz Carlos. A pregação e a Bíblia. **Revista Caminho**. Artigo - V.16, N. 1 p. 19-28, jan/jun.2011. p.25

⁷⁷ RAMOS, 2011, p. 26.

⁷⁸ PARKER, 2016, p. 20.

que relembavam a vida dos santos e dos mártires e as dogmáticas, enfatizando a apologética ganharam forma sob a influência da retórica grega. Streck ainda acrescenta:

Entre diversos pregadores de renome, destaca-se Crisóstomo. Pregador de cidade grande (Antioquia), ele parte do texto bíblico e, após explicá-lo, aplica-o de forma magistral à situação concreta vivida pela comunidade. A prédica ultrapassa os limites do culto, alcançando inclusive pessoas cultas não muito identificadas com a Igreja⁸. Seus sermões trazem uma abordagem exegética, são voltados à prática, abordam temas eminentemente sociais.

Algo semelhante ocorre na Igreja ocidental. Pregador marcante é Agostinho (354-430): cerca de mil prédicas suas estão conservadas. Considerado mestre na homilia, consegue apresentar com clareza o conteúdo de uma perícopes, de forma a atrair a atenção dos ouvintes. É o primeiro a formular uma homilética (teoria a respeito da prédica). Mantém certa ligação à retórica clássica de Cícero. Consegue adaptá-la de modo peculiar à pregação cristã (seus métodos e intenções são legitimamente aceitáveis, se ajudam a conduzir à verdade: “*docere*”, “*delectare*”, “*flectere*”). A partir daí a Homilética não abandona mais o campo entre Teologia e Retórica.⁷⁹

Streck destaca, entre os pregadores do período, Crisóstomo de Antioquia, representante da Igreja do oriente, cujas prédicas exegeticamente elaboradas e estruturadas para ser relevantes e aplicáveis à vida cotidiana da população com temas eminente social, ultrapassou os limites físicos da igreja alcançando até os mais cultos e Agostinho de Hipona, representante da Igreja no ocidente, foi o primeiro a esquematizar uma estrutura homilética a partir do desenvolvimento e aplicação das técnicas de retórica. Essa união trouxe o benefício da técnica, mas também prejuízos, pois muitos se apegaram à técnica e se distanciaram do texto e “[...] o pregador passa a ser essencialmente orador, a igreja transformou-se em teatro, o altar vira palco e a comunidade é encarada como público”.

O vocábulo retórica (do grego, "rhetor", - orador numa assembléia) tem sido interpretado como a arte de falar bem ou arte de oratória, isto é, a arte de usar todos os meios e recursos da linguagem com o objetivo de provocar determinado efeito nos ouvintes. [...]

Córax formulou uma série de regras para dividir o discurso em cinco partes: Proêmio (prólogo); Narração; Argumentação; Observações adicionais; Peroração (epílogo). [...]

A partir daí, a palavra retórica passou a ser usada no campo da comunicação para descrever o discurso persuasivo, quer escrito ou falado.⁸⁰

A reação ao excessivo apego à técnica foi dar ênfase à poimênica e à dogmática, para que as análises, explicações e aplicações do texto bíblico fossem mais fiéis. Nesse período destacam-se pregadores como Crisóstomo e o próprio

⁷⁹ STRECK, 1993. p.172-173

⁸⁰ S. P. DA SILVA, 1992, p.17

Agostinho por conseguirem, a partir da explicação texto bíblico feita com clareza, aplicá-lo à vida cotidiana, atraindo e envolvendo os ouvintes, levando-os a um posicionamento de vida diante do que foi pregado. ⁸¹

Para esta pesquisa definimos o sermão temático ou tópico conforme Severino Pedro da Silva, que o caracteriza por não ter seu ponto de partida no texto ou perícopo bíblica, mas em um tema que será apresentado e desenvolvido durante a prédica, a partir dos conceitos e valores que o pregador deseja ressaltar, podendo para tanto ser fundamentado em questões filosóficas, psicológicas, sociológicas, éticas, biográficas, testemunhais, morais e até eventualmente em textos bíblicos que possam confirmar o que se deseja transmitir.⁸² James Braga acrescenta ressaltando que mesmo que um sermão temático tenha suas origens em um tema, e não necessariamente em um texto bíblico, “[...] Isso não significa que a mensagem não seja bíblica, mas apenas que a fonte do sermão temático não é o texto bíblico.”⁸³

⁸¹ STRECK, 1993, p.172-173.

⁸² S. P. DA SILVA, Severino Pedro da. **Homilética**: o pregador e o sermão. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias. 1992. p. 23.

⁸³ BRAGA, James. **Como preparar mensagens bíblicas**. São Paulo: Editora Vida.1999. p.17.

3 ASPECTOS DA PREGAÇÃO DA IDADE MÉDIA E MODERNA

O período que compreende os séculos V ao XV é identificado como Idade Média, e Streck o caracteriza como o tempo em que o cristianismo se espalhou no continente europeu, entre as tribos germânicas, motivado pelo uso da pregação em língua vernacular ⁸⁴, e pelo deslocamento do centro teológico cristão das margens do Mediterrâneo para o interior da Europa rumo ao norte, e pelo crescimento do islamismo, levando-o a refugiar-se em mosteiros na França, na Alemanha, na Inglaterra e norte da Itália, contudo, também foi um período de pouca produção teológica, escassos intercâmbios e crescente tensão com a igreja do oriente, conforme Lopes.⁸⁵

Mesmo com toda a riqueza teológica produzida no período anterior, Ramos revela que isso não se tornou uma herança automaticamente transferível para os primeiros séculos do medievo, esse período foi marcado pelo declínio na estrutura homilético-teológica, não havendo grandes pregadores como no período anterior, além de não haver a valorização adequada da pesquisa para interpretação e aplicação dos textos bíblicos. O discurso se tornou mais rebuscado, especulativo, filosófico, acadêmico e teologicamente complexo contrapondo-se à simplicidade da *homilia* do primeiro século, chegando ao extremo de apenas os bispos estarem aptos para o exercício homilético, e em sua ausência ou em locais mais distantes, os padres, diáconos e presbíteros deveriam apenas fazer a leitura de um sermão já escrito, colocando a prédica em segundo plano dentro da estrutura de culto e, colocando em seu lugar os ritos litúrgicos que se tornaram cada vez mais complexos, estruturados e teatralizados.⁸⁶

Outra característica do culto medieval foi o seu gradativo distanciamento da comunidade cristã. Segundo Basurko e Goenaga, com a multiplicação, nos séculos VI-VII, dos monges sacerdotes, que "têm na missa um exercício individual de piedade", generaliza-se a prática da "missa privada, celebrada apenas pelo celebrante, sem relação direta com uma assembleia presente ou com necessidades pastorais", e concluem ser esse "o exemplo mais

⁸⁴ STRECK, 1993, p.174.

⁸⁵ LOPES, Edson Pereira. **Fundamentos da teologia da educação cristã**. [recurso eletrônico]. 1 edição. São Paulo – SP: Mundo Cristão, 2019. p.665.

⁸⁶ RAMOS, 2012, p. 55

evidente do distanciamento entre o culto e a comunidade" que marcou o período.⁸⁷

Segundo Lopes, somente a partir do século VIII, pôde ser visto um florescer teológico, com o Renascimento promovido pela dinástica carolíngia, Carlos Martel, Pepino, Carlos Magno e Carlos, o Calvo, todos Imperadores do Sacro Império Romano que promoveram o crescimento espiritual em seu reino apoiando a fé católica até o fim do século IX⁸⁸. Streck acrescenta que nesse período, sob o governo de Carlos Magno e visando o aprofundamento do estudo dos textos bíblicos, se estabeleceu regras em relação à predica e à pregação regular em determinados textos nos cultos dominicais, o que gerou o surgimento das coletâneas de sermões e materiais para auxílio à elaboração homilética, e o declínio na originalidade e a criatividade devido ao baixo nível na formação teológica. O impacto dessa estrutura foi que, os anos seguintes, foram marcados pela simples leitura de sermões dos pais da igreja.⁸⁹

Lopes ainda pondera que entre o fim do século IX até o século XII, houve um novo ciclo de baixa produção teológica que se estende até o Renascimento do século XII, quando, sob a liderança de Papas hábeis e íntegros como Leão IX, Nicolau II e Gregório VII a formação teológica se desloca dos mosteiros para as catedrais urbanas, criando as condições necessárias para o surgimento das universidades, onde surge o movimento que viria a ser conhecido como escolasticismo, que dominou a estrutura do pensar teológico até o século XV.⁹⁰

Ramos afirma que esse foi um período marcado pela mística e pela Escolástica, cujo maior expoente foi Tomás de Aquino, e “tinha como problema fundamental levar o indivíduo a compreender a verdade revela por meio do exercício da atividade racional”⁹¹. De acordo com Lopes, na escolástica a Teologia e a filosofia deveriam andar juntas, devendo a primeira ser considerada como a rainha das ciências e a segunda como sua serva, e servido de apoio na busca pelas verdades bíblicas ancoradas na racionalidade.

⁸⁷ RAMOS, 2012, p. 55 *apud* BOROPIO, 1990, p. 84-85 e 90-91.

⁸⁸ LOPES, 2019, p.665-666.

⁸⁹ STRECK, 1993, p.174.

⁹⁰ LOPES, 2019, p.667-668.

⁹¹ RAMOS, 2012, p. 54

A Escolástica não confia apenas nas forças da razão para exercer sua tarefa, mas, segundo Abbagnano, chama em seu socorro a tradição religiosa ou filosófica, recorrendo às chamadas *auctoritates*. Isto é, o recurso à autoridade é procedimento típico da investigação escolástica que, aliás, apela para a “decisão de um concílio, uma máxima bíblica, a *sententia* de um padre da Igreja ou mesmo de um grande filósofo pagão, árabe ou judaico”.⁹²

Segundo Streck, o material homilético produzido no período se limitou à pregação temática enfatizando o arrependimento, as boas obras, as observâncias ritualísticas, o juízo final, o purgatório, a luta nas guerras santas (cruzadas) e posteriormente a luta contra os turcos⁹³. Assim, as prédicas se tornaram cada vez menos bíblicas e mais apoiadas nos oradores gregos, na filosofia Escolástica e na leitura dos grandes sermões dos pregadores do período Patrístico. Parker ainda acrescenta que: “[...] interpretações alegóricas perdiam cada vez mais o rumo e a doutrina se afastava (*sic*) cada vez mais da doutrina dos Pais e das Escrituras”.⁹⁴

Debates cada vez mais distantes da realidade do povo eram desenvolvidos, por exemplo: “Deus poderia ter se tornado um pepino, em vez de homem? Ou poderia Deus desfazer o passado, por exemplo, fazendo com que uma prostituta se tornasse virgem?” (MACGRATH, 2005, p.70), esses exemplos nos trazem uma prova do quanto às discussões do final do período escolástico se tornaram inúteis, triviais e desprovidas de relevância para a sociedade da época.⁹⁵

Entre os pregadores do escolasticismo destacaremos Bernardo de Claraval, que para Benjamin K. Forrest, era um homem com profunda paixão por Deus, refletida em sua pregação, a ponto de estimular seus ouvintes à prática de uma vida espiritual verdadeira e profunda. Seus sermões eram apoiados na Palavra e nos escritos de Orígenes e Agostinho, seguindo a interpretação alegórica e “[...] a prática quádrupla dos significados literal, alegórico, tropológico e anagógico.”⁹⁶

Carlos Ribeiro Caldas Filho salienta que durante toda a Idade Média houve um real interesse pela espiritualidade e uma busca por revitalização da fé. Muitos movimentos foram criados e considerados heréticos, outros, por sua proximidade com a Igreja, conseguiram se estruturar e permanecer. Entre eles podemos destacar

⁹² RAMOS, 2012, p. 54 *apud* Abbagnano, 2000, p. 344.

⁹³ STRECK, 1993, p.174.

⁹⁴ PARKER, 2016, p. 21.

⁹⁵ DE SOUZA RIBEIRO, Vinicius. Possíveis fatores que convergiram para o surgimento da reforma protestante. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 2, 2011. p. 3 *apud* MACGRATH, 2005. p.70.

⁹⁶ FORREST, 2020. p. 278-295.

os Valdenses (séc. XI), que defendiam a pobreza como estilo de vida, a fim de, na simplicidade conseguirem viver nos moldes da Igreja primitiva. Rejeitavam o uso de imagens, valorizavam a divulgação e o estudo da Bíblia. Os Albigenses (séc. XIII), por sua vez, buscavam uma vida de santidade e condenação à violência, rejeição às riquezas e à estrutura eclesiástica e negavam a trindade. Já os flagelantes (séc. XIII) grupo formado por pessoas do povo, praticavam o ascetismo como forma de disciplina espiritual para aproximá-los de Deus, criam que a salvação estava vinculada à estrutura da igreja, sendo também considerados heréticos. Com a exceção dos Valdenses, os outros grupos foram considerados heréticos. Apesar disso, todos sofreram perseguições e apenas alguns sobreviveram até o período da Reforma Protestante e foram recebidos por ela.⁹⁷

Lucas Cunha Nunes destaca que o surgimento de seitas heréticas e místicas no séc. XIII exigiu um posicionamento por parte da Igreja, respondido com as ordens mendicantes que contribuíram para o projeto de renovação religiosa, pelos vínculos criados entre esses frades e a população⁹⁸.

Philippe Rosa de Lima acrescenta que as ordens mendicantes eram unidas pelo ideal de pobreza e autonomia em relação às dioceses e se dividiam em quatro grupos: Os Domicianos ou Ordem dos Pregadores, que tinham por missão a conversão através da pregação que deveria combinar a fé e a inteligência na transmissão da mensagem de Cristo e o combate às heresias; os Franciscanos, que costumeiramente evitavam debates teológicos e entendiam que a mensagem original de Cristo era o amor, pobreza e a caridade; as Carmelitas e os Eremitas de Santo Agostinho.⁹⁹

Tais eram os pregadores místicos: faziam votos de pobreza e de castidade, entusiásticos e dedicavam-se à pregação em linguagem vernácula (enquanto o alto clero preferia o latim), e frequentemente buscavam

⁹⁷ CALDAS FILHO, Carlos R. Reformas antes da reforma: Investigando antecedentes da reforma luterana do século XVI. **Estudos teológicos**, v. 57, n. 2. 2017. p. 300-303.

⁹⁸ NUNES, Lucas Cunha. Era Domingos um dominicano? a construção do discurso hagiográfico e a Ordem dos Pregadores (1235-1298). Porto Alegre RS. **Repositório Digitalta UFRGS**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015. 48 p.

⁹⁹ LIMA, Philippe Rosa de. Reforma Papal e Ordens Mendicantes: um debate na longa duração. **Biblioteca digital da produção intelectual discente**. Universidade Brasília. 2009. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/4550>. Acessado em: 21 de nov. de 2022. p. 30-31.

inspiração na natureza e apelavam para o exemplo de Jesus, enfatizando sua humildade e pobreza.¹⁰⁰

As ordens mendicantes procuravam apresentar Cristo e convidar a uma decisão de segui-lo por meio de uma mensagem simples, repleta de elementos místicos, em língua vernacular e que valorizava e apontava as virtudes do desapego material para um povo que não possuía recursos. Isso os distanciava da estrutura formal da igreja cujas prédicas eram intelectualizadas, proferidas em latim do alto dos púlpitos, arquitetonicamente destacados em igrejas ricamente adornadas, Ramos, citando John Kerr, salienta que se “os escolásticos eram luz sem coração, os místicos eram coração sem luz”¹⁰¹.

Na Idade Média, portanto, enquanto a homilética era enriquecida pela prática mística das ordens mendicantes que pregavam nas cidades e nos campos, era empobrecida pelos abstratos discursos proferidos dos suntuosos púlpitos das catedrais. Enquanto, em alguns setores da hierarquia eclesiástica, a prédica conquistava as luzes da razão, o fervor místico dos pregadores mendicantes se encarregava de manter a porta dos fundos aberta para a passagem livre da superstição e da experiência religiosa emocional (por vias afetivas) e sensacional (por vias sensoriais).¹⁰²

Parker acrescenta que, além das ordens mendicantes, a escolástica alcançou desenvolvimento e proeminência, apoiando-se na filosofia aristotélica e no conhecimento científico. “Os escolásticos dispensavam a homilia e empregavam uma estrutura formal em seus sermões”, que eram divididos em cinco partes: 1. tema ou texto, dividido em três palavras principais pensadas para permitir o emprego de ritmo e rima ao sermão; 2. Pré-tema, que tinha a função de despertar o interesse; 3. introdução ao tema, com a finalidade de explicar o significado; 4. divisão em partes e 5. desenvolvimento das partes¹⁰³.

Streck conclui afirmando que, no séc. XIII, o foco da mensagem estava na descrição da Paixão de Cristo, mas, a partir do séc. XIV, os temas homiléticos transitariam entre os problemas da igreja e do povo, e ainda que a escolástica foi a “época áurea da prédica cristã”, pois trouxe à luz questões da vida, histórias ligadas

¹⁰⁰ RAMOS, 2012, p. 57.

¹⁰¹ RAMOS, 2012, p. 58 *apud* Os escritos de São Francisco de Assis, 1970, p. 182-183.

¹⁰² RAMOS, 2012, p. 58.

¹⁰³ PARKER, 2016, p. 21 e 22.

à vida dos santos (*hagiografias*), e introduziu, também, a partir do misticismo, a contemplação¹⁰⁴.

Caldas Filho destaca que o séc. XIV trouxe nomes como John Wycliffe, denominado posteriormente pela historiografia protestante, como A Estrela d'Alva da Reforma". Ele traduziu a Bíblia para o inglês, organizou grupo de pregadores leigos, os Lolardos, cujo significado da palavra holandesa é, literalmente, reclamador, resmungado, alguém que murmura orações e hinos. Esse grupo negava a riqueza eclesiástica, a transubstanciação, o celibato clerical, as orações pelos mortos e a não violência, além de defender "o serviço 'espiritual' em serviços seculares. Outro expoente do período foi Jan Huss, que combateu a salvação por meio das indulgências, criticou o baixo nível dos clérigos e possuía uma mensagem cristocêntrica, apesar de defender a doutrina do purgatório.¹⁰⁵

Com o fim da Idade Média se inicia a era Moderna marcada pelos grandes descobrimentos, período em que as nações europeias se lançaram às circunavegações e à colonização das novas terras. Esse era, que se inicia no fim do séc. XIV e se estende até meados do séc. XVIII, trouxe grande desenvolvimento em várias áreas e muita riqueza oriunda das terras colonizadas para os países europeus.

Paulo Jonas dos Santos Júnior acrescenta que nesse período a igreja Católica Romana exercia grande influência na sociedade, a ponto de ser a responsável pela coroação dos governantes. "O poder Papal era absoluto e inquestionável e em troca desse poderoso apoio, reis e governantes dispensavam grande auxílio financeiro à Igreja Católica."¹⁰⁶

O final da Idade Média foi marcado por muitas convulsões políticas, sociais e religiosas. Entre as políticas destacou-se a Guerra dos Cem Anos (1337-1453), entre a Inglaterra e a França, na qual tornou-se famosa a heroína Joana D'Arc. Houve também muitas revoltas camponesas, o declínio do feudalismo, a expansão das cidades e o surgimento do capitalismo. No aspecto social, havia fomes periódicas e o terrível flagelo da peste bubônica ou peste negra (1348). As guerras, epidemias e outros males produziam morte, devastação e desordem, ou seja, a ruptura da vida social e pessoal. O sentimento dominante era de insegurança, ansiedade, melancolia e

¹⁰⁴ STRECK, 1993, p.175.

¹⁰⁵ CALDAS FILHO, 2017, p. 304-306.

¹⁰⁶ DOS SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas; DA ROSA, André Luís. Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal. **Revista Encontros Teológicos**, v. 31, n. 2, 2016. p. 237.

pessimismo. Isso era ilustrado pela “dança da morte”, gravuras que se viam em toda parte com um esqueleto dançante.¹⁰⁷

Ribeiro ainda acrescenta a esse quadro questões como a venda de indulgências que de certa forma foi uma “autorização” para aqueles que possuíam recursos pecarem livremente precisando apenas comprar o seu perdão. O estilo de vida mundano e ostentoso dos clérigos oriundos de famílias abastadas que raramente se envolviam com sua paróquia ou celebravam missas, a desobediência à lei do celibato e o florescimento de uma espiritualidade mística, distante da verdade bíblica, somados às questões políticas e econômicas, formaram o fato gerador de uma crise que dividiu a Igreja e a estrutura geopolítica da Europa e do mundo.¹⁰⁸

Contudo, Sergio Luiz Marlow levanta a questão de que a corrupção moral e espiritual da Igreja e da cristandade, quase que como um todo, não pode ser vista como causa única da ruptura, pois a Reforma Protestante também foi “a resposta religiosa a uma grande angústia coletiva”, da qual também fez parte a peste negra, conforme Delumeau citado por Marlow

Se tantas pessoas na Europa, de níveis culturais e econômicos diferentes, optaram pela Reforma, foi por esta ter sido em primeiro lugar uma resposta religiosa a uma grande angústia coletiva. A guerra dos Cem Anos, a Peste Negra, numerosas crises, a loucura de Carlos VI, o Grande Cisma que se prolongou durante trinta e nove anos ante à estupefação indignada do mundo cristão, as guerras das Duas Rosas, as guerras hussitas, o desaire do grande Estado burguinhão com a morte trágica de Carlos, o Temerário, a ameaça turca crescente contra a qual se põem a rezar todos os dias o Ángelus, tantos acontecimentos que abalaram e desorientaram os espíritos.¹⁰⁹

Marlow ainda acrescenta que devido às circunstâncias vividas e salientadas por Delumeau, o imaginário popular era de aproximação do juízo final e, em tempos de grande calamidade, diante de tamanha mortandade causada pela peste negra, principalmente durante os séculos XIV ao XVII, o povo buscou aproximar-se de Deus e da salvação oferecida, apegando-se a uma nova proposta de fé, o que transformou a história e a teologia existente.¹¹⁰ Todos esses pontos se fizeram terra

¹⁰⁷ DE MATOS, Alderi Souza. A reforma protestante do século XVI. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 1, 2011. p.5.

¹⁰⁸ DE SOUZA RIBEIRO, 2011, p.6-11.

¹⁰⁹ MARLOW, 2021, p. 80-98. p. 84 *apud* Delumeau, 1989, p. 60.

¹¹⁰ MARLOW, 2021, p. 7.

fértil para o florescimento daquilo que viria a ser conhecido como Reforma Protestante.

3.1 A HOMILÉTICA NA REFORMA

Em se tratado de questões homiléticas, que é o foco desta pesquisa, o ponto de destaque se dá com a Reforma Protestante, em 1517, cujo maior expoente é Lutero, na Alemanha Contudo, segundo Caldas Filho, o desejo por uma revitalização da fé, a busca por uma pureza religiosa é anterior a ela, pois “[a] Reforma Protestante do século XVI se enquadra nessa busca, mas não foi de modo algum o único movimento a ter essas preocupações”¹¹¹. Movimentos como os Albingenses, os Cátaros, os Flagelantes, os Valdenses, as Ordens Mendicantes, bem como pregadores itinerantes como Wycliffe e Jan Huss são exemplos daqueles que gestaram os princípios e valores consolidados pelos reformadores.

Além dos movimentos que romperam com a Igreja, houve outros que permaneceram na mesma por se concentrarem na vida devocional, sem críticas aos dogmas católicos. Um deles foi o misticismo, bastante forte na Inglaterra, Holanda e especialmente na Alemanha (Reno). Os principais místicos dessa época foram Meister Eckhart (†1327); Tauler (†1361) e os “Amigos de Deus”, Henrique Suso (†1366) e mais tarde o célebre teólogo e líder eclesial Nicolau de Cusa (1401-1464). O misticismo dava ênfase à união com Deus, ao amor, à humildade e à caridade, e produziu uma belíssima literatura devocional.¹¹²

Para Streck, a grande mudança trazida pela Reforma não foi apenas homilética, mas hermenêutica, pois buscaram a centralidade de Cristo nas Escrituras, cabendo à prédica a função de atrair e levar os ouvintes ao conhecimento e à correta prática do exercício da fé. Esse esforço hermenêutico fez com que a prédica voltasse a ser destacada dentro da estrutura do culto, valorizando a figura do pregador e a importância do sacerdócio universal do crente, ao entender e ensinar que todo cristão convertido pode conhecer e interpretar a Bíblia e têm o dever e a responsabilidade de testemunhar.¹¹³

¹¹¹ CALDAS FILHO, 2017, p. 298.

¹¹² DE MATOS, 2011, p.4.

¹¹³ STRECK, 1993, p.175.

Segundo Forrest, a homilética reformada traz como traços de estrutura e estilo, a ênfase na *lectio continua* por meio da pregação expositiva e a compreensão de que a salvação se dá apenas por meio de Cristo, devendo esse ser o motivo e a razão da transmissão da Palavra. Assim, a prédica torna-se o ponto central do culto, gerando a necessidade de uma alteração litúrgica.¹¹⁴

Nessa pesquisa conceituaremos a pregação expositiva a partir das definições apresentadas por Braga que a identifica como o estilo mais edificante para a congregação por estar ancorado exclusivamente na Palavra, cabendo ao pregador extrair diretamente do texto as linhas de interpretação, sendo suas divisões uma sequência crescente de ideias que apontam e reforçam o tema central do texto¹¹⁵. S. P. DA Silva acrescenta, “O sermão temático gira em torno de um tema; o textual, em torno de um texto enquanto que (*sic*) o expositivo, em torno de um assunto.”¹¹⁶ Pode-se dizer então que, o sermão expositivo não é uma sequência de comentários ou a explanação de curiosidades bíblicas apresentadas versículo por versículo, mas o labor exegético e hermenêutico com o fim de escutar aquilo que o texto tem a dizer e ao ouvi-lo, interpretá-lo e aplicá-lo corretamente à congregação em seu contexto atual.

Forrest ainda ressalta as qualidades exegéticas e hermenêuticas dos pregadores desse período e a importância que davam, em seus estudos e sermões à necessidade de buscar a intenção do autor ao redigir o texto original, o que se contrapunha às pregações alegóricas e subjetivas dos pregadores da Idade Média, à pregação e à “prática da fé para os leigos”, ao ensino da Palavra e à pregação em linguagem vernacular.¹¹⁷

Ramos acrescenta que “muito embora a prédica sempre tenha sido importante na história do Cristianismo, ela nunca teve papel tão central como no período da Reforma Protestante do século XVI”,¹¹⁸ ao ponto desse transformar na função principal do clérigo reformado. Contudo, grande parte dos líderes da Reforma, assim como Lutero, eram oriundos da estrutura Católica Romana e, por isso, não possuíam conhecimento teológico suficiente ou seu conhecimento estava

¹¹⁴ FORREST, 2020, p. 442-443.

¹¹⁵ BRAGA, 1999, p.47.

¹¹⁶ S.P. DA SILVA, 1992 p, 25.

¹¹⁷ FORREST, 2020, p. 444.

¹¹⁸ RAMOS, 2012, p, 442.

permeado de misticismo e da interpretação alegórica dos textos, o que dava margem para as muitas heresias.

Os líderes da Reforma, não raro, tinham que fornecer livros e incentivar suas leituras por parte desses ministros. Alguns desses pregadores ignoravam completamente inclusive a Bíblia. Daí que muitos eram encorajados a utilizar sermões publicados por outros, preferencialmente memorizando-os, ou mesmo lendo-os em voz alta dos púlpitos de suas paróquias.¹¹⁹

A fim de resolver essa questão, Lutero faz da pregação reformada uma fonte de ensinamento para todos, leigos e clérigos. Streck destaca que suas prédicas eram claras, vivas, feitas em linguagem coloquial para serem entendidas pelo povo, ancoradas na Palavra; apontavam para a justificação somente pela fé e possuíam um forte caráter doutrinário¹²⁰. Ramos acrescenta que “a homilética reformada não era, portanto, conversionista, nem pretendia provocar emoções ou sentimentos, mas inspirava discursos cada vez mais catequéticos e doutrinários”¹²¹. Os cultos passaram a ter mais participação da congregação, a partir da utilização de hinos com melodias mais conhecidas.

Para Benjamin K. Forrest, Lutero defendia em suas pregações o conceito de um Deus que age no coração dos ouvintes. Isso é percebido em seus escritos, por meio do estímulo à confiança na promessa do evangelho e à certeza de que, o Deus criou o mundo por meio da Palavra que é Cristo, se revela como um ser relacional que conversa com seu povo através da Palavra e da pregação.¹²²

A mais alta adoração de Deus ocorre na pregação da Palavra, pois Deus é adorado quando o evangelho é pregado, graças são dadas e todos os sacrifícios e a adoração do Antigo Testamento são cumpridos. Essa forma de adoração serve o próximo e, nela, a imagem de Deus é formada no povo, de modo que morrem e voltam à vida a fim de serem semelhantes a Deus.¹²³

Streck completa destacando que outros reformadores, como Zwinglio e Calvino, pregavam de maneira expositiva e sequenciada livros inteiros, de forma simples acentuando o caráter pedagógico da pregação.

¹¹⁹ RAMOS, 2012, p. 60.

¹²⁰ STRECK, 1993, p.176.

¹²¹ RAMOS, 2012, p. 60.

¹²² FORREST, v1, 2020, p. 345-346.

¹²³ FORREST, v1, 2020, p. 345 *apud* Wa26:110, 15, LW28:369.

Forrest ainda acrescenta que os sermões de Ulrico Zwínglio (1484-1531 - Suíça) eram práticos e tratavam de questões religiosas, sociais e políticas. “o foco teológico da pregação de Zwínglio pode ser resumido usando estes quatro temas: 1) *Sola Scriptura*, 2) a soberania de Deus, 3) uma visão cristocêntrica do objetivo e propósito das Escrituras e 4) o papel do Espírito Santo.” Seu método homilético pode ser descrito como expositivo e profético. Zwínglio pregou *lectio continua* durante sete anos e, nesse período, ele pregou todos os livros do Novo Testamento, exceto Apocalipse, para então se voltar ao Antigo Testamento, sempre o fazendo em linguagem simples para ser compreensível a seu rebanho.¹²⁴

Quanto à contribuição de Calvino (1509-1569 - Genebra), Forrest destaca que como Zwínglio, seu “método era pregar consecutivamente livros inteiros da Bíblia, considerando isso a prática da Igreja Primitiva.”¹²⁵ Normalmente, pregava o Novo Testamento aos domingos e o Antigo Testamento durante a semana, o que rendia cerca de duzentas pregações por ano. Ele ainda defendia que a vida do pregador deveria corresponder ao sermão proclamado. Contudo, com o passar do tempo, a pregação voltou a ser cada vez mais temática e menos expositiva e a tornar-se mais erudita e rebuscada, sem deixar de ser bíblica e doutrinária.

Com o advento da guerra dos trinta anos¹²⁶, temas como sofrimento, arrependimento e autoexame passaram a ter destaque nos púlpitos.¹²⁷ Assim, o estilo temático de pregação ganhou espaço em detrimento da forma expositiva adotada nos primeiros anos da Reforma.

Segundo Ramos, o período que se segue à ruptura causada pela Reforma Protestante foi marcado, não pela existência de uma “igreja reformada sempre se reformando”, mas por uma igreja dividida e em constante divisão. O Concílio de Trento (1545-1563) marcou o movimento da contrarreforma, que reafirmou sua ortodoxia e tinha sua “voz” anunciada pelo movimento Jesuítas que pregava a partir dos princípios da retórica, enquanto a igreja protestante se concentrava em

¹²⁴ FORREST, v1, 2020, p. 364-369.

¹²⁵ FORREST, v1, 2020. p. 422.

¹²⁶ A Guerra dos trinta anos envolveu potências católicas e protestantes e foi desencadeada principalmente por motivos religiosos, políticos e territoriais.

¹²⁷ STRECK, 1993. p.176

consolidar a fé por meio da pregação doutrinária e apologética. É nesse contexto que surgem movimentos como o Pietismo, o Puritanismo e o Iluminismo.¹²⁸

A Europa do século XVI não viveu um único e centralizado movimento de reforma religiosa dentro de reformas modernas mais amplas e abrangentes. Havia um clima religioso reformista num ambiente de efervescência reformadora naquele continente. Os movimentos reformadores calvinista e anglicano influenciaram de forma bastante direta, histórica e teologicamente, o presbiterianismo que deixou a Europa, migrou para a América do Norte e por meio de empresas missionárias chegou ao Brasil. O protestantismo estadunidense e americano é fruto daqueles movimentos europeus de reforma na Igreja. O presbiterianismo que chegou ao Brasil por meio de missões evangelísticas era de um tipo fortemente influenciado pelo puritanismo inglês.¹²⁹

3.2 A HOMILÉTICA NO PIETISMO

O movimento Pietista surge como resposta a um período com alto índice de analfabetismo, marcado pelo fim das ordens religiosas, o que retirou da população o local onde poderiam vivenciar a sua fé, e pela ênfase na prédica em um formato mais acadêmico, o que a distanciou novamente do povo e a intelectualizou.

Para Júnior Felipe de Godoy, os vários movimentos que surgiram no pós-reforma geraram a necessidade de consolidar os dogmas, contudo os excessos na preservação, no cumprimento desses dogmas e das normas da fé fizeram com que o movimento deixasse de lado o valor da pessoa e de suas experiências religiosas, ao ponto de se afirmar que “[...] a Ortodoxia se prendia ao antigo farisaísmo, que se apoia unicamente na lei, deixando assim de lado a boa nova do evangelho”.¹³⁰

Ramos destaca que o Pietismo objetivava a conscientização do pecado, da necessidade de conversão e da busca por Deus, a fim de gerar uma vida santa. Isso deveria ocorrer principalmente por meio da pregação. Assim, o Pietismo pretendia voltar aos valores e princípios da Reforma.¹³¹ Godoy ainda acrescenta que esse foi

¹²⁸ RAMOS, 2012, p. 62.

¹²⁹ CAMPOS, Breno Martins. Puritanismo e a construção político-social da realidade. **Revista Pandora** Brasil, n. 60, p. 1-10, 2014. p. 2.

¹³⁰ GODOY, Junior Felipe de. Ideais reformatórios abarcados pelo Pietismo, que se secularizaram no Iluminismo alemão do século 18. **Vox scripturae**, v. 20, n. 1, p. 155-181, 2012.

¹³¹ RAMOS, 2012, p. 62.

um passo importante para se evoluir de uma fé padronizada e morta para uma fé que valorizava a experiência.¹³²

O Pietismo se tornou um refúgio para aquelas pessoas que haviam sido libertas de uma fé rígida pela Reforma, mas que mais uma vez se viram presas a dogmas e uma vida de fé extremamente intransigente. Desse modo, o Pietismo exacerbou a vida de fé cristã singular; o meio utilizado para isso foi o estudo individual da Escritura. O movimento não abrangeu apenas uma região, apenas um país, ou apenas uma denominação religiosa, o movimento pietista foi o primeiro transconfessional.¹³³

Edson Pereira Lopes lamenta que “[...] o termo “pietismo” adquiriu um sentido negativo, significando uma espiritualidade individualista, subjetiva, emocional e alienada do mundo, muitas vezes associada a um sentimento de superioridade religiosa”, quando na verdade foi um movimento de renovação do luteranismo que visava complementar a obra iniciada por Lutero.¹³⁴

Joachim Fischer, em seu artigo sobre a Espiritualidade, destaca que os pietistas buscavam a renovação da Igreja e o compromisso na vida cristã por meio de uma vida de fé, o que pode ser observado na “*Pia Desideria*”, escrita por Filipe Jacó Spener, principal representante do Pietismo.¹³⁵

Carlos Campelo da Silva destaca que a “*Pia desideria*” inicia retratando uma sociedade que vivia um cristianismo sem profundidade, segue apresentando “a esperança de tempos melhores” e encerra propondo seis pontos exortativos para a igreja: 1. a prática da leitura doméstica da Palavra como forma de melhorar a prédica, 2. o estímulo ao sacerdócio, 3. a ênfase intencional na *ortopraxia* e da *ortodoxia*, 4. a mudança na forma de conduzir os conflitos internos da igreja, 5. o fim do clientelismo e do nepotismo na estruturação dos ministérios da igreja e 6. a reforma da estrutura homilética para que voltasse a ser mais simples e acessível a fim de gerar uma piedade nos ouvintes.¹³⁶

Streck acrescenta que o movimento pietista renovou o vigor da prédica quando uniu a proclamação da Palavra à salvação daqueles que ouvem, deixando

¹³² GODOY, 2012, p.161;

¹³³ GODOY, 2012, p. 161 *apud* Martin N. DREHER. 2006, p. 10.

¹³⁴ LOPES, 2019, p.785.

¹³⁵ FISCHER, Joachim. Espiritualidade: Observações e reflexões sobre o pietismo. **Estudos Teológicos**, v. 23, n. 2, p. 164-182, 1983.

¹³⁶ DA SILVA, Carlos Campelo. Hamann e Kierkegaard: da herança pietista à Influência nos movimentos intelectuais dos séculos XVIII e XX. **Anais do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-CAMPINAS**, Campinas - SP. V. 2. 2019.

de priorizar a estrutura por meio de uma explicação minuciosa do texto para dar lugar à sua aplicabilidade à vida cotidiana, sempre visando a conversão e o estímulo a um contato direto e comprometido por meio da devoção pessoal. Isso abre espaço para a criação grupos de estudo bíblico e faz com que o “sacerdócio geral de todos os crentes torne-se real: leigos também são admitidos, estimulados e ensinados a pregar” e ainda exige que pregadores passem a viver o que pregam.¹³⁷

Com essa didática de fé, o Pietismo recebeu grande aceitação, pois a fé cristã estava abalada. O Pietismo se tornou um refúgio para aquelas pessoas que haviam sido libertas de uma fé rígida pela Reforma, mas que mais uma vez se viram presas a dogmas e uma vida de fé extremamente intransigente. Desse modo, o Pietismo exacerbou a vida de fé cristã singular; o meio utilizado para isso foi o estudo individual da Escritura.¹³⁸

3.3 A HOMILÉTICA NO PURITANISMO

Raynara Karenina Veríssimo Correia apresenta o Puritanismo como um movimento, iniciado na Inglaterra do séc. XVI e com raízes em Willian Tyndale, que visava remover da Igreja Anglicana os vestígios cerimoniais, ritualísticos e hierárquicos do catolicismo romano, para que a Igreja da Inglaterra se tornasse verdadeiramente reformada. Seus integrantes acreditavam que a melhor forma para se alcançar esse objetivo era por meio da pregação expositiva, por entender que essa forma homilética era centrada na Palavra. Para eles Deus falava ao povo por meio da pregação, que precisava ser transmitida de forma simples e compreensível a todos, devendo ser a principal função pastoral.¹³⁹

Campos ainda acrescenta que, enquanto os Anglicanos ainda se pautavam pela tradição e pelo costume com uma estrutura de culto mecânica e ritualística, o culto puritano se pautava na espiritualidade e na Palavra como princípio norteador.¹⁴⁰

Segundo Francisco Jean Carlos da Silva, com a organização da Igreja Anglicana, surgiram dois grupos, os puritanos e os separatistas. O primeiro

¹³⁷ STRECK, 1993, p.176.

¹³⁸ GODOY, 2012, p. 161.

¹³⁹ CORREIA, Raynara Karenina Veríssimo. SOLA SCRIPTURA: A TRADIÇÃO PURITANA FRENTE A RETÓRICA REFORMADA. *Revista do SETA*-ISSN 1981-9153, v. 8, 2018.

¹⁴⁰ CAMPOS, 2014, p. 9.

pretendia purificar a igreja de seus 'males'. Enquanto o segundo buscava uma Igreja independente do Estado a fim de alcançar a liberdade de culto.¹⁴¹

Os puritanos fracassaram em sua tentativa de reformar a Igreja da Inglaterra e, logo após o Ato de Uniformidade (1662), cerca de 2 mil clérigos foram expulsos da igreja. Alguns líderes puritanos separatistas, como, por exemplo, John Cotton, fugiram para a Nova Inglaterra para estabelecer uma "Nova Jerusalém", onde a Bíblia ditava todas as normas culturais.¹⁴²

Forrest destaca que o "puritanismo se tornou um estilo de vida", pois, para os puritanos, a Bíblia continha a orientação para a ética familiar, cultural, eclesiástica e para as relações familiares. A pregação puritana era bíblica, com estrutura homilética simples, centrada no ensino da doutrina e em sua aplicação à vida pessoal dos ouvintes. O sermão era o ponto central na estrutura do culto, abordando temas como a predestinação, a providência divina, a santificação e a vida e obra de Jesus. "O pregador puritano deveria ser o profeta de Deus para seu povo, um subpastor de Cristo e um médico de almas."¹⁴³

Correia, citando Ryken, esclarece que os sermões puritanos possuíam uma estrutura em três partes, sendo elas: "1- Interação com o sentido superficial do texto bíblico, 2- Dedução de princípios doutrinários e morais do texto, 3- Demonstração de como aqueles princípios podem ser aplicados na vida cristã diária."

Perkins, considerado o Pai do Puritanismo, salienta que o pregador deve ler o texto de forma clara, 55plica55-lo de acordo com as Escrituras, apontar as doutrinas que podem ser extraídas e 55plica-las à vida prática da congregação de forma simples e direta, evitando os floreios, a linguagem academicista e rebuscada.¹⁴⁴

Outros expoentes do movimento foram Richard Baxter, referência para o ministério pastoral; John Owen, um dos principais teólogos do movimento; John Bunyan, autor de "O Peregrino", e Matthew Henry, autor do comentário expositivo da Bíblia e conhecido por suas pregações que influenciaram gerações.

¹⁴¹ CARLOS DA SILVA, Francisco Jean. **Os batistas regulares e as armadilhas históricas do iluminismo**. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹⁴² FORREST, 2020, p. 438.

¹⁴³ FORREST, 2020, p. 438 e 439.

¹⁴⁴ CORREIA, 2018, p. 380.

William Perkins foi autor de mais de quarenta livros, entre eles destacam-se *A Golden chain* onde tratou de temas como a predestinação e graça pactual e descreveu a salvação não como um decreto, mas como uma escolha divina, que acontece em Cristo, e a lei moral a partir dos Dez Mandamentos, revelando como a santidade e retidão devem se manifestar.

Em se tratando de questões homiléticas, Perkins escreveu *The Art of Propheying*, para auxiliar a formação de pregadores e defendia a pregação bíblica, em linguagem acessível, direta e clara, conformada à realidade e aplicável ao ouvinte a fim de que a congregação conhecesse Cristo, sua graça salvadora e sua justiça, a fim de promover mudança de consciência e volição.

Em *The Art of Propheying*, Perkins fornece um dos modelos mais claros para a pregação expositiva em toda a história cristã. Ele resume seu método simples da seguinte maneira: ler claramente o texto das Escrituras canônicas; explicar seu significado após sua leitura, à luz das próprias Escrituras; reunir alguns pontos de doutrina a partir do sentido natural da passagem; se o pregador for adequadamente dotado, aplicar as doutrinas explicadas à vida e prática da congregação, de modo claro e direto.¹⁴⁵

Quanto a Richard Baxter, Forrest destaca que, para ele a pregação tinha um dever solene, para tanto valorizava o estudo e buscava o desenvolvimento espiritual de sua congregação. Para ele, o sermão deveria primeiro falar ao coração do pregador para depois falar às outras pessoas. O pregador, movido pelo Espírito, deveria cuidar de si mesmo, evitando situações que o levassem ao pecado do orgulho, e promover condições para que os ouvintes fossem motivados a se moverem em direção a Deus. A prédica, então, precisava ser precedida de oração e encerrada com aplicações práticas da verdade de Deus para o ouvinte, “não prega sinceramente ao seu povo aquele que não ora com sinceridade por ele”. Assim ele “pregava as glórias do céu e o terror do inferno”, e ainda afirmava que¹⁴⁶

[...] o sermão deveria ser construído de modo a facilitar a memorização, a encorajar uma atenção ativa por parte da congregação e a alcançar não só o ouvido, mas também o coração.

Forrest relata que John Bunyan nasceu em 1628 e segue o ofício do pai, trabalhando como funileiro na Inglaterra. Ele se converteu após seu primeiro

¹⁴⁵ FORREST, v1, 2020, p. 438 e 448.

¹⁴⁶ FORREST, v1, 2020, p. 460 - 474.

casamento ao ler dois livros trazidos por sua primeira esposa e pela leitura do comentário de Gálatas, de autoria de Lutero.

“talvez seu legado não seja tanto seu estilo ou método de pregação, mas a vida que viveu. Ele perseverou fielmente na pregação da Palavra de Deus em todas as circunstâncias, seja em tempos de luto pessoal e familiar, seja em tempos em que o governo se opôs a ele”.¹⁴⁷

Discipulado por John Gillford, pastor batista da igreja de St. John, Bunyan foi batizado e posteriormente conduzido ao ministério pastoral e foi um grande pregador leigo. Por não possuir autorização para pregar, foi condenado à prisão por três meses, que se transformaram em doze anos, por sua insistência em continuar a pregar, mesmo sem a licença estatal para isso. Seu período de encarceramento, mesmo sendo um tempo muito difícil, resultou em grande produtividade literária. Ele não podia pregar fora da prisão, mas durante seu tempo de encarceramento lhe foi permitido pregar aos detentos e esporadicamente aos de fora.

Forrest ainda destaca que Bunyan escreveu mais de sessenta livros, sendo, “O peregrino” sua obra mais conhecida. Nesse livro ele conta uma história ficcional de um personagem chamado Cristão e as lutas vividas em uma viagem para o Reino Celestial. Seu estilo de pregação era claro e direto, com utilização de narrativas apresentadas de forma retórica, coloquial e alegórica, contemplando “*logos* e *páthos*, ensinamento e apelo às emoções, exposição metódica e exortação apaixonada”.¹⁴⁸

3.4 A HOMILÉTICA NO ILUMINISMO

O iluminismo foi o movimento que pautou o pensamento a partir do séc. XVIII e buscava a transformação política, econômica, social e religiosa por meio da disseminação do conhecimento e do exercício da razão. Segundo Godoy, o movimento pode ser dividido em Iluminismo francês e alemão, destacando ainda que suas raízes se encontram no Pietismo¹⁴⁹.

Seus ideais estavam ancorados na supremacia da razão, na aplicação do método científico, na liberdade, no progresso, na tolerância e na separação entre

¹⁴⁷ FORREST, v1, 2020, p. 665.

¹⁴⁸ FORREST, v1, 2020, p. 666-679.

¹⁴⁹ GODOY, 2012, p. 165.

Igreja e o Estado. Mesmo pregando a liberdade religiosa, o movimento questionava a ortodoxia, o domínio da Igreja Católica e a razão em detrimento da fé. Igor Zimermann ressalta que, apesar de ser um movimento que se pautava pela razão, não se tratava de um abandono da fé ou de ateísmo, mas da busca para chegar a Deus por meio do conhecimento¹⁵⁰ e Lopes acrescenta que seus expoentes lançaram um novo modo de pensar a fé defendendo que “somente a razão poderia libertar o homem de uma dogmatização espiritual que levou a atrocidades e ingenuidades apavorantes.¹⁵¹

Lopes salienta que, para Kant a verdadeira religião é universal, natural e tem por finalidade ajudar em questões éticas e morais, não podendo ser comprovada pela razão, visto estar fora de seus limites.¹⁵²

De acordo com o pensamento iluminista, cada pessoa é responsável pela projeção de um mundo melhor e mais justo a partir da autonomia humana por meio de escolhas conscientes, feitas a partir da análise e da razão, pois é por meio dela que o ser humano pode descobrir aquilo que uma perspectiva estritamente espiritual o impedia de ver. Assim o iluminismo voltou para as Sagradas Escrituras em uma busca do “reino da verdade” e, para tanto, seria necessário retirar dela aquilo que pertencia à “subjetividade humana” e aquilo que foi apenas parte das tradições religiosas cegas pela ortodoxia, conforme diz Godoy.¹⁵³

A razão toma o lugar antes ocupado pela Escritura, demasiadamente defendida por Lutero. A Escritura é, em boa parte do tempo, deixada de lado, enquanto a razão começa a receber uma abrangência e uma recepção altissonante dentro da sociedade alemã e da Europa como um todo.
[...] O ser humano não necessitava mais de um Deus, muito menos de um ser divino distante e estanque, mas de uma ordem moral que vigorasse sobretudo, a razão. Ela, portanto, tornou-se uma grande congregada da humanidade naquele contexto, pois a razão era quem discernia entre seres humanos e seres não humanos. Ela se tornou, por assim dizer, a deusa da época da sabedoria e da busca pela verdade. Tornou-se a própria verdade, que só poderia ser encontrada, se os pressupostos da fé fossem abdicados, [...] ¹⁵⁴

Streck destaca ainda que o movimento iluminista passou a buscar o “espírito da época” fazendo com que a prédica fosse norteadada pelos anseios do

¹⁵⁰ ZIMERMANN, Igor. **Iluminismo: o que foi e qual a sua importância?** Florianópolis – SC. Politize! publicado em 18 de jul. de 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/iluminismo/>. Acessado em: 30 de nov. de 2022.

¹⁵¹ GODOY, 2012, p. 166.

¹⁵² LOPES, 2019, p.801-803.

¹⁵³ GODOY, 2012, p. 166 e 167.

¹⁵⁴ GODOY, 2012, p. 166 e 173.

povo pela reconciliação entre a fé e a razão. Assim temas como “dignidade do amor, arte, educação, uso do tempo... são trabalhados na prédica praticamente aos mesmos temas abordados na literatura da época.”¹⁵⁵

Forrest defende que a Reforma havia quebrado as correntes da tradição pelo estudo das Escrituras e pela prática da fé, mas, com o séc. XVIII, veio a influência da filosofia, que causou uma ruptura no estudo da religião. “Quando Immanuel Kant separou a fé e a razão, também dividiu a igreja em duas escolas distintas: o liberalismo teológico e a ortodoxia bíblia.”¹⁵⁶

De fato, em sua obra, Immanuel Kant (1724-1804) enfatizou que a razão deve ser soberana na ciência, na ética, na estética e na religião. Assim, os cristãos deveriam eliminar as doutrinas que ofendem a razão, já que elas não podem, logicamente, corresponder à realidade.¹⁵⁷

Um de seus expoentes foi Friedrich Schleiermacher que, segundo Joacir Soares d’Abadia, não subordinava a teologia à filosofia. Para ele, a religião precisava ser compreendida a partir da relação da pessoa humana com o todo, não como pensamento ou atividade moral. Assim, a religião deveria ser compreendida como a “intuição e sentimento do infinito”, com a consciência da dependência de algo sobrenatural, “derivando-se daí sua consciência ética, uma vez que tudo está subordinado àquela sensação religiosa, que, enfraquecendo-se gera o pecado, fortalecendo-se, gera a graça.”¹⁵⁸

Granconato ainda salienta que, para Schleiermacher, a doutrina é apenas uma das formas de expressão do sentimento religioso e, assim sendo, não é essencial ou mesmo necessária, uma vez que há outras formas, como os símbolos e o sentimento.¹⁵⁹

Ramos acrescenta que a prédica visava o estímulo das emoções a fim de chegar ao “objeto da fé”, fazendo do pregador alguém com a incumbência de

¹⁵⁵ STRECK, 1993, p. 178.

¹⁵⁶ FORREST, 2020, p. 535 e 536.

¹⁵⁷ GRANCONATO, Marcos. **Schleiermacher: O triplice fundamento filosófico da teologia de Schleiermacher**. [s.d.]. Disponível em: <https://spurgeononline.com.br/artigos/schleiermacher-o-triplice-fundamento-filosofico-da-teologia-de-schleiermacher/>, n.p., Acessado em: 03 de dez. de 2022.

¹⁵⁸ D’ABADIA, Joacir Soares. **Schleiermacher: A interpretação da religião**. WebArtigos. 27 de abr. de 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/schleiermacher-a-interpretacao-da-religiao/17314>. Acessado em: 03 de dez. de 2022.

¹⁵⁹ GRANCONATO, [s.d.], n.p, Acessado em: 03 de dez. de 2022.

contagiar a congregação e do processo homilético um instrumento de diálogo entre o pregador e o ouvinte. Não visava à instrução ou à exposição bíblica doutrinária, mas acessar as emoções apresentando como desnecessárias a estrutura homilética e, até mesmo, o texto bíblico, que, muitas vezes, era usado apenas para se extrair o tema a ser trabalhado.¹⁶⁰

Friedrich Schleiermacher ainda, defendeu o conceito de que a interpretação das Escrituras não deve estar naquilo que o autor queria dizer para o destinatário original, mas que a interpretação cabe ao leitor, gerando uma teologia plural centrada no indivíduo, e ainda:

Sendo a religião um sentimento expresso na “consciência de ser dependente do Todo”, sua comunicação se realiza de modo mais eficaz pelo exemplo e não por meio do ensino formal. Além disso, considerando que o sentimento religioso, como qualquer outro sentimento, apresenta variadas formas de manifestação, é natural que variadas sejam também as expressões religiosas (teísmo, panteísmo e seus respectivos desdobramentos), todas elas válidas, à medida que os sentimentos de dependência que as originaram, partindo de diferentes personalidades, também são válidos. Portanto, a tolerância em relação às diversas crenças, uma das marcas do Iluminismo, também pode ser vista no pensamento de Schleiermacher.¹⁶¹

3.5 A HOMILÉTICA DOS AVIVALISTAS

Marcos Henrique de Araújo afirma que o fim do século XVII foi caracterizado pelo progresso político e econômico depois de um período de grandes privações. O progresso, entretanto, resultou no declínio dos ideais puritanos na segunda geração, apesar do esforço da geração anterior. Uma das razões para o arrefecimento do fervor religioso foi o relaxamento das normas para a filiação à comunhão, o que gerou o cristianismo nominal.¹⁶²

Foi neste contexto que aconteceu o Primeiro Grande Despertamento, do qual Jonathan Edwards se tornou um dos líderes mais importantes. Não é exagero dizer que no centro deste grande movimento religioso estava Edwards, ministro ordenado da Igreja Congregacional de Northampton. Ele

¹⁶⁰ RAMOS, 2012, p. 67.

¹⁶¹ GRANCONATO, [s.d.], n.p. Acessado em: 03 de dez. de 2022.

¹⁶² ARAÚJO, Marcos Henrique de. **A centralidade da doutrina da santificação nas obras de Jonathan Edwards**. Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – São Paulo - SP. 2003. p.11-12 (Dissertação, 139 p.).

foi o mais importante personagem deste período da história das colônias britânicas na Nova Inglaterra. Foi também uma das mentes mais brilhantes que a América já produziu.¹⁶³

Segundo Ramos, esse período foi caracterizado pelos grandes avivamentos missionários nas igrejas evangélicas, a partir do surgimento das cruzadas evangelísticas realizadas em todos os continentes. O elevado número de conversões gerou um fluxo para qual as igrejas não estavam preparadas e a solução foi criar pequenos grupos que serviriam de apoio à fé e ao amadurecimento espiritual, tornando-se sementes para organização de novas igrejas independentes.¹⁶⁴

Os principais precursores desse período, conhecido como Movimento Avivalista, foram François Fénelon, padre católico apontado como um dos maiores pregadores da história da Igreja Católica, que pregava a necessidade de um relacionamento experiencial com Deus; Jonathan Edwards, outro dos grandes pregadores desse período conhecido por conciliar a soberania de Deus com a responsabilidade humana; John Wesley, clérigo anglicano que, ao se converter, rejeitou os princípios calvinistas e criou o metodismo; e, por fim, George Whitefield, grande evangelista de linha calvinista no período do primeiro avivamento.

Cada um desses homens compartilhou a mensagem do evangelho de modo singular com ênfase na necessidade de uma experiência pessoal com Deus. Suas teologias incluíam o calvinismo, o arminianismo e o catolicismo. O grande reavivamento deve muito a Edwards, Wesley e Whitefield, enquanto a corte francesa experimentou uma renovação de fé através do misticismo de Fénelon. Esses homens são um testemunho do poder do evangelho para transformar a vida daqueles que o recebem por meio da fé.¹⁶⁵

Forrest destaca que, influenciado pelo Quietismo (doutrina mística conhecida por sua busca por aquietar a alma para que a possa controlar e alcançar um equilíbrio espiritual), francês François Fénelon, enfatizava a santidade e a importância da devoção pessoal. Defendia que no púlpito a verdade do texto bíblico por meio da exposição correta da Palavra deveriam sobressair ao pregador;

¹⁶³ ARAÚJO, 2003, p.13.

¹⁶⁴ RAMOS, 2012, p. 69.

¹⁶⁵ FORREST, v1, 2020, p. 537 e 538.

rejeitava o estilo temático de pregação e concentrava-se no impacto que o sermão teria sobre o ouvinte, a fim de direcionar a congregação para a adoração correta a Deus.

Em relação a Jonathan Edwards, Forrest escreve que sua pregação “refletia sua teologia de experiência religiosa”. Para ele, a prédica precisava ir além da superficialidade, da repetição de máximas ou da moralidade a fim de gerar experiências espirituais, tocando as emoções e proporcionando o amadurecimento cognitivo e espiritual por meio do conhecimento, para isso, o pregador deveria ter uma vida dedicada ao estudo e à oração. “Era necessário que o Espírito de Deus inspirasse sua preparação e vivificasse suas palavras e que o ministro pregasse com *páthos* e fervor”, sempre consciente de que, na pregação, o efeito e a manifestação do poder de Deus deveriam estar acima da estética homilética e do prestígio do pregador.¹⁶⁶ Sem, contudo, abandonar a busca e o aprofundamento da Palavra visto que, para ele “Quanto maior for o seu conhecimento racional das coisas do evangelho, mais oportunidades existirão para o Espírito inspirar seu coração, para ver a excelência dessas coisas e para saborear a sua doçura”.¹⁶⁷

Quanto a John Wesley, Forrest destaca que ele não possuía um método definido. Para ele a pregação deveria ser o reflexo da vida do pregador e deveria estar permeada de oração, de jejum, do estudo e da meditação, do autoexame, do encorajamento e das obras sociais pois, “sem uma vida de santidade, a pregação (e metodologia) não teria um valor duradouro”. Assim, a sua teologia homilética se orientou por uma vida de devoção pessoal e busca por intimidade com Deus.

Essas marcas foram adquiridas no início de seu ministério quando trabalhou com os pequenos grupos conhecidos como os “clubes santos”, onde a comunhão e o testemunho impactavam diretamente àqueles que o ouviam. E, mesmo quando pregava para multidões, em anos futuros, esse ainda seria seu referencial de vida a partir do padrão apresentado em Atos.

Para Wesley, a pregação era o meio que o Espírito Santo utilizava para reunir e conduzir ao arrependimento, pecadores que, agora arrependidos, deveriam viver em comunidade a fim de serem edificados. “A pregação serviria

¹⁶⁶ FORREST, v1, 2020, p. 539 e 568.

¹⁶⁷ FORREST, v1, 2020, p. 561 e 562.

como foco integrador para a maneira específica de pensar, crer, viver e falar, algo que podemos descrever como ‘vida de pregação’”.¹⁶⁸

Por fim, Forrest destaca que tanto Wesley quanto George Whitefield foram teologicamente preparados em um tempo quando “a pregação expositiva estava baixa” e, por essa razão, apresentavam um estilo homilético basicamente temático, além do mais, seu ministério itinerante os impedia, por questões de tempo, de desenvolver expositivamente suas pregações.¹⁶⁹

Para Forrest o período que se segue, o século XIX, nasce sob a influência direta dos eventos anteriores como a Revolução Francesa (1789), as Guerras Napoleônicas, as revoluções democráticas, que se seguiram até meados do séculos XIX, e a revolução econômica e industrial, que transformou a maioria dos países europeus em grandes potências econômicas e alterou o tecido social do continente ao diminuir a importância da nobreza e abrir espaço para o surgimento da classe empreendedora que se beneficiava financeiramente desse movimento.¹⁷⁰

¹⁶⁸ FORREST, v1, 2020, p. 583 e 603

¹⁶⁹ FORREST, v1, 2020, p. 608 e 621

¹⁷⁰ FORREST, V2, 2020, p. 30

4 ASPECTOS DA PREGAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Forrest salienta que, mesmo com todos os benefícios e riquezas gerados pelo período anterior, o crescimento e desenvolvimento não chegou a todas as classes sociais. Assim, o período foi marcado pelo início da luta de classes, motivada pelos baixos salários, cargas horárias excessivamente longas e insalubridade no processo produtivo, tudo isso favoreceu o surgimento do socialismo com a proposta de evolução para um sistema comunista que substituiria o capitalismo. Esse pensamento que, inicialmente focava fatores econômicos e sociais, se expandiu para a filosofia e chegou às igrejas com uma nova proposta apresentada por filósofos e teólogos como “Johann Fichte, Friedrich Schelling e Georg Hegel (idealismo alemão), Søren Kierkegaard, Fiódor Dostoiévski e Friedrich Nietzsche.”¹⁷¹

O mundo havia mudado drasticamente, os avanços gerados pela revolução industrial não se limitaram aos meios fabris, mas se expandiram até os transportes, o que facilitou as viagens intercontinentais.

Com mais pessoas se mudando para as grandes cidades da Europa, as pequenas aldeias não mais dominavam o espaço físico e social da população. Nessas aldeias, localizadas mais frequentemente dentro ou perto do centro, havia uma igreja. A Igreja serviu como o centro da vida social, intelectual e política da aldeia. Com a ascensão das grandes cidades, isso seria mudado para sempre. Como o espaço central não era mais ocupado pela igreja da aldeia, a secularização parecia preencher o espaço vazio. A combinação de modernização, ataques filosóficos e ataques teológicos liberais ao cristianismo histórico contribuiu para um afastamento geral da confiança no cristianismo. [...] ¹⁷²

O período foi marcado por grandes transformações, “A cultura ocidental estava se libertando dos velhos modos de vidas e dos modos de pensar”, Politicamente Karl Marx estava escrevendo o “Manifesto comunista”; no campo da ciência Charles Darwin escrevia “A origem das espécies”; nas ciências sociais era a vez de Sigmund Freud escrever “A interpretação dos sonhos” e na teologia Friedrich Schleiermacher escrevia “A fé cristã de acordo com os princípios da Igreja

¹⁷¹ FORREST, v 2, 2020, p. 31-33.

¹⁷² FORREST, v2, 2020, p. 31.

Protestante”. Assim os pregadores e teólogos do século XIX precisaram enfrentar o “desafio de interpretar as Escrituras para uma cultura em mudança.”¹⁷³

O século XX, no seu início, teve uma característica semelhante à do século XIX. Na Europa era enorme a confiança numa filosofia e num sistema teológico “otimista”. No século XX, o liberalismo teológico-protestante enfatizava a possibilidade da humanidade despertar para uma nova época. Era uma realidade, onde surgiram inúmeros movimentos que acreditavam nas potencialidades humanas na tentativa de se consolidar a paz mundial. Entretanto, o que a Europa testemunhou foi o fracasso do liberalismo. As esperanças desse sistema foram minadas. As duas grandes guerras mundiais foram as causas principais do esfacelamento dos sonhos e do abalo do liberalismo teológico.¹⁷⁴

Forrest destaca que o otimismo era tanto que a Primeira Guerra foi anunciada como “A guerra para acabar com todas as guerras”. Contudo o que ocorreu foi apenas o surgimento de novos conflitos. A verdade objetiva foi relativizada, “Em vez da verdade, há verdades. Cada verdade é culturalmente condicionada e depende de uma variedade de fatores que dependem do indivíduo ou grupo”. Os cristãos viram o surgimento e o desaparecimento de vários modelos de pensamentos teológicos que visavam unir a tradição ao mundo contemporâneo.

175

O século 20 testemunhou o colapso da modernidade. Após a Primeira e a Segunda Guerra, os sonhos felizes de uma utopia industrializada foram substituídos por pesadelos trágicos de uma sociedade cada vez mais secular e desiludida. A desconstrução das cosmovisões históricas foi completa, e uma filosofia pós-moderna baseada na evolução e na autorrealização havia começado.¹⁷⁶

Lopes salienta que o período foi caracterizado por grandes movimentos que marcaram a teologia, como Movimento Evangélico, o Movimento Liberal, o Movimento de Oxford¹⁷⁷. Forrest acrescenta à essa lista o Fundamentalismo, o Evangelho da Justiça Social e o Movimento Carismático, além do surgimento de várias escolas de pregação que reforçavam os estilos existentes como a pregação tópica e a expositiva, além da proposta de mais uma forma, a Nova Homilética.¹⁷⁸

¹⁷³ FORREST, v2, 2020, p. 162.

¹⁷⁴ LIMA, Alan Rennê Alexandrino. **O CRISTIANISMO OCIDENTAL NO SÉCULO XX**. [s.d.], Monergismo. Disponível em: <http://www.monergismo.com>. Acessado em: 14 de jan. de 2023.

¹⁷⁵ FORREST, v2, 2020, p. 344.

¹⁷⁶ FORREST, v2, 2020, p. 419.

¹⁷⁷ LOPES, 2019, p.816 – 819.

¹⁷⁸ FORREST, v2, 2020, p. 426.

Na virada do séc. XIX para o XX, o liberalismo teológico traz a “prédica moderna”. Quer levar à comunidade as descobertas do estudo da Bíblia no campo científico. Procura dirigir-se à pessoa do tempo presente, inclusive com apoio em conhecimentos vindos da psicologia, da sociologia e dos estudos feitos no campo da cultura. A prédica é marcada predominantemente pela situação em que a comunidade vive.¹⁷⁹

4.1 A HOMILÉTICA DO MOVIMENTO EVANGÉLICO

Regina Fernandes Sanches salienta que o período foi marcado pelo avanço missionário e ficou conhecido como “O Grande Século das Missões”¹⁸⁰, com seu início nos movimentos estudantis cristãos (1886), objetivando evangelizar todo o mundo ainda naquela geração. Isso gerou um grande esforço missionário em todos os continentes, com a evangelização e a organização de novas igrejas. Guilherme Ferreira Oliveira acrescenta mais um fator para o movimento, que foi a criação das agências missionárias, principalmente em solos estadunidenses que criam ter a responsabilidade da evangelização do mundo.¹⁸¹

Nas palavras de Lopes, “o Movimento evangélico”, é uma consequência do avivamento do século anterior, abrangendo a ala evangélica da Igreja Anglicana e algumas igrejas livres.”¹⁸² O movimento enfatizava a piedade, o serviço cristão e as missões tendo como representantes Charles Simeon, de origem anglicana, e Charles Haddon Spurgeon, de origem batista. Forrest ainda acrescenta a essa lista Robert Murray M’Cheyne que, embora tenha morrido cedo, deixou uma marca de pregação pautada na Palavra e de exemplo de pastoreio quanto ao trato para com sua congregação; Alexandre Maclaren, hábil expositor da Bíblia; William e Catherine Booth, fundadores do Exército da Salvação, em cuja pregação se enfatizava a capacitação do Espírito para o exercício do ministério; Rodney “Gypsy” Smith que enfatizava que a pregação não deveria ser uma palestra ou apresentação, mas “falar ao coração das pessoas anunciando o evangelho de Cristo e ressaltando a

¹⁷⁹ STRECK, 1993, p.178.

¹⁸⁰ SANCHES, Regina Fernandes. A missiologia cristã sob o movimento Reformado. **Revista Ultimato**. 25 de out. de 2017. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/a-missiologia-crista-sob-o-movimento-reformado>. Acessado em: 12 de jan. de 2023.

¹⁸¹ OLIVEIRA, Guilherme Ferreira. Pensamento missionário estadunidense e evangelização para o Brasil em fins do século XIX: algumas considerações. **Oficina do Historiador**. Porto Alegre – RS. EDIPUCRS, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014, p. 97-117.

¹⁸² LOPES, 2019, p.816 – 817.

diferença entre o céu e o inferno¹⁸³. Neste estudo, destacaremos Charles Simeon e Charles Haddon Spurgeon.

Forrest afirma que Charles Simeon foi um exemplo de perseverança, tendo se dedicado a “fazer ‘cristãos bíblicos’” durante todo os seus 54 anos de ministério, pois observou a deficiência do preparo pastoral na formação acadêmica dos pastores e, para suprir essa carência, ele mantinha encontros regulares com os alunos de teologia a fim de prepará-los para o ministério e para a pregação. Com isso em mente organizou seus sermões na obra conhecida como *Magnum opus, a Horae Homileticae*. “Sua ideia não era mostrar todas as regras de organização e construção de sermões, mas uma regra geral, e isso era demonstrar como os textos deveriam ser tratados naturalmente.”¹⁸⁴

“James Houston afirmou que Simeon foi o primeiro pregador da Igreja da Inglaterra a entender que era necessário e possível ensinar outros pastores a pregar bem”. Ele reunia um número de rapazes de Cambridge semanalmente para repassar os esboços dos sermões e discutir questões elacionadas à fé e à vida cristã.¹⁸⁵

Forrest ainda acrescenta que o desejo de Simeon era que seus sermões fossem relevantes à vida de seus ouvintes e para tanto, ao elaborar um sermão, se questionava: “Tende uniformemente a humilhar o pecador, exaltar o Salvador e promover a santidade? Se em um único caso ele perder de vista qualquer um desses pontos, deixe-o ser condenado sem misericórdia”.¹⁸⁶ Dessa forma ele considerava que a pregação precisava ser simples e direta e estar centrada na Palavra, e somente nela, sem se prender ou se apegar a questões marginais.

A estrutura homilética proposta por Simeon, afirma Forrest, estava organizada a partir das seguintes questões que precisariam ser respondidas no processo de elaboração da prédica: Qual o escopo e o significado do texto? Quais são as partes do texto, qual é a sua divisão natural? Quais são as reflexões

¹⁸³ FORREST, v2, 2020, p. 32-33.

¹⁸⁴ FORREST, v2, 2020, p. 48.

¹⁸⁵ FORREST, v2, 2020. p.37 *apude* James Houston, ed. *Evangelical Preaching: Na Anthology of Sermons by Charles Simeon* (Portland: Multn mah, 1986), XV. e Alexander C. Zbriskie, 1940. p. 103-119

¹⁸⁶ FORREST, v2, 2020, p.49.

deixadas por Deus para serem apresentadas ao ouvinte? E por fim, como tudo o que foi apresentado à luz do texto Bíblico pode ser aplicado à vida da congregação?¹⁸⁷.

Charles Simeon foi considerado uma figura central para o Movimento Evangélico Anglicano e, em meio a um período de apatia espiritual, promoveu por meio da pregação bíblica o despertar da consciência do pecado, do julgamento vindouro e da necessidade de perdão. Em um período em que as pregações eram acadêmicas e distantes da vida prática das pessoas, geralmente lidas ou copiadas de outros pregadores, Simeon investia até doze horas preparando seus sermões, a fim de atingir não apenas a mente, mas o coração do povo a fim de resgatar as suas almas¹⁸⁸.

Charles Haddon Spurgeon, considerado como “Príncipe dos pregadores”, impactou a Inglaterra, a Europa e as Américas com seu estilo de pregação. Nas palavras de Forrest “Spurgeon acreditava que quem não é chamado e capacitado a pregar não deveria empreender essa tarefa”. Para ele o exercício do ministério da palavra deve ser exercido apenas por aqueles que são chamados, capacitados e dirigidos por Deus, alguém converso, comprometido com a Palavra e somente com ela. ¹⁸⁹

Forrest debruçando-se sobre a homilética de Spurgeon a define como bíblica expositiva. Para ele a mensagem deveria fluir do texto e suas verdades aplicadas à vida do ouvinte de forma clara e inequívoca.

Pregar “textos das Escrituras fora de seu contexto, torcida e pervertidamente, não é ‘Está escrito’”, Spurgeon insistiu. “O significado claro da palavra deve ser conhecido e entendido. Oh, leia a palavra e ore pela unção do Espírito Santo, para que você possa conhecer o significado, pois assim você contendará contra o inimigo”. ¹⁹⁰

A exposição bíblica realizada do púlpito no momento da pregação nem sempre seria a única forma de transmissão da Palavra, “Spurgeon organizou todos os cultos para incluir uma exposição de um texto longo e, depois, um sermão ou discurso. Às vezes, essas duas etapas ocorreram juntas, enquanto em outras

¹⁸⁷ FORREST, v2, 2020, p.43.

¹⁸⁸ FORREST, v2, 2020, p.46.

¹⁸⁹ FORREST, v2, 2020, p.114-124.

¹⁹⁰ FORREST, v2, 2020, p.126.

ocasiões eram duas partes distintas e únicas de sua homilia.”¹⁹¹ Desta forma toda a liturgia do culto, e não apenas a suas prédicas, estariam permeadas de doutrina, sempre apontando para Cristo e eram aplicadas de forma tal que gerasse transformação, salvação e santificação na vida do ouvinte.

Suas prédicas eram estruturadas para uma duração de até 45 minutos, por crer que sermões longos atrapalhariam a absorção do conteúdo. Eram claras e em linguagem simples para que não houvesse barreiras. Ele defendia, de um lado, que a apresentação do sermão fosse equilibrada, sem muitos gestos e movimentos a fim de evitar a teatralidade no púlpito. Por outro lado, o pregador também não deveria permanecer inerte, sem animação “como se a sua mensagem não tivesse interesse para si ou para qualquer outra pessoa”.¹⁹²

“Não é para eu entreter vocês com algumas coisas profundas que podem instruir seu intelecto, mas não entrar em seus corações; cabe a mim encaixar a flecha na corda e atirá-la, desembainhar a espada, mesmo que a bainha nunca estivesse tão brilhante, para colocá-la de lado e deixar a majestade da verdade nua bater em seus corações”.¹⁹³

Forrest ainda destaca o uso de imagens e ilustrações, sempre com a finalidade de prender a atenção e lançar luz sobre a exposição que estava sendo feita. Para ele o pregador deve se prender unicamente às Escrituras e depender da ação do Espírito Santo.¹⁹⁴

Na passagem do século 19 para o 20, tempo de fortes mudanças socioculturais e econômicas, com o avanço da ciência, processos de modernização, urbanização e industrialização, o evangelicalismo se dividiu em duas alas: a liberal, que assumiu o humanismo que embasava as mudanças, estabeleceu o diálogo da teologia com as ciências humanas e sociais, e o surgimento das ciências bíblicas e da teologia liberal. A outra ala é a conservadora, que reagiu fortemente às transformações e à releitura da tradição.¹⁹⁵

¹⁹¹ FORREST, v2, 2020, p.171.

¹⁹² FORREST, v2, 2020, p.124-133.

¹⁹³ FORREST, v2, 2020, p.131.

¹⁹⁴ FORREST, v2, 2020, p.133-134.

¹⁹⁵ CUNHA, Magali. Fundamentalismo. 9 de mar de 2022. **Religião e Poder**. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/fundamentalismos/>. Acessado em: 14 de jan. de 2023.

4.2 A HOMILÉTICA DO MOVIMENTO LIBERAL

Para José Roberto da Silva Costanza, o liberalismo encontra suas raízes na ênfase da investigação científica de René Descartes, no século XVII, e começa a perder força a partir de 1930. O período pode ser dividido em duas fases. A primeira identificada como Iluminismo ou Racionalismo, que perdurou até o século XVIII, e a segunda identificada como liberalismo teológico ou Romantismo, que ocorre a partir do fim do século XVIII e vai até o século XIX. ¹⁹⁶ Lopes ainda acrescenta que “O termo ‘liberal’ expressava a ênfase no direito do indivíduo de definir os termos de sua fé sem ser constrangido por nenhuma autoridade externa.” ¹⁹⁷

O período não apresentou grandes contribuições quanto à estrutura ou ao estilo da pregação. A preferência era pela estrutura temática, visto ter se concentrado nos valores a serem transmitidos com foco na razão sobreposta à fé e aos dogmas, por meio de uma prédica otimista, que anunciava o desenvolvimento e a evolução da humanidade, numa ênfase antropocêntrica, a imanência divina manifestada através da natureza e a crença no universalismo.

A teologia liberal deu grande atenção aos estudos históricos como a melhor maneira de descobrir a essência do cristianismo. Esses estudos se concentraram em áreas como a historicidade das narrativas bíblicas (Ferdinand Baur, Julius Wellhausen), a reinterpretação das origens do cristianismo (David Strauss, Adolf Harnack), a busca do Jesus histórico (Ernst Renan, Albert Schweitzer) e a história das religiões (Ernst Troeltsch). Um dos maiores divulgadores do liberalismo protestante foi Adolf Harnack (1851-1930), professor de história da Igreja e teologia histórica na Universidade de Berlim e intelectual de grande prestígio na Alemanha, inclusive na esfera política. ¹⁹⁸

Nas Palavras de Nelson Galvão “[...] A teologia liberal deu à luz sermões destituídos das Escrituras e do poder transformador do evangelho”, e lista alguns temas pregados: “O perigo de ser sepultado vivo (Um sermão para o domingo de ressurreição)”. ¹⁹⁹

¹⁹⁶ DA SILVA COSTANZA, José Roberto. As raízes históricas do liberalismo teológico. **Fides reformata**, v. 10, n. 1, p. 79-99, 2005.

¹⁹⁷ LOPES, 2020, p.810.

¹⁹⁸ LOPES, 2020, p.816.

¹⁹⁹ GALVÃO, Nelson. **O liberalismo teológico e a pregação**. 9 de ago de 2019. Pregue a Palavra. Disponível em: <https://www.pregueapalavra.org.br/post/o-liberalismo-teol%C3%B3gico-e-a-prega%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em: 16 de jan. de 23.

Forrest apresenta Harry Emerson Fosdick, professor de Homilética e Teologia Prática; radialista, escritor e representante do movimento liberal que atuou para além dos púlpitos nas áreas de planejamento familiar na *Planned Parenthood*, na *Euthanasia Society of America* e mesmo sendo contra a “Lei Seca” de sua época apoio o movimento dos Alcoólicos Anônimos, como pregador mais centrado na ética do que na apologética.

Teologicamente defendia que a fé não deveria estar ancorada na ortodoxia, mas na vivência pessoal. Segundo Forrest, para Fosdick a prédica era o centro da adoração protestante e cria que tinha poder para melhorar pessoas e civilizações. Consciente disso, ao organizar suas mensagens, centrava-se na ideia de que a pregação poderia mudar uma vida, independentemente do tamanho do auditório para o qual estivesse pregando. Para ele, a mensagem não poderia ser apenas uma análise expositiva de fatos teológicos, mas deveria tocar os problemas, as lutas e as dificuldades e assim trazer respostas bíblicas às questões levantadas, repetindo o apelo em vários momentos.²⁰⁰

Precisamos de mais sermões que tentem enfrentar os problemas reais das pessoas com eles, enfrentar suas dificuldades, responder suas perguntas, confirmar suas crenças mais nobres e interpretar suas experiências em cooperação solidária, sábia e compreensiva”. O sermão era para aconselhar, e não mandar; explicar, mas não exortar; e discutir em vez de ditar.²⁰¹

Ainda segundo Forrest, o método homilético de Fosdick pautava-se em: levantar e resolver um problema comum para aqueles que o ouviam, sempre personificado na figura de uma pessoa que precisa ser alcançada; promover o diálogo entre o púlpito e os ouvintes, compreendendo que a pregação deve gerar a integração entre pregador e ouvinte, como um “aconselhamento pessoal em escala grupal”, não devendo ser um monólogo, mas um diálogo, que para ele deveria ter um tempo determinado, em geral 35 minutos.

Assim, Fosdick iniciava sua prédica com uma ideia central, geralmente um problema pessoal a ser enfrentado logo no início para gerar identificação com a audiência. Em seguida, dividia o sermão em pontos a serem trabalhados. O uso de ilustrações estava mais voltado a temas da psicologia e histórias que gerassem

²⁰⁰ FORREST, v2, 2020, p.422-439.

²⁰¹ FORREST, v2, 2020, p.433.

interesse. A conclusão e o apelo em suas mensagens sempre desafiavam seu público a decidir, a mudar de conduta ou a praticar virtudes morais e éticas, mas nem sempre fazia apelo direto à salvação, por entender que essa poderia vir a partir de uma mudança no comportamento ético-social. Seu estilo ficou conhecido como “método de projeto” ou “sermão de aconselhamento”.²⁰² E ainda acrescentava que “[...] Qualquer sermão que, assim, resolva um problema real, lance um pouco de luz e ajude alguns indivíduos que praticamente não conseguem encontrar o caminho não pode ser totalmente desinteressante.”²⁰³

É importante ressaltar que nesse lapso temporal muitos movimentos aconteceram simultaneamente sobrepondo-se uns aos outros, ora em oposição a determinadas posturas e posicionamentos, ora acrescentando ou reescrevendo o que estava sendo dito. Assim, em resposta ao liberalismo, surgiram movimentos como os que serão apresentados a seguir, salientado que não se trata de uma cronologia exata, mas quase que uma justaposição de eventos teológicos.

4.3 A HOMILÉTICA DO EVANGELHO E JUSTIÇA SOCIAL

Cláudio de Oliveira Ribeiro relata que após a Guerra de Secessão (1864) e diante do enriquecimento de alguns em detrimento de muitos, da industrialização e da urbanização crescente, surgiu a necessidade de um repensar teológico para trazer respostas às questões sociais e humanas que se apresentavam. Assim surgiu um movimento interdenominacional protestante (Congregacionais, Presbiterianos, Anglicanos, Metodistas e Batistas) conhecido como Evangelho Social ou Justiça Social, apoiado no ideal de que a igreja deveria estar presente entre as organizações públicas e privadas, para que, a partir dos princípios cristãos, essas instituições fossem transformadas promovendo assim o “bem comum, na promoção

²⁰² FORREST, v2, 2020, p.432-437.

²⁰³ FORREST, v2, 2020, p.436.

da cidadania, nos direitos das classes operárias urbanas e rurais, e na defesa do direito das mulheres e das etnias.”²⁰⁴

Além dos fatores citados, Nelson Rodrigues Netto Jr acrescenta a popularização da cultura americana por meio do cinema e o crescimento da indústria bélica como fatores que contribuíram para o surgimento da teologia social como forma de distribuir toda a riqueza que a América estava acumulando e de compensar as desigualdades existentes à época. Rauschenbusch defendeu que as questões que a humanidade enfrentava eram fruto do egoísmo e para corrigir fazia-se necessário voltar para os fundamentos da fé e da visão do Reino de Deus e transformar a forma de pensar e agir, não apenas dos indivíduos, mas das instituições (públicas e privadas), a fim de inculcar valores cristãos no Estado.²⁰⁵

Netto Jr, citando James M. Jasper, acrescenta que esse processo deveria passar por uma revolução cultural agindo no campo da cognição. Assim, foi desenvolvida a teoria de vítimas e vilões, que buscava impedir que a estrutura estatal e os grandes oligarcas se tornassem opressores e parasitas. Nessa teoria buscava-se desenvolver a identidade coletiva por um processo que se iniciava com a promoção da empatia para gerar afinidade e formar grupos, e uma vez formados, seria trabalhada as emoções para dar vida às narrativas reforçando ódio pelos vilões e a obediência aos aliados, além do sentimento de piedade pelas vítimas.²⁰⁶

De acordo com Lopes, o Evangelho Social ou Justiça Social teve como um de seus principais articuladores Walter Rauschenbusch, que o estruturou a partir da influência de Albert Ritschl e Harnack, dentro de uma concepção de que as estruturas (Estado e corporações) precisavam ser “salvas”, reorientadas sob a ética cristã.²⁰⁷

Entre uma considerável lista de pastores, leigos, leigas e lideranças eclesiais diversas, estão, além de Rauschenbusch, os nomes dos congregacionais Washington Gladden (1836-1918); Josias Strong (1847–1916); Charles Monroe Sheldon (1857–1946); batistas como Emma Rauschenbusch-Clough (1859–1940); Samuel Zane Batten (1859–1925) e

²⁰⁴ DE OLIVEIRA RIBEIRO, Claudio. Linhas de uma fé-para-o-mundo: Cinco décadas entre “Uma teologia para o Evangelho Social”, de Walter Rauschenbusch, e “A Cidade do Homem”, de Harvey Cox. *Caminhando*, v. 25, n. 2, 2020. p. 205.

²⁰⁵ NETTO JR, Nelson Rodrigues. Uma teologia para o Evangelho Social. *Estudos de religião*, v. 33, n. 3, p. 367-368, 2019.

²⁰⁶ NETTO JR, 2019, p. 369-372 *apud* JASPER, 2016, p. 26-27.

²⁰⁷ LOPES, 2020, p.818.

os metodistas John Marshall Barker (1849–1928), Harry Frederick Ward (1873–1966), Frank Mason North (1850–1935).²⁰⁸

Forrest ainda cita outro grande expoente desse movimento, o pastor Batista Martin Luther King, nascido em 1929 na cidade de Atlanta – Georgia, em uma família de pregadores com profundas raízes no legado da pregação negra, que abrangia a busca por justiça social gerada a partir do púlpito. Todo esse ímpeto aflora a partir do evento acontecido com Rosa Parks, em 1955, na cidade de Montgomery – Alabama. Na ocasião, Rosa não se levantou para ceder seu lugar a um passageiro branco no ônibus, descumprindo assim, as leis de segregação racial em vigor. O evento gerou uma série de boicotes e protestos, liderados pelo pastor King, que ganhou destaque nas mídias de todo o país.

Seu desafio para os Estados Unidos com relação à dignidade de todas as pessoas de todas as raças teve implicações futuras de longo alcance. Seus esforços abriram o caminho para o progresso dos afro-americanos nos Estados Unidos, especialmente no Sul. Com certeza, esses ganhos representaram a realização de um sonho de um pregador batista. Ele não apenas usou a igreja, mas a praça pública como um púlpito para ressoar as palavras do profeta Amós: “Corra a retidão como um rio, a justiça como um ribeiro perene!” (Amós 5:24).²⁰⁹

Ainda segundo Forrest, o pastor King, mesmo diante de todo destaque que a luta por justiça social lhe trouxe, ainda se via apenas como um pregador da Palavra, do evangelho de Jesus Cristo, “Eu sou... o filho de um pregador batista, o neto de um pregador batista e o bisneto de um pregador batista. A Igreja é minha vida e eu dei minha vida à Igreja”.²¹⁰ King, provocou uma transformação ao utilizar os eventos e personagens da Palavra de Deus para gerar uma mudança social, apresentando ao país e ao mundo a eloquência dos pregadores afro-americanos e fazendo com que esses pregadores conseguissem olhar para além do contexto de suas igrejas.

No campo teológico, inicialmente o pastor Luther King se manifestava dentro de uma linha fundamentalista, sob a influência de seu pai. Durante seus anos de estudo, influenciado por Crozer, conheceu a Teologia Liberal e posteriormente a neo-ortodoxia. Por fim ele declarou não haver encontrado satisfação nem no liberalismo nem na neo-ortodoxia por entender que a

²⁰⁸ DE OLIVEIRA RIBEIRO, 2020, p. 209.

²⁰⁹ FORREST, v2, 2020, p. 749.

²¹⁰ FORREST, v2, 2020, p.752

humanidade não poderia ser considerada totalmente boa ou essencialmente mal, para ele o equilíbrio entre as duas linhas teológicas seria o caminho mais correto.²¹¹

Quanto a sua homilética Forrest destaca que ele conseguiu combinar o melhor da pregação acadêmica com as tradições e estilo da pregação negra. Sua pregação foi grandemente influenciada pela teologia personalista e pelo uso da retórica para anunciar a Palavra. Tópicos como a dignidade humana eram recorrentes, ressaltando sempre que “[...] há algo dentro da natureza humana que pode responder à bondade, que o homem não é totalmente depravado; [...] a imagem de Deus nunca desapareceu totalmente”.²¹²

Como ferramentas de ilustração, utilizava letras das músicas de *negro spiritual*, poesias, metáforas e testemunhos, gerando um paralelo entre a cultura afro-americana e os personagens bíblicos, destacando como cada um sobreviveu e foi vitorioso ressaltando o patriotismo e a liberdade como direito.

Outro fator de destaque para Forrest quanto à pregação de King foi o uso da voz. Para King pregar era um “acontecimento acústico”²¹³. Assim, o sermão não deveria ser apenas lido, como apelo deveria ser transmitido com cadências e tons variados, sem permitir que a voz prevalecesse sobre o conteúdo.

Seu estilo homilético transitava entre a pregação tópica textual, temática e biográfica sempre ressaltando, em seu desenvolvimento ou aplicação, questões ligadas a busca pela liberdade sobre a opressão. Por vezes, usava o método alegórico para a interpretação dos textos, trazendo, no início da prédica questões vividas pela comunidade e, a partir dos pontos apresentados, se voltava para o texto bíblico a fim buscar exemplos e respostas às questões levantadas.²¹⁴

A forma mais comum de argumentação persuasiva foi a abordagem hegeliana de tese, antítese e síntese. Muitos de seus sermões estabeleceram duas ideias em contraste, que, para todos os propósitos práticos, representavam a tese e a antítese. Então, ele resolvia a tensão oferecendo uma terceira opção, que representava a síntese. [...] com base em Mateus 10:16. Nesse sermão, King propôs dois opostos, cada um relacionado à luta pela liberdade. Os dois opostos incluíam a necessidade

²¹¹ FORREST, v2, 2020, p. 742-744.

²¹² FORREST, v2, 2020, p. 757.

²¹³ FORREST, v2, 2020, p. 760.

²¹⁴ FORREST, v2, 2020, p.763-765.

de uma “mente dura” e um “coração terno”. Seu terceiro ponto (síntese) lidava com a necessidade de “resistência não violenta”. Os dois primeiros opostos foram considerados úteis para implementar a resistência. No entanto, ele sustentou que a “mente dura” não deve levar à violência e que o “coração terno” não deve levar à “complacência e a um não fazer nada”.²¹⁵

Nessa pesquisa conceituaremos a pregação textual a partir da definição apresentada por Paschoal Piragine Júnior, que o caracteriza como tendo sua origem na divisão natural de uma perícopes bíblica, podendo ser exemplificado por meio de outros textos ou ilustrações que reforcem a ideia central contida na perícopes escolhida²¹⁶. Braga ainda acrescenta que essas perícopes precisam ser breves, limitando ao máximo de três versículos e o tema é definido pela ideia central do texto.²¹⁷

Quanto ao sermão biográfico por sua vez está ancorado no estudo detalhado da vida de personagens bíblicos, buscando no passado de cada um deles um exemplo de fé, de obediência, de vida de orações, de perseverança ou um ensinamento que possa se aplicável na atualidade, se perder de vista o alvo da pregação, onde se deseja chegar com a história da vida desse personagem²¹⁸. Dário de Araújo Cardoso acrescenta declarando ser esse, uma forma de pregação que objetiva, a partir da vida de um personagem bíblico, apresentá-lo como modelo de fé e conduta e ainda aponta a existência de aproximadamente 2.930 possibilidades de sermões biográficos na Bíblia²¹⁹.

4.4 A HOMILÉTICA DO FUNDAMENTALISMO

Lopes apresenta o fundamentalismo como uma reação ao liberalismo e ao modernismo teológico. Uma tentativa de defender os “fundamentos’ da fé cristã”, como a inerrância com uma interpretação literalista; a inspiração; a Trindade; o nascimento virginal; a queda; a morte vicária; a ressurreição e a segunda vinda de Cristo em uma visão pré-milenista. Um de seus maiores expoentes foi o John

²¹⁵ FORREST, v2, 2020, p.764.

²¹⁶ PIRAGINE JR, Paschoal; MELO, Adoniran. **A arte de pregar um sermão expositivo: pesquisa e púlpito**. A. D. Santos Editora, Curitiba, 2016, p. (*deposition*) e-book.

²¹⁷ BRAGA, 1999, p.30-31.

²¹⁸ PIRAGINE JR, 2016, p. (*deposition*) e-book.

²¹⁹ DE ARAÚJO CARDOSO, Dario. Uma abordagem cristocêntrica para os sermões biográficos. **Fides reformata (Impresso)**, v. 15, n. 1, p. 57-79, 2010.

Gresham Machen, professor em Princeton entre 1906 e 1929, que defendia que “a teologia liberal representava uma religião diferente do cristianismo”.²²⁰

Bruce L. Shelley destaca que o início do movimento está ligado à publicação de doze livros entre 1910 e 1915 conhecida como *The Fundamentals*, a partir de artigos e dissertações, selecionados por um comitê liderado por Amzi C. Dixon, “pastor da Igreja Moody em Chicago”.

O primeiro grupo a adotar o nome Fundamentalista foi organizado em 1920 por Lee Laws, a partir de uma convenção entre os Batistas que defendiam “a natureza pecaminosa do homem, sua incapacidade de ser salvo sem o auxílio da graça de Deus, a centralidade da morte de Jesus para a regeneração do indivíduo e a renovação da sociedade e a revelação oficial da Bíblia.”²²¹

A controvérsia teve início com a declaração assinada por cento e cinquenta ministros da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, em que afirmavam que “nenhuma doutrina poderia ser considerada ‘essencial’ e que a Bíblia não se considerava ‘livre de erro’”.²²² Como resposta, Machen publica, no jornal *Times de New York*, uma denúncia sobre a postura liberal e herética adotada pela universidade na tentativa de impedir o crescimento do liberalismo. Em sua resposta, os liberais procuraram atacar o caráter e a reputação de Machen que, “foi submetido a uma investigação e inocentado. Mas a difamação por parte dos seus acusadores influenciou muitos contra ele.”²²³

Em julho de 1829, o movimento ganhou corpo e Machen juntamente com outros professores, romperam com Princeton e estabeleceram as bases para a organização de um outro seminário com os valores e princípios abandonados. Assim, em 1930, o Seminário Teológico de Westminster na Filadélfia foi criado.

Em 1934, o Supremo Concílio ordenou a dissolução da agência missionária independente criada e presidida por Machen e o acusou de violação dos votos, rejeição ao governo presbiteriano, desobediência, rebeldia e falta de zelo e fidelidade na manutenção da paz, sendo considerado culpado sem oportunidade de

²²⁰ LOPES, 2019, p.821-827.

²²¹ SHELLEY, 2018. Edição do Kindle.p. 689-692.

²²² MACHEN, Jhon Gresham. **Cristianismo & Liberdade**. Os Puritanos; tradução Denise Pereira Meister. — 1. ed. Digital 2014 — Recife - PE. p. 49.

²²³ MACHEN, 2014, p. 61.

defesa em março de 1935. Desta forma, juntamente com outros ministros organizaram a Igreja Presbiteriana Ortodoxa.²²⁴

Lopes destaca que o movimento entrou em declínio a partir de 1925, depois um julgamento do caso *Scopes*, quando o professor de biologia, John Scopes, foi processado por ensinar o evolucionismo em sala de aula, o que feria a lei do Tennessee. Na defesa de Scopes estava o advogado agnóstico Clarence Darrow e como promotor William Jennings Bryan líder do movimento fundamentalista e político populista de Nebraska, nas palavras de Lopes:

Embora Scopes tenha sido condenado, a atuação decepcionante de Bryan aliada à cobertura sensacionalista da imprensa deu aos fundamentalistas uma imagem de tolos obscurantistas em total descompasso com a era moderna. Cinco dias após o julgamento, Bryan morreu em desonra e mais tarde as leis antievolucionistas foram revogadas. [...]

Nas décadas subsequentes, a ala ultraconservadora, a única que continuou a denominar-se fundamentalista, acabou isolando-se e ficando na defensiva à medida que promovia campanhas contra o evolucionismo, o comunismo, o ecumenismo e a favor do dispensacionalismo.²²⁵

Shelley acrescenta na sequência dos acontecimentos que a Grande Depressão impactou os Estados Unidos e o mundo. A população americana em geral ainda via os fundamentalistas como pessoas com pouca capacidade de raciocínio, ignorantes e belicosas. Esse estereótipo se estendeu de certa forma para todos os evangélicos protestantes que passaram a ser vistos como pessoas de que estavam dispostas a se deixar moldar pela cultura dominante. Somente após a Segunda Grande Guerra, o movimento retomou a proeminência nos Estados Unidos a partir do surgimento de líderes como Billy Graham.²²⁶

Conforme Forrest, William Franklin Graham Jr, nasceu em 1918, na Carolina do Norte. Após sua conversão se matriculou no *Bob Jones College* e posteriormente se transferiu para *Flórida Bible Institute*. Após a conclusão do curso de Teologia, estudou Antropologia no *Wheaton College* e, em 1943, se casou com Ruth McCue Bell e assumiu o pastoreio de uma pequena igreja batista nos arredores de Western Spring, Illinois. Em 1945, deixou a presidência da igreja para assumir a *Youth for Christ* (Jovens por Cristo) onde teve a oportunidade de pregar em vários lugares nos EUA e na Grã-Bretanha.

²²⁴ MACHEN, 2014, p. 40-96.

²²⁵ LOPES, 2019, p.825-827.

²²⁶ SHELLEY, 2018, p. 696.

Forrest ainda acrescenta que o ponto de virada no ministério de Graham aconteceu em 1949, quando participava de uma cruzada evangélica organizada por várias igrejas de Los Angeles, mas que só gerou um impacto verdadeiro a partir da conversão de algumas personalidades locais, a saber um atleta olímpico, uma radialista e um gangster. Essa notícia correu o país e Graham não mais deixou de pregar em campanhas até a sua aposentadoria em 2005.²²⁷

[...] Graham realizou mais de quatrocentas grandes campanhas em estádios e outros grandes locais em todo o mundo. Estima-se que, durante sua longa carreira, Billy Graham falou cara a cara com quase 215 milhões de pessoas e com centenas de milhões a serem alcançadas por meio de televisão, vídeo, filmes e webcasts.²²⁸

Shelley acrescenta que, em 1956, Graham, Carl Henry e outros líderes evangélicos fundaram o *Christianity today*, assumindo que havia uma falha no suprimento moral e espiritual causado pela Teologia Liberal. Entenderam que deveria assumir a tarefa de apresentar o cristianismo histórico ancorado na confiabilidade e inerrância das Escrituras, a fim de alcançar a população.²²⁹

Forrest, ao observar os fundamentos teológicos do movimento e especialmente de Graham, destaca que tudo começou com a convicção de seu chamado para ser um evangelista, o que compreendia ser um dom, uma manifestação de Efésios 4.11-12 que havia sido negligenciado, mas que para ele “é tão válido e crucial para a igreja hoje como era nos tempos do Novo Testamento”.

230

No entanto, Graham estava convencido de que, dentre todas as coisas que Deus chamou seu povo para fazer, a prioridade deve ser dada à evangelização. Relativamente poucos indivíduos, ele sabia, tinham recebido o dom espiritual da evangelização, mas cada cristão foi chamado para ser uma testemunha de Cristo, tanto por suas palavras quanto por seus atos.²³¹

No que diz respeito à pregação, Forrest destaca que Graham seguia cinco princípios. O primeiro princípio é a convicção da inspiração da Palavra, sua fonte de autoridade. O segundo princípio é a crença da veracidade do evangelho e em

²²⁷ FORREST, v2, 2020, p. 528-529.

²²⁸ FORREST, v2, 2020, p. 530.

²²⁹ SHELLEY, 2018, p. 698.

²³⁰ FORREST, v2, 2020, p. 528-529 *apud* Billy Graham, *A Biblical Standard for Evangelist* (Minneapolis: Billy Graham Evangelistic Association, 1984), p. 31.

²³¹ FORREST, v2, 2020, p. 531-532 *apud* Billy Graham, *A Biblical Standard for Evangelist* (Minneapolis: Billy Graham Evangelistic Association, 1984), p. 31.

sua mensagem de salvação, não pautada no carisma do pregador, em tradições humanas, nas emoções ou no assentimento intelectual, “A obra de Cristo é um fato, sua cruz é um fato, sua tumba é um fato e sua ressurreição é um fato... Confiar nele para sua salvação eterna é confiar em um fato”²³². O terceiro princípio é a pregação como obra do Espírito Santo, pois, para ele, somente o Espírito pode atrair a Cristo, convencer do pecado, resgatar e regenerar dando um renascimento espiritual. O quarto ressalta a importância da pregação, quando relata que antes de ter sua vida transformada, as pessoas precisam ouvir a Palavra, e suas mensagens transitavam basicamente em temas ligados à vida, morte e ressurreição para a salvação, por entender que, para alguns, aquela poderia ser a última oportunidade. Por fim entendia que a ordem de pregar até os confins da terra deveria ser obedecida, independentemente das dificuldades encontradas, pois, “nossa tarefa é fazer tudo o que pudermos – não sentar e esperar”.²³³

Billy Graham provavelmente teria sido o primeiro a insistir que ninguém deveria procurar imitar seus métodos de pregação ou seguir seu padrão de preparação para o sermão. “Eu não sou um grande pregador”, ele disse, “e eu não afirmo ser um grande pregador. Eu já ouvi muitas pregações e desejei ser um desses grandes pregadores. Eu sou um pregador comum, apenas comunicando o evangelho da melhor maneira que eu sei”.²³⁴

Forrest acrescenta que vale considerar como Graham se preparava para suas pregações. Ele procurava conhecer o público buscando o máximo de informações que pudesse ter, no tange a questões sociais, raciais e conflitos eclesiais antes de anunciar a Palavra ajustando a mensagem a cada contexto e a cada público. Sua pregação era caracteristicamente evangelística e falava sobre temas como solidão e família. Ressaltava a importância do uso de ilustrações e, mesmo que repetisse uma pregação, a reescrevia atualizando o contexto e as ilustrações.

Graham entendia que a pregação deveria ser anunciada com frases curtas, linguagem simples e com entonação clara e bem articulada, enfatizando a realidade, a gravidade e as consequências do pecado, o amor de Deus demonstrado através da morte vicária e a justificação em Cristo, o chamado à decisão, que considerava

²³² FORREST, v2, 2020, p. 528-529 e 531-532 *apud* Billy Graham, *Peace With God: The Secret of Happiness*, 1984, p. 148.

²³³ FORREST, v2, 2020, p. 532-535 e *apud* Billy Graham, “The Rev. Billy Graham reflects on his faith, his country and his life”, *Parade Magazine*, 1996, p. 4.

²³⁴ FORREST, v2, 2020, p. 538.

não ser um convite à reflexão, mas um chamado ao arrependimento e a um novo compromisso que apontava para o discipulado pessoal, “Crer em Cristo é segui-lo”.²³⁵

4.5 A HOMILÉTICA PENTECOSTAL

Segundo Lopes, o primeiro despertar espiritual apresentou grandes expoentes como Jonathan Edwards e Georg Whitefield, todos ancorados em uma teologia reformada, com viés mais acadêmico e grande fervor apontando para um cristianismo que deveria ser prático. O segundo despertar tem suas raízes teológicas no movimento metodista a partir da compreensão da necessidade de uma decisão das pessoas por Cristo, da manifestação de graça irresistível, da santificação como marca característica de uma conversão e, como John Fletcher, sucessor de Wesley, afirmava com a ênfase na “experiência em termos do batismo do Espírito Santo associado ao Pentecostes no Novo Testamento.”²³⁶ O movimento surge concomitantemente ao fundamentalismo, em solo americano, seguindo uma linha que enfatizava uma experiência religiosa mais emocional e com teologia arminiana, a partir da década de 1830 com as grandes cruzadas organizadas sob o conceito de santidade (*holiness*).

Ainda segundo Lopes, após a Guerra Civil americana (1861-1865), a questão da santidade como marca de uma vida cristã saudável, passou a ser pontuada “em termos do batismo como Espírito Santo”, na busca por um resgate da vitalidade e do poder do cristianismo, a partir da igreja primitiva e da experiência vivida no Pentecostes. No dia 31 de dezembro de 1900, um último elemento foi adicionado para vincular o batismo do Espírito Santo com a *glossolalia*, quando em um culto de vigília no Instituto Bíblico no Kansas, uma aluna que seria enviada como missionária ao exterior, pede ao pastor Charles Fox Parham que impusesse-lhe as mãos e orasse por ele, e ao fazê-lo ela passou a falar em línguas, “nos dias seguintes muitos colegas e o próprio pastor tiveram essa experiência.”²³⁷

²³⁵ FORREST, v2, 2020, p. 537-543.

²³⁶ LOPES, 2019, p.829.

²³⁷ LOPES, 2019, p.827-830.

Alderi Souza de Matos acrescenta que, em 1905, Parham mudou-se para o Texas e começou a dar aulas. Entre seus alunos estava Willian Joseph Seymour, um pregador negro do movimento *holiness*, que, por motivo das leis de segregação racial com as quais Parham consentia, precisou assistir as aulas do lado de fora da sala, no corredor. Seymour que “era filho de escravos, tinha pouca cultura, limitados dotes de oratória e era cego de um olho.”²³⁸

Matos ainda relata que Seymour havia sido convidado para pregar pela primeira vez em uma pequena igreja batista pastoreada por Júlia Hutchins e o fez utilizando o texto de Atos 2.4. Embora sua pregação não tenha causado boa impressão, um grupo de irmãos se junta a ele para reuniões de oração. O grupo cresceu ao ponto de não caber mais e o local se tornou pequeno, gerando a necessidade de alugar uma nova casa na Rua Bonnie Brae, onde o avivamento teve início. Na ocasião, algumas pessoas começaram a falar em línguas. Mais pessoas se juntaram ao grupo até o ponto de, mais uma vez não haver espaço suficiente, o grupo então alugou um imóvel localizado na rua Azusa, próximo ao centro da cidade de Los Angeles. Matos descreve as reuniões desta forma:

As reuniões eram eletrizantes e barulhentas. Começavam às 10 horas da manhã e prosseguiam por pelo menos doze horas, muitas vezes terminando às 2 ou 3 da madrugada seguinte. Não havia hinários, liturgia ou ordem de culto. Os homens gritavam e saltavam através do salão; as mulheres dançavam e cantavam. Algumas pessoas entravam em transe e caíam prostradas. Até setembro, 13.000 pessoas passaram pelo local e ouviram a nova mensagem pentecostal. Um bom número de pastores respeitáveis foi investigar o que estava ocorrendo e muitos deles acabaram se rendendo ao que presenciaram.²³⁹

Em seu artigo “O carisma do pregador Pentecostal e a Espetacularização do evangelho”, Ismael de Vasconcelos Ferreira destaca que o ponto máximo do culto pentecostal é a pregação, revestida de autoridade divina, por considerar que Deus fala através do pregado, dotando-o de autoridade e cabendo ao ouvinte apenas obedecer e praticar as orientações recebidas. Essa autoridade é originária do texto bíblico, que o pregador utiliza para elaborar o sermão e validar seu discurso, da dinâmica utilizada na transmissão da mensagem ao fazer uso de expressões orais e

²³⁸ DE MATOS, Alderi Souza. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário—parte 1. *Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB*, v. 3, n. 1, 2011.

²³⁹ DE MATOS, 2011, p. 10-11.

corporais, da utilização de termos, jargões e palavras de ordens a fim de gerar um envolvimento.

Ramos ainda acrescenta que a prédica nesse movimento ganha em tempo de transmissão, tornando-se mais longa, contudo, perde em profundidade e conteúdo e ganha, também, no emocionalismo pois, para aqueles que buscam na pregação uma resposta para seus problemas e questões, ela se faz de forma simplista, ao repetir a fórmula, “Jesus é a solução”,²⁴⁰ e esperar uma intervenção divina para mudança da história, cabendo ao fiel: a conversão ao cristianismo, a leitura da Bíblia, a participação nos cultos e nas atividades da igreja, a fidelidade nos dízimos e nas ofertas e, no caso do pentecostalismo no Brasil, no envolvimento em campanhas nas quais a frequência garante a bênção, a oração consagra o copo d’água etc. revelando um caráter “mágico” em conformidade com a religiosidade popular, e ainda:

A prédica, como elemento racional que tem a responsabilidade de articular a inteligência da fé (fazer teológico) dá lugar a um tipo de pregação psicossomática que procura provocar efeitos físicos: lágrimas, riso, arrepios, êxtases, etc. A ênfase do discurso carismático-pentecostal não recai sobre dogmas ou sobre o julgamento crítico da realidade a partir dos postulados da fé, mas sobre a *experiência* dos dons espirituais especiais, tais como a glossolalia, as curas miraculosas e os exorcismos.²⁴¹

4.6 A HOMILÉTICA DO NEO-ORTODOXISMO

Lopes apresenta a Neo-ortodoxia como uma reação ao liberalismo e ao fundamentalismo, confrontando os primeiros quanto à transcendência e sua busca por uma acomodação às transformações culturais da época e o segundo em sua postura extremista pautado na interpretação literal das Escrituras. O movimento também defendeu o afastamento da filosofia, embora tenha sido influenciada por Kierkegaard, e procurado resgatar temas como a “depravação humana, supremacia da graça e salvação mediante a fé, assim como a transcendência e soberania de Deus”.²⁴²

²⁴⁰ RAMOS, 2012, p. 79.

²⁴¹ RAMOS, 2012, p. 77-79.

²⁴² LOPES, 2019, p.836.

Ainda segundo Lopes, o maior expoente dessa corrente teológica, também conhecida como dialética foi Karl Barth, considerado com um dos teólogos mais influentes do século XX. Nascido na Basileia – Suíça, em 1886, foi pastor da igreja reformada. Nos anos 1920, logo após a I Guerra Mundial, rompeu com Friedrich Gogarten e Rudolf Bultmann, ao entender que no existencialismo se manifestava um uma visão excessivamente antropocêntrica. “Para ele, a teologia não deveria ser o estudo da experiência humana de fé, mas concentrar-se na Palavra de Deus”.²⁴³

A teologia dialética foi um dos resultados da crise cultural que surgiu como resultado da Primeira Guerra Mundial, e continha, entre outras coisas, violenta crítica à teologia da escola da história das religiões. [...] A interpretação da Bíblia de Barth, entretanto, não é mera cópia da obra dos reformadores; a dialética que encontrou na Bíblia não é, como acontece com Lutero, o contraste entre a ira e a graça de Deus, entre o pecado do homem e a justiça providenciada por Deus; é antes o contraste fundamental entre eternidade e tempo, entre Deus como Deus e o homem como homem. [...] A relação deste Deus com este homem, e a relação deste homem com este Deus é para mim tanto o tema da Bíblia como a totalidade da filosofia.”²⁴⁴

Julio César Silveira da Silva destaca que Barth, como muitos outros estudantes de teologia em sua época, teve sua formação predominantemente orientada pelo liberalismo, por ser essa a teologia dominante na Europa do século XIX, e estudou com teólogos como Adolfo Harnack, Adolf Schlatter, Wilhelm Hermann e Hermann Gunkel, com quem aprendeu sobre uma religião antropocêntrica, apoiada no conhecimento natural de Deus e na possibilidade da evolução humana ao ponto de promover a justiça e fraternidade, uma visão otimista que começa a se desfazer com a eclosão das duas grandes guerras mundiais. Silva ainda acrescenta:

Barth começou a perceber também a esterilidade do discurso liberal para atender as necessidades concretas dos seus paroquianos em Safenwill. Estes demandavam ouvir o anúncio da Palavra de Deus para encontrar nela consolo e esperança para os problemas psicossociais que eles estavam vivendo, decorrentes das circunstâncias históricas. Não queriam ao irem a igreja ouvir discursos filosóficos e políticos, tratados críticos dos evangelhos ou história comparada das religiões:²⁴⁵

²⁴³ LOPES, 2019, p.836-838.

²⁴⁴ HÄGGLUND, 2014 p. 399-401.

²⁴⁵ SILVEIRA DA SILVA, Julio César. **Karl Barth: um chamado cristão a desobediência civil.** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP. 2011. p. 74-76 (Dissertação, p. 162).

Em primeiro de agosto de 1914, Barth rompeu com o que havia aprendido com seus professores após ler um manifesto de apoio ao nazismo assinado por noventa e três deles, e começou a reestruturar sua teologia e a usar o púlpito para combater a guerra, até que, em agosto de 1919, lançou o comentário de Romanos, dando início à Teologia Dialética, sem se preocupar com contextualizações, sem buscar antecedentes históricos ou tentar reconstruir a Teologia Paulina, mas declarando que “depois da ressurreição, o que importa é o nosso presente e futuro com Deus, não a história do texto”. “Barth lida com as Escrituras deixando que elas lidem com ele”.²⁴⁶ Desconstruindo os conceitos propostos por seus professores.

Em Romanos, encontramos pela primeira vez vários temas que reaparecem ao longo dos trabalhos posteriores de Barth; insights que nutriram pregadores ao longo dos anos. Primeiro, sua condenação da “religião”, definida em Romanos como “uma tentativa vigorosa e extensa de humanizar o divino para torná-lo ‘algo’ prático, para o benefício daqueles que não podem viver com o Deus Vivo, e ainda assim não podem viver sem Deus”.²⁴⁷

Silveira da Silva comenta que, como fruto da crise teológica vivida, no Comentário de Romanos, Barth combate o liberalismo, afirmando ser esse excessivamente antropocêntrico, reafirma a autoridade da Bíblia, o caráter teocêntrico da Teologia e a pecaminosidade intrínseca da humanidade. Propondo no método dialético uma forma de crescimento contínuo apoiado em confronto e afirmação.²⁴⁸

O tema central em sua teologia é o conceito da revelação divina que, para ele, se revela direta e pessoalmente, por meio de sua Palavra, sendo essa personificada na pessoa de Jesus Cristo. Embora defendesse que sem a Bíblia nada saberíamos sobre Deus ou sobre a salvação, ele não a reconhecia como Palavra de Deus, mas como manifestação secundária, por ser essa humana e passível de erro, não sendo ela a única fonte de revelação, tendo em vista que Deus também se revela na pregação e no ensino. No que tange às questões escatológicas, Lopes declara “Na eleição de Jesus Cristo, Deus confere aos seres humanos eleição, salvação e vida, e a si mesmo reprovação, perdição e morte.

²⁴⁶ FORREST, v2, 2020, p. 471-472.

²⁴⁷ FORREST, v2, 2020, p. 472 *apud Barth, Romans*, p. 332.

²⁴⁸ SILVEIRA DA SILVA, 2011, p. 77-78.

Esse ensino parece apontar para o universalismo, isto é, a salvação universal.”²⁴⁹

E ainda acrescenta quanto às questões teológicas:

[...] três elementos são comuns aos neo-ortodoxos: a) pensamento fortemente cristocêntrico; b) rejeição da teologia natural e ênfase na Palavra de Deus; c) insistência na diferença qualitativa infinita entre o tempo e a eternidade.²⁵⁰

Bengt Hägglund salienta que Barth entendia que a teologia deveria servir à pregação, guiando-a de maneira crítica, colocando assim a proclamação como ponto focal para uma congregação que deve ser confrontada pela Palavra de Deus.²⁵¹

Barth nunca tirou os olhos do assunto central da pregação verdadeiramente cristã – do único Deus que nos encontra como Pai, Filho e Espírito Santo; Deus que escolhe ser Deus para nós e nos elege para sermos para Deus. Por toda uma vida de pregação, reflexão teológica e escrita, Barth consistentemente permitiu que o Deus trino, que é revelado nas Escrituras, governasse seu pensamento. [...] “Minha teologia inteira, você vê, é fundamentalmente uma teologia para pastores. Isso nasceu da minha própria situação quando tive que ensinar, pregar e aconselhar um pouco”.²⁵²

Forrest ainda acrescenta que o estilo de pregação de Barth era estimulante e o emprego da voz se fazia de forma não monótona ou linear, mas sempre trabalhava as modulações vocais a fim de trazer vivacidade à pregação que costumava ser longa e centrada em poucos versículos, que eram expostos detalhadamente. Contudo ele não registrava toda a pregação, apenas fazia rascunhos, que serviam como apoio, como roteiro para o tema a ser tratado.

Barth se posicionou contra o nazismo, em 1930, e passou a defender a liberdade de pregar sem as “amarras” do Estado, crendo que “a resposta cristã mais eficaz a Hitler era a pregação.” Em uma série de palestras sobre homilética, ministradas na Universidade de Bonn, ele chegou a declarar que: “devemos pregar ‘como se nada tivesse acontecido’. O ‘nada’ é Hitler, a quem Barth recusou mencionar em suas palestras”.²⁵³ Para ele, em momentos de crise, a prédica deve se ater estritamente ao texto bíblico, sem buscar agradar a quem quer que seja,

²⁴⁹ LOPES, 2019, p.840.

²⁵⁰ LOPES, 2019, p.839-841.

²⁵¹ HÄGGLUND, 2014, p. 403.

²⁵² FORREST, v2, 2020, p. 346 *apud* Karl Barth, *Letzte Zeugnisse*. 1969, p. 19.

²⁵³ FORREST, v2, 2020, p. 480.

evitando a conformação sociocultural da época, a fim de não tomar partido, apenas anunciar a Jesus Cristo. Essa postura deixou muitos professores mais velhos, simpaticistas do Nazismo, enfurecidos. Forrest acrescenta:

O pregador começa, por assim dizer, no meio de uma conversa, segurando a joia do texto antes da congregação, admirando todas as facetas de seu brilho. O trabalho do pregador não é tornar o texto relevante para a congregação, mas sim permitir que Deus torne a congregação relevante para o texto bíblico. O pregador é mais fascinado pelo texto antigo do que pelo contexto congregacional contemporâneo.²⁵⁴

E ainda acrescenta ao contexto homilético, que muitas vezes conhecemos mais sobre o sobre o auditório a quem ministramos e seu contexto sociocultural do que sobre o Deus anunciado, esse desconhecimento gera descrições enfraquecidas e destituídas de poder. Essa condição, no pregador, conduz ao distanciamento do texto, à improvisação, a “conselhos humanos derivados de experiências humanas limitadas” e a e um sermão moribundo. Para ele a pregação deve ser centrada em Deus para produzir um senso responsabilidade ao anunciar, por meio de um sermão claro, direto, bem elaborado e transmitindo, de forma entusiasmada, o único e verdadeiro Deus.²⁵⁵

4.7 A HOMILÉTICA DAS MASSAS

Começamos a descrição desse período destacando a importância que o rádio teve no início do século XX. Segundo Karina Kosicki Bellotti, a primeira transmissão de rádio ocorreu em 1922 e dois anos depois já existiam cerca de seiscentas emissoras de rádio nos Estados Unidos. No fim da década de 1950, apenas 5% da população não possuía um aparelho. A radiodifusão foi crucial para os dois movimentos anteriores, o fundamentalismo e o pentecostalismo, que compravam horários para divulgação de seus programas a fim de divulgar suas crenças.

Bellotti ainda acrescenta que voluntariamente, e depois por força de lei, as rádios cediam horários para programações das três tradições religiosas de maior

²⁵⁴ FORREST, v2, 2020, p. 480.

²⁵⁵ FORREST, v2, 2020, p. 357-358.

relevância: judaísmo, catolicismo e protestantismo. O horário destinado aos protestantes ficou restrito aos liberais, fazendo com que os fundamentalistas, pentecostais e outros, precisassem pagar pelo tempo de programa em emissoras de pouco alcance, levando-os a se organizarem em associação a fim de contornar o problema.²⁵⁶

Nas décadas de 1920 e 1930, três evangelistas se tornaram pioneiros na evangelização de massa: Paul Rader, Aimeé S. McPherson, Charles E. Fuller, Jerry Falwell, Fred B. Craddock dos quais destacaremos Fuller, McPherson, Falwell e Craddock.

Fuller e sua esposa, de linha fundamentalista, apresentavam um programa de rádio que durou quase quarenta anos e promoveu unidade entre os conservadores de várias denominações. Organizado em formato simples com músicas, sermões com “mensagem direta, que pregava um Deus vivo e preocupado com as aflições cotidianas das pessoas”²⁵⁷ e com uma proposta de conectividade com seu público ao dar “espaço para a participação dos ouvintes por meio das correspondências e dos guerreiros oradores”²⁵⁸.

Segundo Marcelo Lopes, a canadense Aimeé Semple McPherson foi a fundadora da Igreja do Evangelho Quadrangular e sua pregação estava centrada na realização de curas²⁵⁹. Pedro Gilberto Gomes acrescenta que ela estimulou a utilização do rádio entre os líderes pentecostais, chegando a montar sua própria emissora em 1924²⁶⁰.

Bellotti salienta que McPherson utilizava diversas estratégias para divulgação de seus programas como dirigir um carro onde se podia ler *Gospel car*. Outra estratégia, utilizada em São Petesburgo, foi montar um cenário com um órgão na carroceria de um caminhão onde ela tocava enquanto o veículo percorria a cidade e convidava as pessoas para as atividades. Em outro momento,

²⁵⁶ BELLOTTI, Karina Kosicki. A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a reconstrução dos “valores familiares” pela mídia (1920-1970). **Mandrágora**, v. 14, n. 14, p. 55-73, 2008.

²⁵⁷ BELLOTTI, 2008, p. 60 *apud* HANGEN, 2002, p. 80-111.

²⁵⁸ BELLOTTI, 2008, p. 60 *apud* HANGEN, 2002, p. 85.

²⁵⁹ M. LOPES. O legado de uma pioneira: Aimee Semple McPherson, a cura divina e seus desdobramentos no subcampo religioso pentecostal brasileiro/The legacy of a pioneer: Aimee McPherson, divine healing and its developments in the Brazilian Pentecostal religious subfield. **PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion**, v. 6, n. 1, jan-jun, p. 74-99, 2015.

²⁶⁰ G. GOMES, Pedro. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades: dimensões históricas. **Cadernos IHU**, v. 2, n. 8, p. 6-10, 2004.

McPherson contratou um avião para lançar folhetos sobre a cidade de San Diego. Ela ainda participou da parada das rosas em Pasadena. Citando Hangen, Bellotti acrescenta que os encontros de avivamento eram espetáculos de música e iluminação com orquestra, conjunto de metais e coral de cem vozes e a pregação era performática com sermões ilustrados, cenários montados e vestimentas adaptadas ao tema da pregação ²⁶¹.

Segundo Ramos, para trazer respostas a uma nova geração, cujo “centro gravitacional” são os meios de comunicação, a Igreja se lança ao mundo da mídia, da tecnologia da informação, sem modificar ou propor uma nova “fórmula homilética”. Assim, as décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos, com a popularização da televisão e com o mundo mais uma vez enfrentando uma grande crise, o período conhecido como guerra fria e a guerra do Vietnam. Milhares de jovens foram à guerra motivados pelo apelo sacrificialista das igrejas, o que ficou conhecido como *civil religion*, “É nesse contexto que nascem as estrelas ‘supersalvadoras’, os ‘televangelistas’”.²⁶²

Eis uma síntese das considerações de Assmann sobre alguns dos pregadores eletrônicos mais famosos: Oral Roberts e sua ênfase no curandeirismo religioso e seu slogan era *expect a miracle*, “espere um milagre” — note-se que tal milagre vinha através da mídia, pois inventou o toque ou imposição de mãos pela TV; Rex Humbard, por sua vez, centralizou sua pregação no êxito financeiro; Jimmy Swaggart, com sua música doce e tocante entreteinha os fiéis enquanto apoiava financeiramente os “contras” na Nicarágua; Jerry Falwell, fundador da “Maioria Moral”, apoiou igualmente os “contras” e o Apartheid sul africano, bem como a candidatura de Ronald Reagan, por meio de eloqüentes (*sic*) discursos em defesa da família burguesa e contra o aborto e a pornografia; *Pat Robertson* também se notabilizou por seu engajamento político de direita; Jim Bakker inaugurou o turismo da fé; Robert Schuller disseminou o “pensamento positivo patriótico”, tendo inclusive ganhado um prêmio por seu sermão *I am the american flag*, “Eu sou a bandeira americana [leia-se: dos Estados Unidos]”; Paul Crouch, explorou o tema da segunda vinda de Cristo e conclamou sua audiência a preparar-se para o “apocalipse eletrônico”; Robert Tilton, como Schuller, prega o sucesso; e Bill Bright, elabora e prega as “quatro leis espirituais da liderança” inspirado pela Agência Central de Inteligência dos EUA, a CIA. ²⁶³

Forrest aponta como expoente do período Jerry Falwell, que nasceu durante a Grande Depressão e cresceu no período da Segunda Grande Guerra e ficou conhecido por desafiar pastores a se posicionarem pela restauração ética, moral e

²⁶¹ BELLOTTI, 2008, p. 59 *apud* HANGEN, 2002, p. 63.

²⁶² RAMOS, 2012, p. 80.

²⁶³ RAMOS, 2012, p. 82 *apud* ASSMANN, 1986. p. 15-76.

social a partir de uma visão bíblica e por ser “Um pastor Batista, educador e ativista social” ²⁶⁴, cujo sermões eram encorajadores, práticos e com apelos à uma fé dinâmica, viva e aplicável ao cotidiano.

Falwell se apegava, teologicamente, aos fundamentos básicos da fé, ao pré-milenismo, à necessidade de uma conversão genuína, à importância de uma vida de oração, à evangelização e ao ministério prático para a igreja local. “Sua teologia equilibrada foi influenciada por um forte compromisso com a inerrância das Escrituras, a divindade de Cristo, a centralidade do evangelho e a importância da igreja local” ²⁶⁵.

Segundo Forrest, Falwell iniciou seu ministério fundando uma igreja batista com 35 pessoas, em 1956, e se lançou à pregação pelo rádio pelo programa *Old-time gospel hour* (A hora do evangelho original). A radiodifusão fez dele um dos grandes pregadores e sua igreja chegou a quase vinte mil pessoas. Sua pregação centrava-se na santidade, na valorização da família, na oposição ao aborto, no combate ao casamento homossexual, às drogas e à pornografia.

Em questões homiléticas, sua pregação possuía um estilo exortativo e prático, moldado em uma estrutura impregnadas por declarações proféticas, ilustrados com exemplos bíblicos, citações de grandes teólogos e testemunhos pessoais. Em seus sermões com viés mais políticos, ele geralmente utilizava um princípio ou exemplo bíblico contextualizando-o a uma situação contemporânea. ²⁶⁶

Na segunda década de seu ministério, Falwell desenvolveu uma paixão por alcançar sua cidade e a nação para Cristo. Ele disse: “Acredito no rádio, na televisão e na página impressa. Nosso princípio de evangelização de saturação significa simplesmente pregar o evangelho a toda pessoa disponível, a todo tempo disponível, por todos os meios disponíveis”. ²⁶⁷

Segundo a OpenAI, Fred B. Craddock foi um pastor batistas em Oklahoma e Texas e professor de homilética em diversos seminários teológicos nos Estados Unidos. Autor de vários livros sobre pregação como: "*Preaching*", "*As One Without Authority*", "*Overhearing the Gospel*", e "*The Cherry Log Sermons*". Sua pregação

²⁶⁴ FORREST, v2, 2020, p. 847.

²⁶⁵ FORREST, v2, 2020, p. 848.

²⁶⁶ FORREST, v2, 2020, p. 856-861.

²⁶⁷ FORREST, v2, 2020, p. 855.

estava ancorada em um estilo narrativo e centrado no ouvinte e foi politicamente ativo na luta pelos direitos civis na década de 1960.²⁶⁸

Ratificando os dados acima, Mauro Batista de Souza salienta que no fim da década de 1960, a homilética começou a viver uma mudança de paradigmas a partir da ótica do pastor batista Fred B. Craddock, que via um desgaste na pregação centrada no conteúdo e propunha uma nova ótica para a pregação voltada para o ouvinte. Segundo ele, “as pessoas ouvintes têm o direito democrático de participar de todo o desenvolvimento da prédica e não ser meramente ‘servidas’ com a conclusão do pregador”. Craddock escreveu artigos, comentários e três livros, já citados acima, que deram início ao movimento conhecido como “Nova Homilética” que valorizava tanto o método quando a forma de transmissão, pois, para ele “como se prega é, em grande parte, o que se prega”.

Destaca, ainda, que a proposta da Nova Homilética tem como ponto de partida o ouvinte, dando a oportunidade para o ouvinte chegar às próprias conclusões a partir de histórias e narrativas, em formato indutivo, direto e dialogal. Assim, o pregador testemunha do que viveu diante do texto bíblico e, a partir disso, o ouvinte toma suas conclusões.²⁶⁹

Segundo Éder Beling, há ramificações a partir do conceito trazido pela Nova Homilética e aqui destacamos o método narrativo. Nele a prédica se torna uma contação de histórias e isso ocorre pelo fato de que a história da humanidade é vivida e transmitida em formato narrativo. Assim, “de uma forma ou de outra, histórias humanas estão conectadas com histórias de e sobre Deus. Liturgias e rituais incorporam e re-encenam (*sic*) narrativas da tradição espiritual, permitindo a quem congrega se unirem nelas com sua própria história de vida.” Comunicando, assim, a partir da narrativa tanto a ideia quanto a experiência, o que pode ser formatado a partir da estrutura, narrando a história a partir do tempo; da perspectiva, no que diz respeito à escolha de elementos ou personagens que formam a narrativa; da tonalidade, ao usar estilos literários como comédia, romance, tragédia, suspense

²⁶⁸ OpenAI. Tema da pesquisa: Quem foi Fred B. Craddock? 06 de mar. De 2023. Disponível em: <https://openai.com/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

²⁶⁹ SOUZA, Mauro Batista de. A nova homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. **Estudos teológicos**, v. 47, n.1, p. 5-24, 2007

etc. Por fim, a atribuição de papéis, ao narrar a história sob o ponto de vista de diferentes personagens, ressaltando suas diferenças²⁷⁰.

Segundo Ramos, no Brasil, os luteranos foram os primeiros a usar os meios de comunicação em massa, ao transmitir o primeiro culto em 25 de maio de 1929. Em 1963, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente, em São Paulo, adquiriu a Rádio Cometa e criou a primeira rádio evangélica no Brasil. “Atualmente, se pode ouvir programação religiosa 24 horas por dia, durante os sete dias da semana, transmitidas por centenas de emissoras espalhadas por todos os estados brasileiros”.²⁷¹

Os metodistas foram os primeiros a navegar nas ondas da televisão com o programa “O cântico da minha fé”, transmitido pela TV Excelsior, seguido pela Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, com o programa “Mensagem Real, transmitido pela TV Gazeta, e pela Igreja Batista de Vila Mariana com o programa “Um pouco de sol”, também na TV Gazeta. Já na década de 1970, o destaque foi a transmissão do programa “Reencontro”, transmitido por rádio e TV e ancorado pelo pastor Nilson do Amaral Fanini, com mensagens que enfatizavam a família, o patriotismo, os valores éticos e morais, bem como apelos à conversão.

Ramos ainda acrescenta que, a partir da década de 1960, o movimento pentecostal e neopentecostal começou a ganhar espaço nesse meio de comunicação, chegando a seu ápice com a aquisição da TV Record pela Igreja Universal do Reino de Deus, seguido de outras denominações que conseguiram seu espaço na frequência de UHF, como Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo, Igreja Internacional da Graça de Deus.

Em 2012 Ramos já apresentava dados que chamam a atenção, à época no Brasil eram 180 milhões de telespectadores assistindo cerca de 4 horas diárias de programação, com cerca de 127 horas semanais de programação religiosa, mas isso não significa que a Igreja dominou a comunicação midiática, ao contrário ela apenas ocupou espaço, visto ainda serem precários e amadores os programas que são transmitidos, o que gerou estagnação e desinteresse do público.²⁷²

²⁷⁰ BELING, Éder. A homilética: um panorama sobre a pesquisa a partir da Nova Homilética e seus desdobramentos nos Estados Unidos da América e na Europa. **REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 13, n. 22, p. 619-644, 2019.

²⁷¹ RAMOS, 2012, p. 84.

²⁷² RAMOS, 2012, p. 84-93.

Para Ramos é difícil identificar se todo esse processo de midiática das igrejas e da pregação está sacralizando o espetáculo midiático ou transformando a pregação e a religiosidade em um espetáculo para as mídias. O que se pode dizer é que nesse processo perdeu-se a memória histórico-exegética da prédica, visto que muitas vezes, na pregação midiática, o texto bíblico é deixado em segundo plano ou citado esporadicamente e, muitas vezes, interpretado fora de seu contexto e utilizado apenas como palavras de ordem ou como instrumento de persuasão homilética, em sermões que priorizam e enfatizam o comportamento humano em seus desafios cotidianos, exemplificado por Ramos da seguinte maneira:

Os temas das prédicas são tirados do cotidiano dos fiéis e limitam-se a estereótipos de felicidade, de sucesso, de vitória e de poder... A exegese e a memória são, portanto, desnecessárias ao telehomileta. Mais do que isso, são indesejáveis, pois colocam em risco sua credibilidade e em dúvida as suas verdades espetaculares.²⁷³

²⁷³ RAMOS, 2012, p. 187-190.

5 ASPECTOS DA PREGAÇÃO NA IGREJA PÓS-PANDEMIA

Ao longo de toda essa pesquisa, pontuamos alguns momentos de crise vividos pelo mundo e pela igreja, ponderando sobre seus impactos. Começamos com a perseguição dos judeus pelos romanos, que induziram à organização e unificação de vários grupos cristãos para garantir sua sobrevivência. Apresentamos também as pestes que levaram a Igreja a repensar sua teologia, sua eclesiologia e a sua forma de transmissão da Palavra a fim de trazer respostas à população que sofria. Pontuamos o fim do otimismo teológico causado pela descoberta de que a humanidade não era tão boa quanto se pregava, pois governantes cristãos guerreavam entre si por motivos que não eram nem nobres nem cristãos, no período das duas Grandes Guerras Mundiais. Posto isso, passaremos a considerar nossa época, quando precisamos enfrentar mais uma pandemia, e buscaremos analisar as consequências que essa crise trará para a igreja, cientes de que sabemos que ainda é cedo para um balanço conclusivo, mas já é possível perceber implicações e avanços na forma de comunicação das igrejas.

Em dezembro de 2019, o mundo foi surpreendido com o surgimento de uma doença causada por um novo coronavírus na cidade de Wuhan, província de Hubei na China, que viria a ser conhecido como Covid-19 ²⁷⁴. A endemia se transformou em pandemia e chegou ao Brasil já no início de 2020, com repercussões em vários estados. No dia 11 de março, o Governador do Distrito Federal assinou o Decreto n° 40.509 definindo as medidas para enfrentamento emergencial da pandemia. O comércio, as escolas, os teatros, os clubes, os bares, os restaurantes, os cinemas, os parques e as igrejas foram fechados na tentativa de controlar a pandemia.

No passado, em momentos de grande clamor como esse, as pessoas costumavam encontrar na Igreja refúgio e alívio para suas angústias e lutas, mas, com os locais de culto fechados, não havia a quem recorrer. O sentimento de incerteza, incapacidade, luto e tristeza eram perceptíveis e mensuráveis. Isso nos leva à questão central dessa pesquisa: Em que medida se faz necessário repensar a pregação diante das implicações que covid-19 trouxe para a proclamação da

²⁷⁴ DUARTE, 2020, p. 3585-3590

Palavra, para a estrutura de culto e para o evangelismo diante da demanda crescente do envolvimento no contexto do ciberespaço? Como transitar e se comunicar nesse novo ambiente?

De acordo com Thom S. Rainer, em seu livro “A igreja pós-quarentena: Seis desafios e oportunidades urgentes que definem o futuro da congregação”, haverá muitas perspectivas diferentes para se registrar o momento e o custo emocional e mental se estenderá ainda por muitos anos.

Os historiadores registrarão a pandemia de 2020 a partir de inúmeras perspectivas. Eles olharão para a tragédia da morte disseminada e outras questões de saúde. Eles mencionarão o estado de urgência nos hospitais e nas casas de repouso. Eles se lembrarão das contínuas atualizações pela televisão e por outras mídias e dos indicadores que se assemelham aos relatórios de guerra: casos confirmados, mortes registradas e casos recuperados.

Certamente, histórias serão contadas do ponto de vista econômico. Empresas e lojas fechando. [...] As principais ruas, os centros de compras e teatros e cinemas esvaziados. Os altos índices de desemprego.

Levará anos até que o custo emocional e mental como um todo possa ser avaliado. Porém, certamente, será um tópico de interesse para historiadores, psicólogos, conselheiros e as mídias de notícias.²⁷⁵

Tem-se por certo que estes são tempos de mudanças. O passado revela que os momentos de crise aceleraram o processo de desenvolvimento e aprimoramento das instituições e lideranças. Com o fechamento dos templos, a igreja precisou descobrir novas formas de orientar e confortar seus fiéis que, com a alma angustiada, buscavam respostas.

Para atender a essa demanda, a igreja se viu obrigada a migrar de um formato presencial, estabelecido ao longo dos séculos, para o formato online, à distância, sem toques ou abraços, pois todo contato foi proibido pelas medidas sanitárias em vigor. Assim, a igreja precisou migrar para o ambiente virtual, lugar a que poucas comunidades estavam acostumadas. E, mesmo entre as que já usavam, o faziam essencialmente para comunicações e para a transmissão dos cultos, ignorando a potencialidades e possibilidades que esse ambiente permite.

A pesquisa desenvolvida pelo *Invisible College*, instituição de ensino voltada para os “nativos digitais” (pessoas nascidas a partir de 1980 que cresceram no ambiente digital), com duzentos e setenta igrejas de vinte e seis estados mais o Distrito Federal, entre 24 de abril e 05 de maio de 2020, aponta que 48% das igrejas

²⁷⁵ RAINER, 2020, p. 15 e 16.

pesquisadas não realizavam a transmissão ou a gravação dos cultos antes do surgimento da pandemia. Entretanto, o tempo prolongado da pandemia e o surgimento das ondas de contaminação e das novas variantes do vírus levaram à decretação, ora de medidas mais rígidas, ora de medidas mais brandas de isolamento e distanciamento o que levou a igreja a enxergar o ambiente virtual como uma possibilidade de resposta a seus membros. Dessa forma, durante a pandemia 74% dessas igrejas fizeram uso de meios para a transmissão ao vivo, como forma de suprir a ausência do culto público presencial ²⁷⁶.

Em 24 de abril de 2020, o governo do Distrito Federal editou um novo decreto permitindo uma nova modalidade para as reuniões que ficou conhecida como *drive-in*²⁷⁷. Esse modelo foi utilizado para peças teatrais, apresentações, filmes e pelas igrejas que possuíam estacionamentos grandes o suficiente para montar a estrutura dentro das exigências estabelecidas.

Por fim, em setembro de 2020, foi autorizado o retorno aos cultos presenciais, ainda com restrições, entre elas a exigência de distanciamento mínimo e a limitação da quantidade de pessoas nos locais de culto. Contudo esse processo de transformação não pode ser interrompido com a reabertura das igrejas, há uma mudança em andamento que passa pelo questionamento do que é ser igreja: Se a Igreja é mais do que a estrutura física onde os cultos ocorrem, por que ainda consideramos que, para ser igreja, precisamos estar dentro de um edifício religioso?

Rainer declara que a Igreja é a reunião daqueles que servem a Cristo e não as construções onde os cultos acontecem. Destaca as oportunidades de alcance do mundo digital, uma vez que a Palavra anunciada nesse meio rompe a barreira do tempo e do espaço de onde foi anunciada e permanece disponível por meio de um clique por tempo indeterminado, em qualquer lugar do mundo. ²⁷⁸

²⁷⁶ Os impactos do isolamento social nas igrejas evangélicas brasileira. [S.I.] 3 de Jun. de 2020. **Invisible College**. Disponível em: <https://theinvisiblecollege.com.br/lab/isolamento/> Acesso em: 14 de fev. de 2022.

²⁷⁷ *Drive-in* – Modelo de culto autorizado no Distrito Federal para funcionamento dos cultos sob o decreto DECRETO Nº 40.659, DE 24 DE ABRIL DE 2020 que autorizava a realização de cultos, missas e rituais de qualquer credo ou religião poderá acontecer, nos estacionamentos das igrejas, templos e demais locais religiosos, desde que as pessoas permaneçam dentro de seus veículos, devendo ser observada a distância mínima de dois metros entre cada veículo estacionado. Esse decreto vigou até 22 de setembro de 2020, quando foi permitido, ainda com restrições, o retorno aos cultos presenciais.

²⁷⁸ RAINER, 2020, P 26 e 27.

A pandemia se revelou com oportunidade para a Igreja descobrir que a internet é mais do que uma ferramenta de comunicação, ela pode ser vista como um novo campo missionário e cabe à Igreja levantar os olhos e ver as possibilidades que ela oferece para o anúncio da Palavra.

A transformação causada pela pandemia conduziu a igreja a um processo de transformação e reflexão. Com o fim das restrições, a igreja deve retornar integralmente ao modelo de reunião presencial como feito há séculos, com prédios construídos exclusivamente para a adoração e o estímulo à comunhão entre os membros ou deve se adaptar à realidade dos novos recursos disponíveis e buscar outros formatos para a realização dos cultos?

Para buscar uma resposta a essa questão, precisamos conceituar o que igreja presencial, virtual e híbrida a fim de pensar o melhor modelo para cada igreja local.

O modelo de igreja presencial é aquele vivido por séculos. Desde o Antigo Testamento, o povo sempre separou um lugar para se relacionar com Deus. Começando com o Tabernáculo até as igrejas em fábricas e galpões dos dias atuais, sempre houve um espaço físico separado para a adoração. Conforme Júlio César Adam, igreja é “[...] um lugar físico, ‘real’, em que as pessoas se reúnem num tempo predeterminado para celebrar e renovar sua fé. No imaginário comum das comunidades, a ideia de igreja remete a um templo ou a uma instituição religiosa, [...]”²⁷⁹.

A igreja virtual é uma nova proposta. Ela não possui estrutura física e todas as suas atividades – os cultos, as reuniões de estudo bíblico, os aconselhamentos e até as reuniões de oração – são realizadas exclusivamente no ciberespaço. José Geraldo Magalhães exemplifica esse conceito citando o exemplo da “I-Church, comunidade anglicana ‘aberta’ pelo Bispo Richard Collins na diocese de Oxford, Inglaterra”. Apresenta como alguns dos pontos positivos desse modelo o fato de a igreja estar sempre “aberta” para todos, em todo tempo, o alcance mundial e atemporal da mensagem pregada e a redução de conflitos²⁸⁰. Jonathan Leeman aponta como pontos negativos a diminuição da comunhão entre os irmãos e a

²⁷⁹ ADAM, REBLIN, e SALDANHA, 2020, p. 598-609.

²⁸⁰ MAGALHÃES, José Geraldo. **Igrejas virtuais**. 20 de set. de 2013. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/igreja-virtual-nao-existe/> Acessado em: 24 de fev. de 2023

impossibilidade do estreitamento de laços ao ponto de reconhecermos, muitas vezes pelo olhar ou por gestos, quando o outro está enfraquecido na fé, enfermo ou mesmo distante, precisando de algo mais que uma palavra e isso o mundo virtual ainda não pode contemplar ²⁸¹.

Quanto à igreja no formato híbrido, Paloma Sganzerla o apresenta como aquela que busca o equilíbrio entre os dois mundos anteriormente citados. Assim, as igrejas possuem uma estrutura física onde grande parte de suas atividades são realizadas e estão presentes no ciberespaço com a transmissão dos cultos, estudos, palestras e seminários. Para tanto, a liturgia presencial foi ajustada a fim de atender aos que estão presentes e aos que acompanham online, promovendo a possibilidade de participação de todos no culto, mesmo os irmãos que estão distantes, mas ativos no ambiente virtual dando-lhes a oportunidade de orar, cantar ou trazer uma mensagem ²⁸². Outro ponto a ser considerado para esse ambiente é a oportunidade de formação de missionários para o ciberespaço, pessoas vocacionadas e preparadas para pregar o evangelho com o uso das redes sociais como ferramenta de transmissão da Palavra.

Posto isso, consideramos que a covid-19 está deixando sequelas que precisam ser tratadas, mas também está abrindo grandes oportunidades e avanços que não podem ser abandonados. Temos a oportunidade de repensar a estrutura litúrgica, a homilética, as formas de evangelismo, a comunhão e a comunicação com os membros e com a comunidade.

As mudanças ocorridas na forma de se comunicar fizeram desse tempo o momento oportuno para rever a forma como a Palavra é transmitida. De um sistema presencial e unidirecional para um sistema híbrido com a possibilidade de interação entre aqueles que estão presentes no local de culto e os que acompanham pelo ambiente virtual, sem alterar os fundamentos, os princípios e os valores bíblicos.

²⁸¹ LEEMAN, Jonathan. **Igreja virtual não existe!** 13 de dez de 2021. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/igreja-virtual-nao-existe/> Acessado em: 24 de fev. de 2023

²⁸² SGANZERLA, Paloma. **Igreja híbrida: conheça o conceito e o papel da tecnologia.** 6 de jan. de 2022. Disponível em: <https://inchurch.com.br/blog/igreja-hibrida-conheca-o-conceito-e-o-papel-da-tecnologia/>. Acessado em: 23 de fev. de 2023

5.1 A IGREJA EM TRANSFORMAÇÃO

A Igreja nunca temeu os avanços tecnológicos, ao contrário, devido à necessidade de comunicar com muitos, ela sempre utilizou os recursos disponíveis em cada era. A escrita, por exemplo, foi usada para consolidar e perpetuar seus princípios e valores. Inicialmente registrados em pedra e posteriormente em *tablets* de argila que evoluíram para rolos feitos com velino e papiro, que se surgiram como uma boa solução, principalmente pela facilidade de transporte, ao diminuir o peso para transportar textos bíblicos, afinal, é muito mais fácil carregar um rolo do que placas de pedra ou argila.²⁸³

A adoção de um material mais leve, levou ao surgimento de uma nova formatação. Assim foi desenvolvido o códex, seguido dos livros manuscritos, que auxiliaram o processo de pesquisa e leitura. Imagine ter de localizar um texto no rolo de Isaias que tinha 7,34 metros de comprimento, dividido em 54 colunas, sem a divisão de capítulos e versículos²⁸⁴.

A invenção da imprensa tipográfica permitiu diminuir o custo e possibilitou a produção de livros em larga escala e hoje os possuímos também em formato digital, acessíveis para leitura em computadores, *smartphones* e dispositivos móveis de leitura.²⁸⁵

Quando o povo não sabia ler, os vitrais coloridos das grandes catedrais ajudavam a contar e a memorizar as histórias bíblicas. Posteriormente os flanelógrafos com gravuras assumiram essa função. Hoje os projetores multimídias e telas de led fazem a função dos vitrais, oferecendo auxílio para que os cristãos compreendam e memorizarem a mensagem a fim de praticá-la em seu dia a dia.

Com a evolução tecnológica e surgimento de novos mecanismos de comunicação, vai nascendo também um novo ser humano que busca socialização e conhecimento através dessas mídias. A religião também vem crescendo e se adaptando aos novos meios - até porque é impossível manter-se indiferente, pois esses avanços dos meios de comunicação estão

²⁸³ MAYARA SILVA, Danyelle. **O livro desde a argila até os e-books**: estudo comparativo entre livros impressos e livros digitais. Universidade de Brasília – UnB. 2013. (Monografia, 105)

²⁸⁴ **O grande rolo de Isaias**. 6 de out. de 2011. Galeria Bíblica. Disponível em: <http://galeriabiblica.blogspot.com/2011/10/o-grande-rolo-de-isaias.html> . Acessado em: 08 de mar. de 2022.

²⁸⁵ C. RODRIGUES, Marcos Henrique. Gutenberg e o letramento do ocidente. **Revista Educação e Linguagens**, p. 188-201, 2020.

presentes essencialmente nas relações humanas - e buscando suprir a necessidade de informação e divulgação de seus ensinamentos a sociedade.²⁸⁶

Silva ainda acrescenta que a era presente atualizou mais uma vez a forma como nos comunicamos e transmitimos o conhecimento. O crescimento da internet gerou uma outra forma de comunicação e entretenimento: as redes sociais. Elas possibilitam ao usuário a criação de sua própria página, a gestão de seu conteúdo, a interação com pessoas que tenham interesses comuns e a possibilidade de gerar apoio mútuo, o que serve para promover relacionamento. Tudo isso acessível por meio de aplicativos e *sites*, instalados em computadores, *tablets*, *smartphones* e até *wearable*²⁸⁷. Contudo, a mesma rede que conecta pessoas, também as isola e as segrega. Os algoritmos identificam os interesses dos usuários e selecionam as mensagens recebidas para ficarem dentro dessa “bolha de comunicação”, o que impede o contato com novas ideias e pontos de vista diferentes e dificulta a possibilidade do contraditório, produzindo nichos muito específicos no que diz respeito a pensamentos e interesses.²⁸⁸

As redes sociais, que originalmente foram criadas como plataforma de entretenimento e relacionamentos, têm influenciado e provocado mudanças de comportamento tanto no ambiente virtual quanto no mundo real e isso se dá porque a sociedade atual está imersa e dependente das informações que recebe, curte e compartilha por meio dessas redes de relacionamento. Entretanto, tanto as redes quanto seus usuários estão sujeitos ao avanço e ao desenvolvimento da tecnologia e, quando isso ocorre, tanto um quanto o outro, precisam novamente se reinventar e se adaptar às mudanças ocorridas, que afetarão tanto o mundo real, quanto o virtual, gerando um ciclo de transformação contínuo.

²⁸⁶ FEITOSA DA SILVA, Yago Henrique. **Comunicação dos movimentos cristãos nas redes sociais**: Análise dos perfis dos movimentos “Céu na terra movement” e Jesuscopy” no Facebook e Instagram. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – UniCEUB. Brasília – DF. 2018. (Monografia, 48). p.12

²⁸⁷ **Wearable** é todo e qualquer dispositivo tecnológico que possa ser usado como acessório ou que podemos vestir como relógios e óculos inteligentes, conectados aos celulares ou diretamente à rede.

²⁸⁸ FEITOSA DA SILVA, 2018, p.10-13.

5.2 A COMUNICAÇÃO EM TRANSFORMAÇÃO

As redes sociais buscam fomentar e ampliar as possibilidades comunicativas. Entretanto, para entender as transformações é preciso, antes, definir e conceituar comunicação. Teixeira, ao citar Poyares afirma que “a palavra ‘Comunicação’ tem origem no Latim ‘*Communicatio*’ que significa ‘ação de tornar algo comum a muitos’”.²⁸⁹

A figura abaixo exemplifica a teoria da comunicação de Michael Rose, na qual emissor e o receptor são identificados como a origem e o destino da mensagem, que é transmitida por um meio de comunicação (canal). Para ser transmitida precisa ser formatada em uma sequência de códigos compreensível tanto pelo emissor quanto pelo receptor. Quanto ao canal de comunicação, Rose salienta que ele não está isento de falhas ou interferências, que podem danificar o código atrapalhando a correta decodificação ou até mesmo impedindo o recebimento da mensagem.²⁹⁰

Figura 1- Processo de comunicação



Fonte – O autor (2023)

Rose destaca que, mesmo que a mensagem chegue intacta a seu destino, caberá ao receptor decodificar, traduzindo os símbolos para que se torne compreensível, esses símbolos codificados não são unívocos, ou seja, podem variar de acordo com a cultura em que estão inseridos e ressignificados de acordo com a cultura do grupo que os interpreta. Um exemplo é o emoji das mãos unidas, criado para representar um cumprimento (*High five* – “toca aqui”) e que, no Brasil, é utilizado como “em oração”. Podem ainda transmitir ordens ou orientações inequívocas, como as placas de trânsito e, ainda, podem representar mensagens

²⁸⁹ TEIXEIRA, Marcelo Mendonça. Da comunicação humana a comunicação em rede: uma pluralidade de convergências. *Rev Temática [Internet]*, v. 8, n. 2, 2012. *apud* Poyares, 70.

²⁹⁰ ROSE, Michael. Comunicação. *Estudos Teológicos*, v. 38, n. 3, p. 253-254, 1998.

conforme o versículo codificado em emojis²⁹¹ (Salmo 30.5b – O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã). (Conforme figura 2).

Figura 2 - Códigos



Fonte ²⁹²

A linguagem escrita, formada por letras e sinais de pontuação, é outra forma pela qual os códigos podem ser registrados. Podem ser sonoros como uma sirene de ambulância ou de polícia que indica a necessidade de abrir passagem. ²⁹³

Teixeira aprimora o processo comunicativo ao inserir a “a resposta’ ou ‘*feedback*’”, o que transforma a comunicação em um processo bilateral. Citando Camocardi e Flory acrescenta ao processo comunicativo as funções da linguagem, que são recursos para melhorar a compreensão da mensagem:

Função Emotiva ou Expressiva: Ocorre quando há ênfase no emissor e na expressão direta de suas emoções e atitudes, num contexto subjetivo e pessoal;

Função Referencial ou Denotativa: Privilegia o contexto e evidencia o assunto, o objeto, os fatos, os juízos. É a linguagem da comunicação, das descrições objetivas, das narrativas convencionais, das dissertações, dos ensaios científicos, entre outros;

Função Apelativa ou Conotativa: Orientada para o destinatário, é a função que busca mobilizar a atenção do receptor, produzindo um apelo;

Função Fática: Quando a ênfase está no canal, para conferir sua recepção ou para manter a conexão entre os falantes, bem como prolongar ou interromper a comunicação, temos a função fática;

Função Poética: Dar-se (*Sic*) quando a mensagem se volta para os seus próprios constituintes, tendo em vista produzir efeito estético, através da ruptura da norma linguística ou de combinatórias inovadoras da linguagem;

Função Metalinguística: É a função que visa à tradução do código ou à elaboração do discurso, seja ele linguístico (escrito ou oral) ou

²⁹¹ Emojis são representações gráficas utilizados para simbolizar uma ideia, conceito ou emoções.

²⁹² Mãos juntas Emoji. <https://emojis.wiki/pt/maos-juntas/>. Acessado em 1 de fev. de 2023.
OLIVEIRA, Ricardo. **Placas de trânsito: tipos, nomes e significados**. <https://www.noticiasautomotivas.com.br/placas-de-transito-qualis-sao-e-seus-significados/>. Acessado em: 1 de fev. de 2023.

Qual é o versículo com Emoji. 29 de abr. de 2023. Canal Sou Livre. <https://www.youtube.com/watch?v=p8IhowrRDIM>. Acessado em 1 de fev. de 2023.

²⁹³ ROSE, 1998, p. 254-256.

extralinguístico (música, cinema, pintura, gestualidade..., também conhecidos como códigos complexos.²⁹⁴

Rudinei Varjão, por sua vez, salienta que há três modelos básicos de comunicação: a comunicação presencial dialógica, com interação física, temporal e utilização de símbolos, expressões faciais e corporais. A comunicação não presencial, que se caracteriza pela mediação técnica como por exemplo cartas, ligações telefônicas de áudio, que entregam a mensagem, mas são limitadas pela diminuição do campo simbólico, pois não é possível acompanhar as reações físicas da outra pessoa envolvida. Por fim, a comunicação de massa, que é a forma utilizada em livros, jornais, TV, cinema, por exemplo. Ela visa transmitir a mensagem para o maior número de pessoas possível, sem se preocupar, inicialmente, com a possibilidade de diálogo, interação ou troca. É uma comunicação monológica e com a diminuição dos recursos simbólicos.²⁹⁵

Para Varjão, a produção de conteúdo, o canal de transmissão, a seleção do que pode ou não ser distribuído e para quem, tornou-se uma ferramenta de poder, que influência e interfere nos acontecimentos e no processo decisório dos atores envolvidos. Contudo, esse poder, que outrora pairava exclusivamente nas mãos das mídias, das instituições religiosas e de ensino, hoje, com o desenvolvimento dos meios de comunicação no ambiente virtual, passou para as mãos dos indivíduos que, supostamente, podem gerenciar o que ouvem e o que vêm, interagindo em tempo real, questionando e tirando suas dúvidas, deixando opiniões e críticas, compartilhando e disseminando a informação, ou simplesmente não reagindo a ela.²⁹⁶

Para Teixeira, essa nova forma de se comunicar representa “uma transformação cibercultural globalizada, à medida que o público é incentivado a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”, dando liberdade e autonomia para o receptor, não apenas escolher a informação, mas também distribuir e produzir. Assim o receptor deixa de ser passivo no processo de comunicação para se tornar um produtor de conteúdo.²⁹⁷ Nas palavras de Varjão, “este novo padrão comunicativo que tira o indivíduo de uma

²⁹⁴ TEIXEIRA, 2012, (n.p.) *apud* CAMOCARDI, E & FLORY, 1970.

²⁹⁵ VARJÃO, 2019, p. 22-24.

²⁹⁶ VARJÃO, 2019, p. 24-25.

²⁹⁷ TEIXEIRA, 2012, (n.p.) *apud* Fiorelli, 2010.

posição passiva e o coloca no centro do processo comunicacional é chamado de EMEREC.” (Emissor/Receptor).²⁹⁸

É evidente que sem auxílio de alguma ferramenta de busca é extremamente complicado encontrar aquilo que o internauta deseja. Por isso, empresas como o Google (proprietária do “buscador” mais utilizado na Rede) e o Facebook (proprietária do site de rede sociais mais utilizado na internet) estão entre as empresas mais influentes neste mundo hiperconectado. Goodman e Powles afirmam que “eles se tornaram o meio pelo qual experimentamos e entendemos o mundo. Os algoritmos de busca, na tentativa de trazer os conteúdos mais relevantes aos seus usuários, acabam controlando o acesso à informação. A internet se torna, portanto, um espaço democrático de postagem de informações, mas com acesso restrito às mesmas.”²⁹⁹

5.3 O CIBERESPAÇO

Glauco Capper da Rocha indica que a internet teve início no período da Guerra Fria, com a criação do Arpanet (1969) – um sistema de defesa que utilizava rede de computadores para prevenir possíveis ataques – pelos Estados Unidos. Em 1980 o Arpanet possuía cerca de 100 sites e, em 1983, o programa foi dividido em dois ramos, o militar com o nome de *Milnet* e o civil. Em 1989, a partir da estruturação de hipertexto, Tim Bernes Lee apresentou ao mundo a *World Wide Web* (Rede de Abrangência Mundial).³⁰⁰

Feitosa da Silva contudo destaca que o crescimento da rede de computadores se deu a partir das décadas de 1990 e 2000, com a popularização das ferramentas para internet, o que transformou a forma como nos comunicamos e nos relacionamos, e culminou na migração do meio *off-line* para o ambiente digital ou virtual.³⁰¹

De acordo com Alex Primo, estamos na segunda geração da *Web*. Na primeira geração (*Web 1.0*), os *sites* funcionavam isoladamente e com tecnologia *pull* (o conteúdo é ‘puxado’ pela audiência), que se opunha ao modelo *push* (o conteúdo é ‘empurrado’ até a audiência) [...]” Na segunda geração (*Web 2.0*),

²⁹⁸ VARJÃO, 2019, p. 25.

²⁹⁹ VARJÃO, 2019, p. 27

³⁰⁰ ROCHA, GC da; SOUZA FILHO, Veridiano Barroso. Da guerra às emoções: história da internet e o controverso surgimento do Facebook. **Encontro Regional Norte de História da Mídia**, v. 4, 2016.

³⁰¹ FEITOSA DA SILVA, 2018, p. 9.

caracterizou-se pelo desenvolvimento de um sistema híbrido, que enfatizou a interatividade por meio de uma estrutura integrada e colaborativa de conteúdos, possibilitando a seleção da informação que se deseja receber e distribuir (o que não era possível em ferramentas como jornais, rádios e tv), o que ficou conhecido como sistema *pull and push*.³⁰²

Web 1.0: A web 1.0, também conhecida como web estática, foi a primeira versão da internet que permitia a exibição de informações de forma unidirecional, onde o usuário apenas consumia o conteúdo sem interagir ou criar conteúdo. Os sites eram básicos e estáticos, sem recursos interativos.

Web 2.0: A web 2.0 é caracterizada pela interatividade e colaboração, permitindo aos usuários criar, compartilhar e interagir com conteúdo de maneira mais dinâmica. Isso inclui a criação de redes sociais, blogs, wikis, e outras ferramentas que permitem aos usuários contribuir e compartilhar conteúdo.

Web 3.0: A web 3.0 é conhecida como web semântica, que visa tornar a web mais inteligente e intuitiva. Ela usa tecnologias de inteligência artificial e aprendizado de máquina para entender e interpretar o conteúdo da web, permitindo a criação de experiências mais personalizadas e relevantes.

Web 4.0: A web 4.0 ainda é uma ideia em desenvolvimento, mas alguns especialistas acreditam que será caracterizada por tecnologias como inteligência artificial avançada, realidade virtual e aumentada, internet das coisas (IoT) e outras inovações. A web 4.0 seria ainda mais inteligente e conectada, permitindo uma interação mais fluída e natural entre humanos e computadores.³⁰³

Varjão destaca que nesse novo modelo comunicativo, as mídias tradicionais perdem relevância, visto que agora o usuário das redes tem autonomia para produção, distribuição e consumo de conteúdo. Salienta que essa nova forma de se comunicar provocou mudanças na sociedade, na cultura, na religião, na teologia e nas igrejas³⁰⁴. Silva ainda acrescenta que o que fora criado para entretenimento e informação passou a influenciar e ditar padrões de comportamento dentro e fora do ambiente virtual³⁰⁵.

Antes de prosseguirmos é preciso definir alguns termos e iniciaremos com a palavra “virtual”. De acordo com Pierre Lévy, a palavra pode ser significada a partir

³⁰² PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: **E-Compós**. 2007, p. 2-4.

³⁰³ OpenAI. Tema da pesquisa: Web 1.0, 2.0, 3.0 e 4.0? 06 de mar. De 2023. Disponível em: <https://openai.com/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

³⁰⁴ VARJÃO, 2019, p. 22 e 26.

³⁰⁵ DA SILVA, Claubério Nascimento; DOS SANTOS, Sandra Morais Ribeiro. A internet como ferramenta importante na propagação do evangelho de Jesus Cristo. **Caderno Intersaberes**, v. 7, n. 11, 2018.

da filosofia como “aquilo que existe apenas em potência e não em ato”. Dessa forma, o virtual está uma etapa antes da concretização do real. Lévy ilustra essa ação com a metáfora da árvore que vive potencialmente dentro da semente, contudo ela também pode ser significada como algo irreal, o que faz do termo “realidade virtual” um paradoxo, algo que é intangível e ao mesmo tempo concreto. A resposta a esse paradoxo segundo Lévy, encontra-se na filosofia, que compreende a virtualidade e a atualidade como duas etapas da realidade e conclui que, se a produção da árvore está dentro da semente, essa árvore é potencialmente concretizável, é só uma questão de tempo.³⁰⁶

Outro termo que precisa ser definido é ciberespaço. Para Varjão, o termo foi cunhado em 1984, por Willian Gibson, em um romance de ficção científica. Ao citar Lévy, o define como “[...] o meio de comunicação mundial dos computadores. [...]”.³⁰⁷ Silvana Drumond Monteiro citando Cascais acrescenta que é “o espaço criado pela ligação de todas as bases de dados, das telecomunicações e das redes de computadores.” O que nos dá uma “nova dimensão da experiência e vida humana” e ressignifica os conceitos de tempo e espaço, quando o tempo perde a razão de sua cronologia e o espaço deixa de ser concreto, físico.³⁰⁸ E ainda, nas palavras de Lévy:

Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização.³⁰⁹

Conforme já citado, todo esse desenvolvimento tecnológico afetou não apenas a forma como nos comunicamos, mas também a forma como nos relacionamos ao ponto de ser nítida a diferença entre a geração que testemunhou o nascimento da internet, mas que teve pouco acesso a ela e a geração que já nasceu imersa nesse ambiente.

Amaro da Silva entende que há quatro gerações envolvidas no processo de digitalização do mundo. Os Baby Boomers (nascidos entre 1946 e 1960, fim da

³⁰⁶ LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 46-47.

³⁰⁷ VARJÃO, 2019, p. 165.

³⁰⁸ MONTEIRO, 2007, p. 4 e 6, 2007. *apud* Cascais, n.p.

³⁰⁹ LÉVY, 1999, p. 92.

segunda guerra), a Geração X (nascido entre 1960 e 1980, no período de recuperação e desenvolvimento da economia), os nativos digitais ou Geração Y (nascidos entre 1980 e 1990, também chamados de *Millennials*, esse grupo não nasceu em um ambiente totalmente digitalizado, mas viveu o desenvolvimento e a implantação das tecnologias digitais) e a Geração Z ou *Centenials*, assim conhecidos por terem nascidos no período de virada do século (1990 – 2000) quando as tecnologias e o ciberespaço já estavam acessíveis e bem desenvolvidos.³¹⁰

Luciano de Carvalho Lírio, citando Santos, acrescenta que as mudanças ocorridas a partir da transformação dos meios de comunicação interferiram na forma de pensar e agir da sociedade ao ponto de criar uma cultura, a cibercultura. Assim os nascidos nessa era digitalizada não conhecem o universo analógico, da mesma forma que não estabelecem limites entre o real e o virtual. O tempo deixa de ser marcado por fatos históricos, músicas ou moda e passa a ser contanto pelos lançamentos ou extinções de aparelhos e aplicativos.³¹¹

Lévy define cultura como algo vivo e mutável e cibercultura como o conjunto de atitudes, valores, forma de pensar e ainda a música, a arte e a política, que foram influenciadas e transformadas pela estrutura de inteligência coletiva e pelo constante processo de transformação promovido a partir do ciberespaço.³¹²

Danilo Moraes da Silva citando Albagli, considera como manifestação cultural “a comida, as vestes, as danças, os ritos religiosos, a poligamia, o ritmo, a maneira de sentir, de agir, de crer e de pensar, legada de uma geração para outra geração”.³¹³ e ainda:

Assim, considerando que a internet e seus usuários possuem uma linguagem, bem como uma moeda e diversas outras características que compõe uma cultura própria, é possível afirmar que a cibercultura configura-se como a cultura virtual presente na internet através do ciberespaço (território cibernético) que é manifestada através dos comportamentos, das interações e das relações entre os seus usuários ou atores, bem como as diversas formas que são expressadas nas plataformas

³¹⁰ AMARO DA SILVA, 2013, p. 84. 2013.

³¹¹ LÍRIO, Luciano de Carvalho et al. **Adolescentes evangélicos e o ciberespaço**. São Leopoldo - RS. 2017. (Tese, 193). p. 30 *apud* Santos, 2008, p. 119.

³¹² LÉVY, 1999, p. 17, 92, 127.

³¹³ MORAIS DA SILVA, Danilo; FERNANDES, Valdir. Ciberespaço, cibercultura e metaverso: a sociedade virtual e território cibernético. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 67, p. 211-223, 2021. *apud* ALBAGLI, 2004, p.56.

virtuais sejam elas mídias sociais digitais ou portais que possibilitam a interação e manifestação da opinião pública através de comentários, compartilhamentos, curtidas (likes), entre outras.³¹⁴

5.4 A IGREJA NO CIBERESPAÇO

Como dito no início do capítulo anterior, ao longo de toda essa pesquisa procuramos pontuar como as diversas crises impactaram a Igreja, o entendimento teológico, sua aplicação e os recursos homiléticos. Cremos que o maior impacto que a crise da covid-19 causou não se deu no campo hermenêutico, exegético ou teológico, mas no canal e na forma de transmissão da Palavra de Deus. A utilização do ciberespaço nos fez repensar a liturgia, a estrutura, a iluminação e até a forma como falamos.

A igreja precisa e deve fazer uso da comunicação social, pois estamos vivendo num novo tempo. Somos uma geração privilegiada em termos um recurso tão poderoso de compartilhamento como as mídias sociais, mas precisamos usá-las com estratégia para a expansão missionária.³¹⁵

Neriel Lopez ao analisar a forma como a igreja foi lançada ao mundo digital, sem o devido conhecimento de suas especificidades e características, salienta que isso levou as lideranças religiosas a agirem de maneira instintiva na tentativa de manter a igreja em atividade, no ambiente virtual, diante da impossibilidade de fazê-lo presencialmente³¹⁶.

Vanda de Souza Machado lembra que, no início da pandemia (2020), era muito comum encontrar transmissões com ruídos de fundo que às vezes impediam a compreensão da mensagem, como cachorros latindo ou pessoas conversando sem se dar conta da interferência que estavam causando. Além disso, havia o mal posicionamento da câmera que, por vezes, cortava a cabeça ou filmava mais a parede do que o pastor, sem contar filmagens escuras, microfone desligado, pessoas que passavam na frente da câmera com roupas inadequadas,

³¹⁴ MORAIS DA SILVA, 2021, p. 217.

³¹⁵ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p.

³¹⁶ LOPEZ, Neriel **Cristianismo pós-pandemia: Impacto e oportunidades**. São Paulo, SP: Editora Vida, 2020. Edição do Kindle.

esquecendo-se que estavam sendo filmadas e até o celular que caía no meio da transmissão.³¹⁷

Contudo, esse navegar às cegas, precisa evoluir a partir do conhecimento dos conceitos convergentes que unem esses dois mundos, a Igreja e o ciberespaço. Assim passamos a definir o que vem a ser ciber-religião e ciberteologia.

Para Jorge Miklos o termo ciber-religião é “o conjunto das experiências religiosas que utilizam as tecnologias comunicacionais e que se dão no espaço da rede”.³¹⁸

Antônio Spadaro, citando Susan George, apresenta quatro definições para ciberteologia: 1. É a teologia dos significados da comunicação social em tempos de internet e tecnologias avançadas; 2. É a capacidade de reflexão pastoral sobre como comunicar o evangelho na rede; 3. É a presença de religiosos nas na internet e 4. É o entendimento de que a rede também deve ser lugar de manifestação da espiritualidade. Spadaro ainda considera que a *internet* contribui para a formação da identidade religiosa e define ciberteologia como a reflexão da fé à luz da lógica da rede.³¹⁹ E ainda acrescenta que “[...] não é reflexão sociológica sobre a religiosidade na internet, mas fruto da fé que libera de si mesma um impulso cognitivo num tempo em que a lógica da rede marca o modo de pensar, conhecer, comunicar e viver.”³²⁰

Ciberteologia, é então, uma sistematização teológica, que como tal, articula os conhecimentos da teologia bíblica, teologia histórica e do contexto atual (como a sociologia, antropologia, comunicação, psicologia, ciência da computação entre outros) para responder aos questionamentos e desafios da cultura e da época em que o teólogo está inserido, buscando aplicações pessoais para cristãos.³²¹

A comunicação, segundo Varjão, sempre ocorreu presencialmente ou por meio de registros escritos, contudo, com o desenvolvimento da internet, isso vem mudando, tanto na forma de nos comunicarmos, quanto no comportamento e nos hábitos dos usuários da rede e acrescenta:

³¹⁷ MACHADO, Vanda de Souza. **Evangelismo digital: dez passos para um ministério digital de sucesso**. Santos – SP: versão digital. 2021. Edição do Kindle, n.p.

³¹⁸ MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciber-religião**. São Paulo, 2010. Pontifícia Universidade Católica - PUC_SP, (Tese, 145 p.), p. 88.

³¹⁹ SPADARO, 2014, p. 28-29, *apud* GEORGE, 2006, p. 182.

³²⁰ SPADARO, 2016, p. 12.

³²¹ VARJÃO, 2019, p. 21, *apud* FERREIRA, 2007, p. 21-24.

As ferramentas comunicacionais modernas promoveram mudanças profundas na sociedade. A imbricação entre a vida *off-line* e *online* alterou a forma que os indivíduos se relacionam, negociam, estudam, fazem política, percebem a realidade e até como se relacionam com Deus. Os impactos da cibercultura estão sendo amplamente estudados nas universidades e ainda há muito que se avançar, pois as mudanças ainda estão em curso.³²²

A sociedade atual está vivendo um processo de transformação nas atividades comerciais, nos relacionamentos e na forma como se transmite o conhecimento. De acordo com o Relatório Digital 2022, há cerca de 165,3 milhões de brasileiros conectados, isso representa 77% da população, um aumento de 3,3% entre 2021 e 2022. Esses usuários passam cerca de 10 horas e 19 minutos na rede desenvolvendo diversas atividades de seu dia a dia.³²³

Nessa perspectiva, vê-se a dimensão que o uso dessa Tecnologia da Informação e Comunicação tem tomando (*sic*) a cada dia que passa. As pessoas estão incluídas na sociedade através das interações que são construídas durante sua vida, num primeiro momento dentro da família, em seguida na escola, no trabalho, na comunidade; essas relações consolidam a esfera social. A sociedade é uma enorme estrutura em rede que une as pessoas entre si (TOMAÉL et al, 2005).³²⁴

Amaro da Silva destaca que a internet, as redes sociais e as mídias digitais fazem parte do cotidiano e têm poder para mudar hábitos e influenciar valores, e citando Spadaro afirma:

As recentes tecnologias digitais não são mais somente *tools*, isto é, instrumentos completamente externos ao nosso corpo e à nossa mente. A Rede não é um instrumento, mas um ambiente no qual vivemos. Talvez até mais, sendo um verdadeiro tecido interligado da nossa experiência da realidade.³²⁵

5.5 O CAMPO É O MUNDO (VIRTUAL)

Durante a Pandemia, as igrejas e seus líderes precisaram se reinventar, mas nesse processo, percebeu que essa experiência poderia ser uma grande

³²² VARJÃO, 2019, p. 14 e 20.

³²³ KEMP, Simon. Digital 2022: Brasil. 9 de fev. de 2022. **Datareportal**. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>, acessado em: 14 de fev de 2023.

³²⁴ NASCIMENTO DA SILVA, Claubério; DOS SANTOS, Sandra Morais Ribeiro. A internet como ferramenta importante na propagação do evangelho de Jesus Cristo. **Caderno Intersaberes**, v. 7, n. 11, 2018, p. 76-77, p.3 e 4. *apud* TOMAÉL. 2005.

³²⁵ AMARO DA SILVA, 2013, p. 83. *apud* SPADARO. 2012, p. 5.

oportunidade de diálogo com pessoas que passam tanto tempo conectadas. Contudo, de acordo com os dados da pesquisa do *Invisible College* quase a metade das igrejas (48%) não estava nem conectada antes da pandemia ³²⁶.

A internet e as mídias são mais que apenas um meio, são uma nova linguagem, uma rede, uma ambiência, uma nova maneira de estar no mundo. Mais do que saber usá-la é preciso entender sua essência e seu papel na vida de hoje. Fala-se que a igreja do futuro será irreversivelmente também *online*.³²⁷

Vanda Souza Machado destaca que nunca foi tão necessário ter domínio sobre a tecnologia da comunicação quanto hoje, visto que cada pessoa tem em suas mãos o poder de emitir, produzir, distribuir e influenciar, bastando apenas usar seu *smartphone*. Citando John Wesley que afirmou “o mundo é a minha paróquia”, amplia o conceito e aplica-o para os dias atuais declarando: “a internet é a minha paróquia” diante do potencial evangelístico que ela proporciona.” ³²⁸

[...] as novas tecnologias vieram facilitar a comunicação e a comunhão entre as pessoas, anseios profundos que sempre existiram no coração humano. A evangelização não deve ser vista como um processo engessado e ideológico de baixo para cima ou de cima para baixo, mas análogo a um processo verdadeiro de comunicação, em que todos são emissores e receptores que interagem reciprocamente.³²⁹

Machado ainda acrescenta que nossa geração é privilegiada por podermos usufruir de uma tecnologia com tanto potencial, mas é preciso usá-lo com estratégia, metas e foco. Salientando o poder das redes sociais, Machado lembra que elas influenciaram o resultado de eleições em vários países ao redor do mundo, e nos convida a imaginar a força e poder gerado quando a Igreja, fazendo uso correto dessa ferramenta, anunciar a Palavra como ordenando por Cristo em “Marcos 16:15 ¹⁵ E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.”

A mensagem, uma vez transmitida, permanecerá acessível a todos independentemente das distâncias geográficas e temporais e poderá ser acessada por gerações que ainda nem nasceram. Entretanto, Machado destaca que a falta de

³²⁶ Os impactos do isolamento social nas igrejas evangélicas brasileira. [S.l.] **Invisible College**. 3 de Jun. de 2020. Disponível em: <https://theinvisiblecollege.com.br/lab/isolamento/> Acesso em: 14 de fev. de 2022.

³²⁷ ADAM, 2020, p.602.

³²⁸ MACHADO, Vanda de Souza. **A Comunicação do IDE nas Mídias Sociais**. Um manual prático para transformar a comunicação da igreja num poderoso instrumento de evangelização. Santos – SP: versão digital. 2020. Edição do Kindle, n.p.

³²⁹ AMARO DA SILVA, 2013, p. 88.

domínio tem feito com que uma grande quantidade de conteúdos fique perdida ou seja pouco efetiva, pois “para que a comunicação tenha efetividade, é necessário que a mensagem seja absorvida pelo público-alvo”.³³⁰

“Encher” a internet de vídeos com a transmissão de culto e estudos, por mais edificantes que sejam, atende mais aos conversos do que àqueles que ainda não foram alcançados pelo evangelho. A evangelização e a pregação online são mais do que colocar convites para ir a um evento na igreja ou transmitir todo o culto nas redes sociais. Para conquistarmos esse novo campo missionário é preciso conhecer suas nuances e o perfil de seus usuários, para produzir um material bíblico que fale a seus corações e atenda a suas necessidades.

Devemos entender que usar a mídia na igreja nessa situação não deveria ser apenas para cumprir a agenda ministerial da comunidade, mostrar trabalho, ou entreter e ocupar as pessoas com recursos e materiais. O essencial é comunicar o Evangelho a todas as pessoas como forma de cuidar da vida e ajudar a viver a partir da fé em Jesus Cristo nestes tempos de grande crise, angústia e medo. [...]³³¹

Suzana Ramos Coutinho afirma que há uma necessidade de mudança de paradigma. Até agora, o missionário tradicional é aquele que sai de seu ambiente social, cultural e geográfico para ir fisicamente até onde a Palavra será anunciada. Com o advento da internet, onde não há limitações espaciais, geográficas ou físicas, o “Ide”, uma atitude ativa, é substituído pelo “vinde”, que, em um primeiro momento, pode ser entendido como algo passivo, visto que, nesse novo campo, a Palavra é anunciada por meio de *posts*, *banners*, vídeos e textos que são publicados. O momento seguinte é aguardar o contato daqueles que foram alcançados. O “Ide” transforma-se no oferecimento da mensagem e talvez possa ser entendido como um “venham”³³².

No entanto, a ação missionária no ciberespaço não pode ser entendida como uma atitude passiva, visto que o desbravamento desse novo campo exige muito planejamento, organização, compromisso, regularidade e pesquisa para se conhecer e falar a língua e entender a cultura de cada povo, raça, tribo ou nação

³³⁰ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p.

³³¹ ADAM, *at al*, 2020. p. 601.

³³² COUTINHO, Suzana Ramos. A internet e seus perigos: individualismo e poder entre as Testemunhas de Jeová. **Revista Contemporânea**, v. 6, n. 1, p. 9-10, jun. 2008.

que se deseja alcançar. Exige o conhecimento de múltiplas áreas, para saber a forma correta de falar, o que falar e por quanto tempo. Além disso, é preciso, ao menos, ter conhecimento básico de missões, de editoração digital de imagem e de vídeos, de informática, para não citar outros mais específicos, ou seja, ser missionário digital é uma atividade tão ou mais complexa do que a desenvolvida pelos missionários tradicionais.

Talvez o ponto de reflexão não seja apenas como alcançar esse novo campo missionário, mas como promover os meios necessários para que os servos do Senhor que lá estão envolvam-se, comuniquem e cumpram o “Ide e pregai”, para anunciar as boas novas, o evangelho, a missão que dada à Igreja. A internet nos permite anunciar por todo o mundo, mas para que ocorra de forma adequada faz-se necessário capacitar “os pés formosos, os pés que anunciam as boas novas” (tradução livre) como citado por Paulo em Romanos 10.13-15, a fim de que proclamem a Palavra de salvação com fidelidade, zelo e compromisso.

A internet é um ambiente de relacionamento humano, um lugar para se envolver, questionar e buscar respostas, se divertir e para se desenvolver intelectualmente, no qual também há condições para anunciar a Palavra, como um campo missionário dentro do ciberespaço que a ser alcançado.

Rodolpho Raphael de Oliveira Santos citando Spadaro registra:

O Cristianismo é fundamentalmente um evento comunicativo. Tudo na revelação cristã e nas páginas bíblicas transpira comunicação: os céus narram a glória de Deus, os anjos são seus mensageiros e os profetas falam em seu nome. A sua maneira tudo – anjos, sarça ardente, mesas de pedra, sonhos, asnos, tons, sussurros e sopros de vento ligeiro – pode se tornar um dos meios que realizam essa comunicação. ³³³

De Oliveira Santos a vê como “oportunidades de oração, meditação ou partilha da Palavra de Deus. Mas estas redes podem, também, abrir as portas a outras dimensões da fé e, assim, procurar tornar o Evangelho presente no ambiente digital. ³³⁴

³³³ DE OLIVEIRA SANTOS, Rodolpho Raphael. Ciberteologia: A relação entre comunicação e fé no ambiente digital. **REVELETEO-Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 14, n. 25, p. 58-73, 2020, p. 63 *apud* SPADARO, 2012, p. 24.

³³⁴ DE OLIVEIRA SANTOS, 2020, p. 64-65.

5.6 EVANGELIZAÇÃO E MISSÃO DA IGREJA

Em seu artigo, “O que é Missão?”, Genilson da Silva Ribeiro salienta que “tudo o que se faz na comunidade de fé é feito em função da Missão” e tem por finalidade a edificação do Reino de Deus. O próprio Deus se apresenta nas Escrituras como aquele vai ao encontro do indivíduo a fim de resgatá-lo, conforme registrado de Gênesis a Apocalipse³³⁵. O que está em foco é a *missio Dei* que compreende a missão inerente à própria natureza de Deus, tendo-o como sujeito ativo ao enviar Jesus em missão de resgate da humanidade.

Para entender a palavra missão, deve-se partir de duas perspectivas teológicas fundamentais, que foram surgindo e se associando à palavra missão ao longo do século XX, a missão de Deus e a natureza missional da igreja. No século XIX, a missão era compreendida como um trabalho, um serviço, que ocupava um lugar importante na igreja. Com a chegada do novo século, uma nova concepção foi surgindo. “A missão não poderia mais ser considerada como um trabalho a ser feito, mas passou a ser a centralidade da natureza e existência da igreja”. Assim, missão passa a ser não mais o que a igreja faz, mas sim o que ela é. “Missão não está relacionada a atividades específicas, que muitas vezes a igreja se vê obrigada a fazer para cumprir seus cronogramas eclesiais, mas sim à definição e completude de sua identidade”. Dessa forma, uma boa definição de missão é “envio”. E é nesse sentido que a igreja deve ser enviada em missão para o mundo.³³⁶

Posto isso, nos concentramos na função da Igreja em relação à evangelização e à missão e, para melhor compreensão, é importante apresentar os conceitos.

Antes de conceituar, apresentamos uma diferenciação entre as palavras evangelismo e evangelização. A primeira está ligada ao sistema ou à política moral e religiosa, fundamentada no evangelho. Já a segunda refere-se à ação de evangelizar, ou seja, de pregar o evangelho, sem, contudo, haver uma preocupação com a estruturação de um pequeno grupo, uma congregação ou uma igreja³³⁷. O foco está na pessoa a ser alcançada pelo anúncio das boas novas. Trata-se da fase

³³⁵ RIBEIRO, Genildison da Silva. **O que é Missão?**. São Paulo – SP. [20-]. Universidade Metodista de São Paulo. [https://metodista.br/faculdade-de-teologia/ex-alunos/o-que-e-missao#:~:text=%E2%80%9CA%20miss%C3%A3o%20de%20Deus%20no,Vida%20e%20Miss%C3%A3o%20da%20Igreja\).&text=Envolver%2Dse%20com%20o%20Deus,e%20disposto%20ao%20envio%20mission%C3%A1rio](https://metodista.br/faculdade-de-teologia/ex-alunos/o-que-e-missao#:~:text=%E2%80%9CA%20miss%C3%A3o%20de%20Deus%20no,Vida%20e%20Miss%C3%A3o%20da%20Igreja).&text=Envolver%2Dse%20com%20o%20Deus,e%20disposto%20ao%20envio%20mission%C3%A1rio). Acesso em: 20 fev. 22.

³³⁶ DOS SANTOS, Merlise. *Missio Dei: A Missão é missão para a Igreja e para cada um*. REVELETEO-Revista Eletrônica Espaço Teológico, v. 15, n. 28, p. 41-54, 2021. *apud* GOHEEN, 2019, p. 62

³³⁷ Aulete digital. Disponível em: <https://aulete.com.br>. Acessado em: 24 de fev. de 2022.

inicial da caminhada cristã e é realizada sem a necessidade de enfrentamento de barreiras culturais, sociais ou linguísticas. Marcio Luiz Callado Afonso citando René Padilha define evangelização como:

[...] a proclamação de Jesus Cristo como Senhor e Salvador, por cuja obra o homem se liberta tanto da culpa como do poder do pecado, e se integra nos planos de Deus, a fim de que todas as coisas se coloquem sob a soberania de Cristo.³³⁸

Com essa diferenciação, que também serve como conceituação, passa-se a ao conceito de missão, entendida como o encargo, a incumbência dada a alguém para a realização de uma tarefa específica. No contexto bíblico, missões (no plural) dizem respeito à igreja local ou às juntas missionárias que preparam e enviam seus missionários para além de suas fronteiras³³⁹, a exemplo do que a igreja de Antioquia fez com Saulo e Barnabé (Atos 13.2-3). Em outras palavras fazer missões é anunciar o evangelho rompendo barreiras culturais, sociais e linguísticas a fim de comunicar o evangelho e organizar uma nova Igreja. Afonso citando Peter registra:

“Missões” é um termo especializado. Por ele refiro-me ao envio de pessoas autorizadas para além das fronteiras da igreja do Novo Testamento e sua imediata influência evangélica para proclamar o Evangelho de Jesus Cristo em áreas destituídas deste, para converter pessoas que têm fé e que não têm fé em Jesus Cristo, e para estabelecer o funcionamento e multiplicação de congregações locais que irão cultivar o fruto do cristianismo nesta comunidade e neste país. (PETERS, 2000, p. 16)³⁴⁰

O planejamento de uma estratégia missionaria é algo conduzido por Deus, pois ela tira a Igreja da inércia e a faz voltar a seu propósito inicial, que é anunciar a Palavra de salvação. Entretanto, esse é apenas o primeiro passo. É preciso planejar e agir para que os sonhos se transformem projetos viáveis.

³³⁸ AFONSO. Marcio Luiz Callado e DOMINGUES. Gleyds Silva. A igreja e a missão evangelizadora. **Teologia e Espiritualidade** v. 4, n. 8. Curitiba, p. 97-118, Dez/2017. *apud* PADILLA, p. 5.

³³⁹ A Convenção Batista Brasileira possui estruturas de capacitação e envio de missionários organizados geograficamente como as Juntas missionárias estaduais, a Junta de Missões Nacionais e a Junta de Missões Mundiais, além dessas podemos citar dentre outras, organizações que possuem a mesma finalidade como a Agência Missionária Wesleyana, a Agência Presbiteriana de Missões Transculturais sendo essas exemplos de agências ligadas à denominações e outras Interdenominacionais como a Missão portas abertas, a *Frontiers* e a Alem (Associação linguística Evangélica Missionaria), citando apenas algumas delas.

³⁴⁰ AFONSO, 2017, *apud* PETERS, p. 11.

5.7 O PLANEJAMENTO DE MISSÕES

A igreja de Cristo foi organizada com o objetivo de dar testemunho de Cristo conforme ordenado em Atos 1.8³⁴¹ e, quando deixa de cumprir o seu propósito, ela perde sua identidade. Assim, o planejamento missionário precisa responder a questões que nortearão os caminhos, as estratégias e as estruturas a serem providenciadas, a fim de definir: Qual o objetivo do projeto? Onde será implantado? O que precisa ser feito para alcançar e quais são as etapas do processo? Qual o tempo necessário para cada etapa e para a conclusão? Quais os recursos necessários? Quais são os recursos que temos? Como levantar mais recursos, caso necessário? Quais são os obstáculos e dificuldades previsíveis? Essas perguntas, quando bem respondidas consolidarão o trabalho que produzirá bons resultados.

Como já dito anteriormente, fazer missões é diferente de evangelização, essa última tem por alvo anunciar Jesus como Senhor e Salvador, no nível pessoal, em um contexto local, sem o objetivo inicial de organizar grupos cristãos, pontos de pregação, congregações ou igrejas. Já uma ação missionária tem por objetivo estabelecer a estrutura necessária para que os crentes do local possam se reunir e ser capacitados para anunciar e testemunhar em sua comunidade e para além dela, rompendo barreiras culturais, étnicas e sociais.

Posto isso, a escolha do local é primordial para o planejamento missionário, mas, antes de escolher o local, a Igreja precisa considerar a população, sua cultura, sua língua ou dialeto, a diversidade religiosa e as complicações geográficas e financeiras envolvidas. Uma igreja “plantada” em local de difícil acesso ou com uma cultura muito diferente da comunidade ou ainda que não saiba romper as barreiras étnicas e culturais terá dificuldades para se desenvolver.

Outro ponto a ser considerado é que a missão de testemunhar a Cristo é coletiva, cabendo a cada igreja, ao desempenhar seu papel, identificar qual é a sua “Judeia”, que deve ser entendida sua comunidade local, sua “Samaria e os seus limites nos confins da terra”. E, para isso, deve observar suas condições, visto que a missão é dada proporcionalmente à capacidade da igreja, conforme a parábola dos

³⁴¹ **Atos 1:8** Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”. (Bíblia na tradução Almeida Revista e Atualizada - ARA).

talentos de Mateus 25.14-30 em que cada servo recebia os recursos de acordo com sua capacidade.

Cada uma dessas estratégias para o planejamento de missões tradicionais também se aplica quando se considera alcançar o ciberespaço. Precisamos estar cientes dos objetivos a serem alcançados, das barreiras a serem enfrentadas, das limitações que cada igreja possui e principalmente saber como conquistar, envolver e promover o crescimento espiritual das pessoas que, mesmo distantes, são aproximadas pelo uso da tecnologia.

Segundo João Ricardo Morais, todo esse processo principia com o chamado e a vocação, que identifica aquele que será enviado ao campo. Segue-se o seu treinamento, que o capacitará com o conhecimento teológico, social, cultural, linguístico, relacional, material e financeiros necessários para o desempenho da obra a ser desenvolvida no campo missionário escolhido. E ainda acrescenta:

[...] A convicção de chamada faz com que o candidato a missionário se coloque à disposição do Senhor da seara, para que Ele o prepare, aumentando em seu coração um fervor pela obra missionária e a evangelização das nações. Mesmo que não haja unanimidade no estabelecimento de uma grade curricular, o que se sabe é que um missionário bem treinado e capacitado terá maiores chances de executar bem a obra missionária que lhe foi confiada. Para que esse envio seja bem-sucedido e a permanência do missionário no campo seja por tempo satisfatório, tanto igreja local quanto junta ou agência missionária necessitam cooperar entre si, facilitando e motivando-se mutuamente no exercício de seus papéis. Dessa forma, não apenas a obra missionária alcançará seus objetivos, mas o Senhor da obra receberá a glória que Ele tanto merece.³⁴²

Tanto Jesus quanto os discípulos e apóstolos seguiram uma estratégia de evangelização que deu certo ao longo dos anos. Eles anunciavam a Palavra prioritariamente em locais de concentração de pessoas como sinagogas, praças, lares e grandes centros urbanos para onde naturalmente as pessoas se dirigiam para realizar trocas comerciais e de onde partiam para outras regiões.

Em sua pastoral sob o título “As estratégias evangelísticas de Paulo”, o pastor Hernandes Dias Lopes salienta que não se faz necessária a busca por novas técnicas de evangelização para desempenharmos a missão que nos foi dada por

³⁴² R. MORAIS, João. Antes de chegar ao campo missionário. Ijuí - RS: **Revista Batista Pioneira**. v. 6, n.2, p. 435-453. Dezembro/2017, p. 450.

Jesus de “ir por todo o mundo e pregar o evangelho a toda a criatura”, conforme Marcos 16.15, bastando observar, contextualizar e adaptar a estratégia aplicada anteriormente aos dias de hoje³⁴³.

Nos dias de Jesus, assim como hoje, os ambientes religiosos atraem pessoas que desejam conhecer e ouvir de Deus, contudo não podemos partir do pressuposto de que todos os que estão dentro desses ambientes de adoração estão realmente adorando ou que foram atraídos para lá com essa finalidade. Também é preciso considerar que nos dias de hoje há um crescente número de pessoas resistentes a frequentar ambientes construídos exclusivamente para esse fim.

Locais públicos, como as praças, foram e ainda são pontos para onde as pessoas naturalmente afluem. Hoje, contudo, poderíamos incluir novos locais como hotéis, polos industriais, *shopping centers*, as diversas formas de feiras, os centros de convenções. Todos são locais não religiosos com grande concentração de pessoas, onde possivelmente aquelas que apresentam alguma resistência para frequentar locais ou edifícios religiosos, como um templo, estariam mais abertas a conhecerem e ouvirem a Palavra de Deus, pois se trata de locais neutros.

Assim, como no passado, hoje os lares também desempenham um grande papel na propagação do evangelho por ser um lugar seguro e que estimula o relacionamento pessoal e onde a Palavra pode ser vivida e testemunhada.

É preciso considerar locais de grandes ajuntamentos como centros urbanos para onde as pessoas se dirigem e onde poderão ouvir as boas novas, e ao voltarem para seus destinos levar o evangelho para outras regiões. Jesus e os apóstolos não limitaram o anúncio da salvação às sinagogas, ao templo de Jerusalém, nem mesmo à Judeia, Samaria ou Galileia, eles atravessaram fronteiras. As Juntas missionárias agem dessa forma, rompendo as barreiras sociais, financeiras e culturais a fim de anunciar Jesus.

Para além de todo esforço missionário existente, está surgindo uma nova fronteira, o ciberespaço. Esse novo local a ser desbravado pode ser visto como um novo campo missionário, pois, conforme descreve Pollyana Notargiacomo Mustaro,

³⁴³ LOPES, Hernandes dias. **As estratégias evangelísticas de Paulo**. Campinas – SP. [2011?]. Disponível em: <https://hernandesdiaslopes.com.br/as-estrategias-evangelisticas-de-paulo/>
Acesso em: 20 de fev. de 22.

é um local cheio de tribos³⁴⁴ e grupos com linguagem e costumes próprios, alguns deles fechados e de difícil acesso, outros sedentos por ouvir a Palavra de Deus. Um local onde os limites geográficos são ultrapassados com mais facilidade, onde se pode cumprir o “Ide por todo o mundo” anunciado Jesus para outro lado do planeta sem sair de casa e algumas vezes até mesmo sem o domínio pleno da língua, ao se utilizar de recursos de *marketing* associado ao uso de imagens que façam sentido para cada grupo e cultura que desejamos alcançar. Tudo isso proporcionado por meio de recursos tecnológicos que nos são acessíveis em nossos dias.³⁴⁵

As igrejas precisam estar atentas às mudanças que ocorrem ao seu redor, seja no campo espiritual ou material e, conseqüentemente, modernizar a sua forma de agir. Torna-se imprescindível a participação ativa da igreja na rede mundial de computadores, a fim de que o ciberespaço possa ser um cenário de diálogos com temáticas cristãs e sociais, que incentive as trocas de experiências e vivências humanas. Para que isso se concretize, é preciso estar ciente de que a visibilidade acerca de Deus está ao redor e não sob o controle da igreja; esse deve ser o ponto de partida³⁴⁶

Claubério Nascimento da Silva colabora com esse pensamento ao afirmar que a igreja tem o dever de anunciar as boas novas, aproveitando a oportunidade que os grandes avanços tecnológicos proporcionam. Contudo, devem se adaptar às novas formas de evangelização³⁴⁷. Rangel acrescenta que essa ação missionária, além de possível e desejável é urgente, “ou nos fazemos presentes no novo mundo que se descortina na atual sociedade, que chamamos de mundo virtual, ou estaremos automaticamente nos excluindo do futuro da humanidade.” E ainda afirma que esse novo campo missionário e a igreja podem ser enriquecidos mutuamente com a partir dessa nova experiência.³⁴⁸

³⁴⁴ Pollyana Notargiacomo Mustaro define as tribos digitais a partir do conceito antropológico, identificando-as a por seus ritos, espaço temporal e práticas simbólicas que servem para gerar a identidade grupal.

³⁴⁵ MUSTARO, Pollyana Notargiacomo. Ciberespaço: horizontes e possibilidades. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 4, p. 50-56, 2002. p. 51.

³⁴⁶ NASCIMENTO DA SILVA, 2018, p. 74.

³⁴⁷ NASCIMENTO DA SILVA, Claubério; DOS SANTOS, Sandra Morais Ribeiro. A internet como ferramenta importante na propagação do evangelho de Jesus Cristo. **Caderno Intersaberes**, v. 7, n. 11, 2018, p. 76-77.

³⁴⁸ A. RANGEL. Cibercultura e evangelização. **Atualidade Teologica**, v. 19, n. 36, 2011, p. 14-16.

5.8 “LANÇAR-SE ÀS REDES SOCIAIS”: EM BUSCA DE UM NOVO CAMPO MISSIONÁRIO

A pessoa humana é um ser gregário e naturalmente manifesta o desejo de estabelecer conexões, ora entre seus iguais, ora com aqueles de quem se diverge. Spadaro declara que essas relações também ocorrem por meio das redes sociais, lugar onde os usuários se permitem “experimentar novas formas de contato, de relação e de expressão pessoal”, e isso se dá por meio do compartilhamento de informações e conteúdo de interesse comuns e particulares.³⁴⁹

A organização social em redes não é um fato novo, já tendo existido em outros tempos e espaços. No entanto, o atual paradigma consiste em que a tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão, penetração e interligação em toda a estrutura social, desencadeando em determinado grau de interdependência e poder por parte de determinado segmento em detrimento de outro.³⁵⁰

O Brasil está entre os países mais ativos na internet³⁵¹ e essa é uma oportunidade para a Igreja. Por meio das redes sociais pode-se entrar em contato direto com as pessoas, ampliar a visibilidade da Igreja e a possibilidade de evangelização e ainda, conhecer o perfil da comunidade em que a igreja local está inserida, preparar cursos para pessoas e grupos específicos dentro de suas peculiaridades.

Machado traz uma nova perspectiva para o cumprimento do “Ide” ao ressaltar a importância de a igreja aprender a se comunicar pelas redes sociais, mas salienta que, mesmo a igreja tendo acesso a plataformas como Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, entre outras antes do início da pandemia, o fazia sem planejamento, de forma descolada de seus objetivos e missão.³⁵²

Portanto, num tempo em que a tecnologia tende a se tornar o tecido conectivo de muitas experiências humanas, assim como no caso das relações e do conhecimento, é necessário perguntar-se: a rede pode ser

³⁴⁹ SPADARO, 2016. p. 7.

³⁵⁰ DA SILVA, 2019, p. 12. *apud* Fonseca e Santos 2012.

³⁵¹ **Cresce o uso de internet e atividades de entretenimento online no Brasil.** 1 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/na-midia/cresce-o-uso-de-internet-e-atividades-de-entretenimento-online-no-brasil/>. Acessado em 18 de fev. de 2023.

³⁵² MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p.

uma dimensão na qual se pode viver o Evangelho? A resposta parece ser decididamente afirmativa.³⁵³

Spadaro traz outro desafio a ser considerado para esse tempo, que é o de conduzir a evolução das conexões e da interatividade em rede, para a comunhão e o aprofundamento das relações, a fim de que os laços criados produzam o florescimento de amizades verdadeiras, onde se possa estabelecer vínculos confiáveis, que vão além das curtidas e dos likes.³⁵⁴

Paradoxalmente, as networks sociais podem interromper a interação social real. Nesse sentido, a rede continua a ser um desafio, e a primeira resposta está em se propor buscar sempre o “homem inteiro” também na rede. [...] O desafio, portanto, não deve ser como usar “bem” a rede, como frequentemente se acredita, mas como viver “bem” nos tempos da rede. Nesse sentido, a rede não é um novo “meio” de evangelização, mas, antes de tudo, um contexto no qual a fé deve se exprimir não por uma mera vontade de presença, mas por uma conaturalidade do cristianismo com a vida dos homens.³⁵⁵

Tratando da atuação dos cristãos nas redes, Spadaro salienta que é importante sermos mais do que produtores de conteúdos cristãos e citando Sherry Turkle afirma: “A fratura na proximidade é dada pelo fato de que a proximidade é estabelecida pela mediação da tecnologia, por isso está ‘perto’ de mim, isto é, próximo, quem está ‘conectado’ comigo.” Assim sendo podemos considerar que o desafio ao anúncio da Palavra para nossa passa pelo desenvolvimento de relacionamentos que evoluam do virtual para o real, do computador para nossa rede de relacionamento off-line, para a experiência do cristianismo vivida em nossos lares, escolas, trabalho e igreja, assim eles poderão ver pelo exemplo a manifestação de Deus em nossas vidas.³⁵⁶

Machado argumenta a favor da importância de compartilhar nossas experiências com Cristo, seja pessoalmente, seja utilizando ferramentas que estão disponíveis a cada um, em nossos *smartphones* e computadores. Contudo, para tanto, importa conhecermos e desenvolvermos estratégias de comunicação adequadas para cada rede social e despertar a paixão pela evangelização para uma geração imersa no meio digital.³⁵⁷

³⁵³ Spadaro, 2016. p. 8.

³⁵⁴ Spadaro, 2016. p. 11-13.

³⁵⁵ Spadaro, 2016. p. 14.

³⁵⁶ Spadaro, 2016. p. 21.

³⁵⁷ MACHADO, 2020. Edição do Kindle. n.p.

5.9 “FAREI DE VOCÊS PESCADORES DE HOMENS”: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA O CIBER EVANGELISMO

Marcelo Carvalho Costa sugere que, da mesma forma como o processo de evangelização se adaptou às novas tecnologias, como ocorrido com a imprensa que possibilitou a distribuição de uma grande quantidade de Bíblias, ou como o ocorrido com o rádio e posteriormente com a televisão, que abriu as portas para o anúncio das boas novas a um volume gigantesco de pessoas, hoje com *internet*, temos a oportunidade de anunciar a Palavra ao mundo todo, não como feito pelos meios de comunicação em massa, pois com interatividade, paradoxalmente, temos a possibilidade de alcançar o mundo pessoa a pessoa.³⁵⁸

Machado afirma que a igreja já se fazia presente no ciberespaço principalmente em mídias como *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*, mas sem conhecimento adequado e sem planejamento o que promoveu uma grande quantidade de conteúdo, muitos de boa qualidade, que ficaram perdidos na rede, pois foram produzidos sem objetivo. “Para que a comunicação tenha eficácia, é necessário que a mensagem seja absorvida pelo público-alvo havendo interação entre emissor e destinatário. Caso contrário, não é comunicação, e sim puramente informação.”³⁵⁹

Machado argumenta que, se bem utilizado esse recurso de comunicação se tornará a chave para o cumprimento da missão da igreja, “pregar e testemunhar a todo o mundo (Mateus 24.14, tradução nossa). Isso faz do ministério de comunicação das igrejas um dos principais canais para a propagação do evangelho, outrora um departamento que só fazia boletins e comunicava as atividades ao público interno da igreja, agora pode anunciar a Salvação até os confins da terra.”³⁶⁰

Para Machado todo esse processo de evangelismo pelas redes sociais começa com a estratégia de comunicação e a conscientização dos membros da igreja de sua importância nesse processo.

³⁵⁸ COSTA, 2020, n.p.

³⁵⁹ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 30-75)

³⁶⁰ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 87-119)

No mercado publicitário há uma figura desenvolvida a partir da análise do perfil dos apóstolos e discípulos de Jesus, chamada evangelista de *marketing*, que é a pessoa que gosta tanto de uma marca, produto ou serviço, que naturalmente fala desse sem precisar ser pago para isso, que defende o produto e quando o critica, o faz com a finalidade de aprimorar e mostrar aos outros que suas queixas e sugestões são ouvidas pela marca.³⁶¹

Machado destaca que o evangelista de *marketing* tem suas raízes na paixão existente nos discípulos de Jesus, “homens tão apaixonados pela causa que eram capazes de percorrer lugares distantes, sofrer perseguições e inclusive a morte por amor a Cristo. Jesus ensinou seus discípulos a contar suas experiências com as misericórdias de Deus e propagar as boas novas por toda parte.”³⁶²

Assim como as marcas usam os consumidores evangelistas para falar em seu nome, o IDE propõe incentivar os membros a serem os embaixadores da Igreja de Cristo, comentando e compartilhando a grande quantidade de conteúdos produzidos pelo ministério de comunicação. A liderança precisa despertar a paixão dos membros pela evangelização, resgatar-lhes a voluntariedade que aos poucos foi sendo deixada a cargo de um ministério específico.³⁶³

Outro conceito com o qual precisamos estar familiarizados é o do *buzzmarketing*, que nada mais é do que fazer com que muitas pessoas comecem a falar sobre um assunto ou produto para que os mecanismos de pesquisa coloquem a marca em evidência. Machado lista seis atitudes que podem gerar o *buzzmarketing*: 1. O tabu, quando aborda assuntos polêmicos ou controversos; 2. O incomum, algo que foge aos padrões, aquilo que é diferente; 3. O extraordinário, algo que seja não apenas diferente, mas incrível, extraordinário; 4. O chocante, aquilo que nos surpreende; 5. O hilário, aquilo que nos faz rir; e 6. O segredo, a informação que nem todos possuem e que beneficia ou deixa seu detentor em uma posição privilegiada.³⁶⁴

Machado ainda destaca que outro ponto de vital importância para quem deseja alcançar sucesso na evangelização nas redes sociais é saber quais são os seus objetivos, seus alvos e a partir disso definir os passos para que esse objetivo venha a ser alcançado. Para tanto é importante fazer um diagnóstico para

³⁶¹ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 140-153)

³⁶² MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 164)

³⁶³ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 228)

³⁶⁴ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 246-407)

identificar a visão que os membros e a comunidade possuem da igreja, como ela se vê e como os de fora a veem, qual o seu propósito, quais são seus valores, como ela deseja ser reconhecida.³⁶⁵

Machado ressalta também a importância de estruturar o ministério de comunicação da igreja definindo as funções e cargos, se o ministério vai trabalhar com voluntários ou contratados e qual o canal de comunicação que vai utilizar (*sites*, redes sociais, rádio, tv, impressos). A partir dessa escolha poderá se definir como esse ministério será composto (fotógrafos, operadores de câmeras, editores de vídeos, redatores e quem vai trabalhar diretamente com as redes sociais).³⁶⁶

Quando falamos a todos, nossa mensagem se torna genérica e dificilmente ela tocará o indivíduo. Sem o envolvimento pessoal, não há engajamento, o que atrapalha o compartilhamento de conteúdo na rede, que leva os algoritmos a compreenderem que a mensagem não é relevante e diminuam a distribuição daquilo que é publicado nas redes sociais.

Por essa razão Machado orienta que se defina o público-alvo, “a atenção das pessoas está cada vez mais escassa e por questão de segundos sua mensagem poderá ou não ser vista na tela dos *smartphones*”. Essa, possivelmente, é a tarefa mais difícil para as igrejas, visto que desejamos anunciar o evangelho a todo o mundo, porém, nem todos possuem os mesmos dons, cada um de nós possui uma atividade pela qual somos apaixonados e da qual falamos naturalmente. É entre as pessoas com as quais temos esse ponto em comum que vamos encontrar nosso público-alvo.³⁶⁷

O *site* Resultados digitais aponta que uma das técnicas para identificação do público-alvo é através da definição da sua *Buyer persona*, ou seja, o perfil de um personagem semifictício que represente o público que sua igreja deseja alcançar com os *posts*, isso deve ser feito com descrição mais real possível levantando necessidades, dores, dúvidas, interesses e comportamento.³⁶⁸

³⁶⁵ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 368-376)

³⁶⁶ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 396-407)

³⁶⁷ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 421-459)

³⁶⁸ **Conteúdo para redes sociais:** como criar *post* que realmente engajam. Resultados Digitais. 17 de fev. de 21. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/conteudo-para-redes-sociais/>. Acessada em: 05 de mar. de 22.

Quanto à transmissão da Palavra, Varjão salienta que “O ciberespaço intemporal muda o ato da pregação”. Assim, passamos de um modelo unidirecional – do púlpito para os fiéis, que a recebiam de forma passiva – para um modelo de comunicação dialógica-não presencial, em que a pessoa que proclama a Palavra fala diretamente com o público, esteja ele presencialmente no local de culto ou à distância. Citando o exemplo da Bola de Neve *Church*, relata que é comum encontrar diáconos e presbíteros com *tablets* nas mãos descrevendo o que está acontecendo e interagindo com os que estão acompanhando *online*.³⁶⁹

Quanto ao tempo, a mensagem precisa ter um conteúdo consistente, que deve ser transmitido de forma objetiva, pois os usuários não costumam aceitar artificialidade, prolixidade nem superficialidade. Lucas Amaral salienta que a média de duração de um vídeo para o Youtube é de 15 minutos, mas a duração ideal é de 2 minutos; para o Instagram a média é de 10 minutos, mas os vídeos que geram mais engajamento são aqueles que duram até 1 minuto e, no Facebook, os vídeos que mais são distribuídos pelo algoritmo da rede são os que duram 45 segundos³⁷⁰. Varjão acrescenta que, mesmo havendo toda uma questão que envolve o processo de distribuição e alcance da mensagem postada, o que vai nortear a duração de uma mensagem não deve o alcance ou a audiência, mas seus objetivos. Podemos fazer vídeos curtos, mas não podemos negligenciar muitas vezes a necessidade de nos alongarmos a fim de esclarecer pontos importantes da mensagem, mas ao fazê-lo precisamos ser autênticos, consistentes, empáticos e comunicativos.³⁷¹

Quanto à estrutura, Varjão ressalta a importância do conhecimento sobre *mise-en-scène*³⁷² a fim de saber se posicionar à frente das câmeras, observar a iluminação e a qualidade do som e vídeo a serem gerados.³⁷³ Quanto ao estilo, a forma mais utilizada é o sermão temático, visto que se adapta melhor às respostas que precisam ser dadas aos usuários.

³⁶⁹ VARJÃO, 2019, p. 47-49, 54.

³⁷⁰ AMARAL, Lucas. Qual a duração ideal de um vídeo nas redes sociais? Confira agora! 18 de jan. de 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/duracaode-videos/>. Acessado em: 08 de mar. de 2023

³⁷¹ VARJÃO, 2019, p. 76-77.

³⁷² Termo usado no teatro para posicionamento de palco, encenação ou direção de cena

³⁷³ VARJÃO, 2019, p. 78.

5.10 “O MEIO, A FORMA E A MENSAGEM”: EM BUSCA DE CAMINHOS PARA A COMUNICAR A ESTA GERAÇÃO

Após a definição do público-alvo, passaremos a considerar o canal de comunicação (sites e redes sociais), a forma (texto, vídeos ou áudio) e a mensagem, Machado afirma que todos esses pontos afetarão diretamente a forma como a mensagem precisa ser organizada.³⁷⁴

Quanto à mensagem, André Cintra salienta que a capilaridade das redes sociais e o grande número de usuários fazem delas uma via de comunicação rápida e eficiente, que pode ser de grande ajuda na divulgação da igreja e na comunicação com seus membros. Contudo é preciso ter cuidado e observar as peculiaridades de cada rede social e dos grupos com os quais se deseja comunicar para que a informação postada seja relevante para quem a recebe e gere interesse, engajamento e compartilhamento do conteúdo, o que permitirá a ampliação dos seguidores de sua rede.³⁷⁵ Machado pontua que esse conteúdo precisa ser direto, com profundidade e com a utilização de imagens para se tornar atraente e gerar “gatilhos do *buzzmarketing*”.³⁷⁶

Assim, é preciso ter cuidado com o conteúdo que postado e considerar que as redes sociais possuem uma segmentação. Pedidos de oração particulares, decisões administrativas internas, convites à participação de reuniões de departamentos ou ministérios, por exemplo, dificilmente serão de interesse público e, por isso, não deverão ser publicadas indiscriminadamente. Talvez para esses e outros assuntos semelhantes, aplicativos como *WhatsApp* e *Telegram* sejam mais úteis, por terem a possibilidade de criação de grupos e especificamente no *Telegram* ainda há as vantagens de os arquivos postados não ocuparem a memória do celular e os arquivos antigos ficam disponíveis até para aqueles que são incluídos no grupo posteriormente.

³⁷⁴ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 483)

³⁷⁵ CINTRA, André. **Qual tipo de conteúdo devo postar em cada rede social?**. [s.d], Post digital. Disponível em: <https://www.postdigital.cc/blog/artigo/qual-tipo-de-conteudo-devo-postar-em-cada-rede-social->. Acessada em 07 mar. 22

³⁷⁶ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 529)

É importante observar que as pessoas só seguirão uma página pessoal, comercial ou de uma igreja se o assunto tratado nela for interessante, se gerar conexão e agregar valor para elas. Para tanto, o *site* “Resultados digitais” lista alguns passos para auxiliar no processo de divulgação: 1. Estabeleça os objetivos: tornar sua igreja mais conhecida, gere engajamento³⁷⁷ e *leads*; 2. Produza conteúdo lembrando que cada rede tem um foco. O *Instagram* é uma rede baseada em imagens e pequenos vídeos e é voltado para o público mais jovem, portanto, é um bom local para mostrar os bastidores, como sua igreja organiza os eventos e atividades e até pequenos trechos dos cultos, das mensagens e estudos. O *Facebook* é uma rede voltada para a interação social e vai valorizar assuntos de interesse comum e pessoal, nele fale sobre sua igreja, sobre as atividades lá realizadas, publique o que difere uma igreja da outra. 3. Produza conteúdos que levem as pessoas a comentar e compartilhar o que foi publicado. e 4. Mantenha a frequência nas publicações, isso significa que se deve manter uma rotina de publicações para manter o perfil sempre ativo a fim de manter a relevância, o interesse e o engajamento dos seguidores.³⁷⁸

Ainda em relação ao conteúdo há alguns comportamentos que devem ser evitados e o primeiro deles é a ausência de regularidade e frequência de postagens, pois é preciso encontrar um equilíbrio, nem *posts* demais a ponto de irritar os seguidores, nem poucos *posts* para não ser esquecido. Na realidade da igreja, não basta apenas veicular os cultos, uma vez por semana, é preciso manter contato com o usuário. Além disso, é importante lembrar que as redes sociais utilizam algoritmos que darão visibilidade à página na proporção da regularidade, frequência e engajamento das postagens. Nesse ponto, há ferramentas dentro das próprias redes sociais, como *Google Analytics* que podem ajudar a descobrir os melhores dias e horários para o público-alvo.

Um segundo ponto a ser observado é a qualidade do conteúdo postado, o uso correto da língua portuguesa e de uma linguagem adequada para o público que

³⁷⁷ Engajamento ocorre quando um usuário realiza ativamente uma ação com o conteúdo publica, isso pode ser mensurado pelo número de seguidores que comentaram, curtiram ou compartilharam.

³⁷⁸ **Conteúdo para redes sociais:** como criar *post* que realmente engajam. Resultados Digitais. 17 de fev. de 21. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/conteudo-para-redes-sociais/>. Acessada em: 05 de mar. de 22.

a igreja deseja alcançar. Por fim, deve-se evitar assuntos polêmicos desnecessários. A igreja precisa se posicionar e atrair, não afastar e segregar as pessoas. Desse modo, deve-se promover assuntos saudáveis que edifiquem a igreja e sejam relevantes à comunidade.

Outro ponto que é importante ser considerado é como esse conteúdo será distribuído, Daniel Moraes classifica a distribuição (tráfego) em: orgânico, conjunto de visitas a uma página ou perfil, feita de maneira espontânea, sem usar anúncios, mas com alcance e distribuição reduzidos³⁷⁹; direto é quando uma pessoa acessa seu site ou perfil de forma direta, sem vir de outro site; social, são os acessos a partir de redes sociais e de referência, quando alguém visita uma página a partir de qualquer site ou perfil que não seja um mecanismo de busca e o pago, que atrair visitantes por meio de anúncios ³⁸⁰.

Para Gabriel Camargo, impulsionamento é a distribuição de um *post* para mais pessoas e com o objetivo de gerar engajamento e posicionamento para o perfil fazendo-o conhecido e construindo uma reputação, o que difere das campanhas de anúncios, visto que essa foca na fidelização do usuário na página ou perfil³⁸¹.

Quando pensamos em impulsionamento precisamos considerar o que será comunicado? Para quem (idade, interesse, região geográfica, pessoas que já interagiram anteriormente)? Qual o objetivo? Qual canal será utilizado? A partir da resposta a essas perguntas, é preciso que a igreja defina o tempo e o investimento a ser feito e, por fim, que acompanhe o desempenho ³⁸².

³⁷⁹ BORLAND, Brian. **Alcance orgânico no Facebook:** suas dúvidas respondidas. [s.d.]. Meta. Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/BR-Alcance-organico-no-Facebook-suas-duvidas-respondidas> Acessada em 07 de mar. de 2022.

³⁸⁰ MORAES, Daniel. **Entenda o que é tráfego orgânico e porque ele é essencial para sua estratégia online?** Rockcontent. 18 de mar. de 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-trafego-organico/>. Acessada em 07 de mar. de 2022.

³⁸¹ CAMARGO, Gabriel. **O que é impulsionamento? Entenda como funciona esse processo e qual a diferença para um post patrocinado.** Rockcontent. 26 de mar. de 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/impulsionamento/>. Acessada em 07 mar. 22.

³⁸² Meta for Busines. **Faça com que os anúncios cheguem às pessoas que vão adorar a sua empresa.** [s.d.]. Meta. Disponível em: https://www.facebook.com/business/ads/ad-targeting?content_id=m3245WiQk9QhAt6&ref=sem_smb&utm_source=GOOGLE&utm_medium=fbsmbsem&utm_campaign=PFX_SEM_G_BusinessAds_BR_PT_DSA_Other_Desktop&utm_content=BR_PT_DSA_Other_Desktop&gclid=CjwKCAiAJoeRBhAJEiwAYY3nDiejsSS0ExLzSHRaw2-hsEGRA3sQXTDHXZhLcF9Ca5nLYNHqWaVQqBoCeUQQAvD_BwE&utm_term=dsa-1597903559254&utm_ct=EVG. Acessada em 07 mar. 22.

Quanto ao canal de comunicação consideraremos as mídias mais usadas pelas igrejas, *sites* e redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* e *TikTok* e apresentaremos dados da *World Internet Stats* ³⁸³, dos sites Poder 360 ³⁸⁴, Priory ³⁸⁵, Oficina da net ³⁸⁶ e Relatório Digital Brasil 2022 ³⁸⁷, dentre outros que serão pontuados ao longo do texto.

Segundo Machado, um *site* funciona como um cartão de visita e se estiver desorganizado, com erros ortográficos, desatualizado ou com um conteúdo superficial, dificilmente a pessoa que acessou permanecerá muito tempo e provavelmente não irá se interessar em visitar a igreja. Assim, é importante ter o *site* sempre atualizado e com conteúdos atrativos e com identidade visual adequada. Machado ainda acrescenta que o maior benefício de um *site* é a captação de *leads* (obtenção de dados pessoais), que podem ser captados com a oferta de um conteúdo no *site* ou acesso à internet quando a pessoa visitar as instalações da igreja, em troca do preenchimento de um cadastro (nome, e-mail, telefone). Com essas informações, a igreja poderá disponibilizar agenda, cursos, encontros, seminários, trechos de pregações e até mesmo um e-book com temas que vão ao encontro da necessidade do público-alvo da igreja e de seus membros. ³⁸⁸

De acordo com Kemp há 171,5 milhões de brasileiros conectados, o que equivale a 77% da população, conectados em média por 10 horas e 19 minutos por dia buscando informações, tutoriais, assistindo vídeos, estudando e 3 horas e 41

³⁸³ **Importância das redes sociais par sua empresa.** amplificadigital. [s.d.]. Disponível em: <https://amplificadigital.com.br/blog/qual-o-perfil-dos-usuarios-em-cada-rede-social-no-brasil/> acessado em: 05 de mar. de 2022.

³⁸⁴ RANGEL, Anna e BRAZ, Marco. **Afinal, o Facebook está “flopando”?** Leia os que diz os números. Poder360. 6 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/tecnologia/afinal-o-facebook-esta-flopando-leia-o-que-dizem-os-numeros/#:~:text=com%20muitos%20desafios-,Pela%201%C2%AA%20vez%20desde%20que%20foi%20lan%C3%A7ada%20h%C3%A1%2018%20anos,cerca%20de%20500%20mil%20usu%C3%A1rios.> Acessado em: 03 de mar. de 2022.

³⁸⁵ **Redes sociais no Brasil:** conheça o perfil dos usuários!. Priory comunicações. Curitiba-PR. 27 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.priory.com.br/redes-sociais-no-brasil/>. Acessado em: 05 de mar. de 2022.

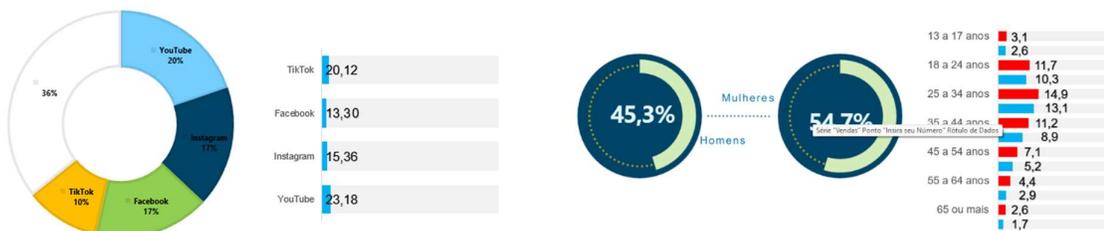
³⁸⁶ BELLING, Fernanda. **As 10 maiores redes sociais em 2023.** 24 de fev. de 2016, atualizado em 31 de jan. de 2023. Oficina da net. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais#:~:text=Ocupando%20o%20segundo%20lugar%20o,com%201.3%20bilh%C3%A3o%20de%20usu%C3%A1rios.> Acessado em: 3 de mar. de 2022.

³⁸⁷ KEMP, 2022, n.p.

³⁸⁸ MACHADO, 2020. Edição do Kindle, n. p. (posição 529)

minutos em redes sociais ³⁸⁹, Bruno Volpato, acrescenta que as empresas acima citadas, juntas respondem por 64% do mercado das redes sociais. ³⁹⁰

Figura 3 - Distribuição de usuários por mídia, por tempo de utilização e sexo

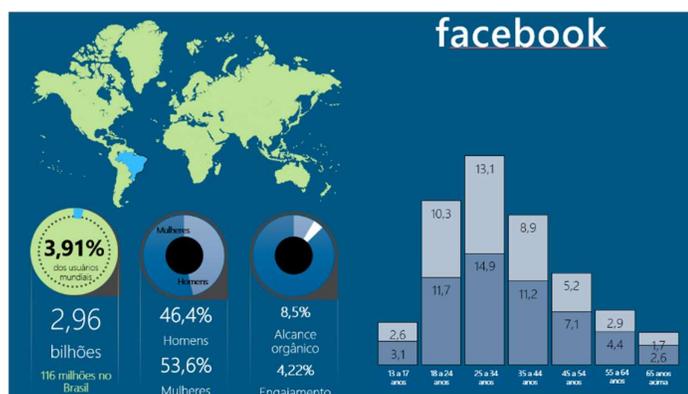


Fonte: Relatório Digital 2022

O Relatório Digital 2022 nos informa que o YouTube possui 138 milhões de usuários com 23 horas e 18 minutos por mês de utilização, o Instagram possui 119,5 milhões de usuários com 15 horas e 36 minutos por mês, o Facebook possui 116 milhões de usuários com 13 horas e 30 minutos por mês e o TikTok possui 74,7 milhões de usuários com 20 horas e 12 minutos por mês, 54,7% são do sexo feminino e 45,3% são sexo masculino.

E ainda acrescenta, quanto à utilização, que 66% utilizam para se conectar com amigos e familiares, 47,1% usam a rede para se conectarem a cantores e bandas, 42,8% buscam a rede para se conectar com humoristas. ³⁹¹

Figura 4 - Facebook



Fonte: Relatório Digital 2022

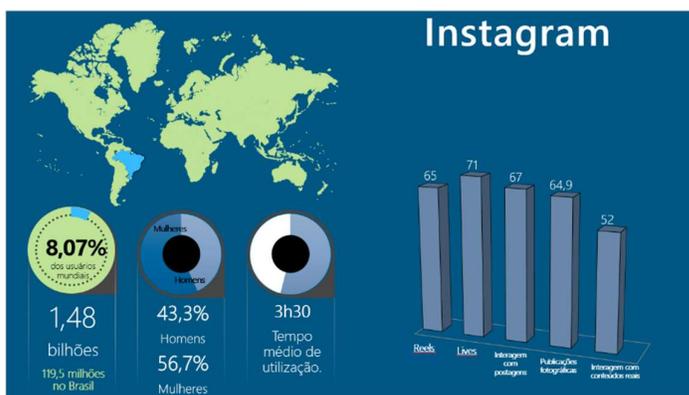
³⁸⁹ KEMP, 2022, n.p.

³⁹⁰ VOLPATO, Bruno. Ranguing: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e matérias. Disponibilizado em: 23 de maio de 2022. <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acessado em: 22 de fev de 2023

³⁹¹ KEMP, 2022, n.p.

Iniciamos a análise dos aplicativos pelo *Facebook*, que possui 2,96 bilhões de usuários no mundo e 116 milhões de usuários no Brasil. Observa-se, que o interesse pelo aplicativo tem diminuído entre os mais jovens e crescido entre os acima de 30 anos. Em média os usuários possuem 338 amigos, contudo, a empresa só considera 28% desses como verdadeiramente próximos. A rede é mais acessada por meio de *smartphones* e utilizada para publicação de fotos, vídeos e textos.

Figura 5 - Instagram



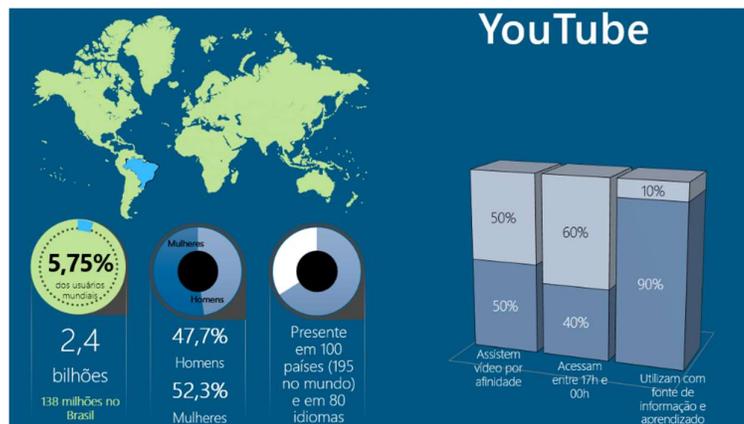
Fonte: Relatório Digital 2022

O *Instagram* é a quinta rede mais popular do mundo com 1,48 bilhão de usuários, dos quais 119,5 milhões estão no Brasil, 31,1% dos usuários possuem entre 18 e 24 anos e 30% está entre 25 e 34³⁹². É, portanto, a rede mais utilizada pelos jovens e considerada pelas agências de *Marketing* a mais relevante.

Quanto ao conteúdo do *Instagram*, 56,9% estão relacionados a imagens e 22,1% a vídeos, em formato de *stories*, *lives* e *reels*. O *Instagram* também permite a veiculação de anúncios que podem ser direcionados de acordo com perfil de interesse do usuário, o que é importante para que haja engajamento e aceitação. Sobre essa rede social é importante destacar que 67% dos usuários seguem influenciadores, pessoas que falam de algum assunto de interesse e que, como o nome diz, possuem poder de persuasão sobre seus seguidores. Dentre os temas mais seguidos estão moda, saúde e humor.

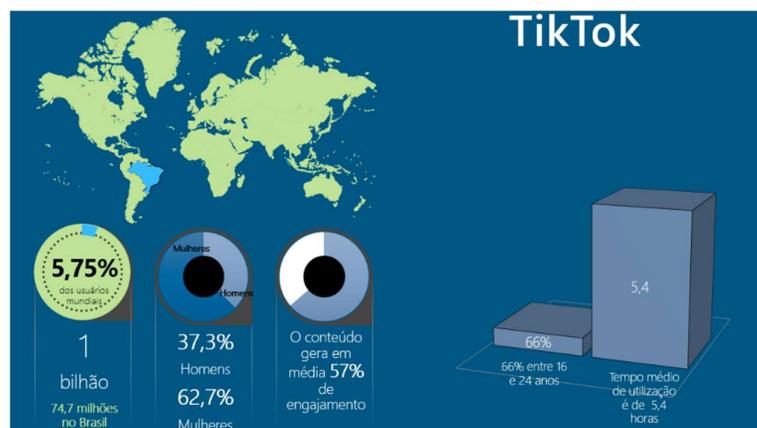
³⁹² RODRIGUES, Jonatan. Pesquisa indica recursos mais relevantes de mídias sociais + 95 estatísticas de redes em 2022. 23 de ago. de 2022. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/estatisticas-redes-sociais/#:~:text=No%20Brasil%2C%2056%2C7%25,34%20anos%2C%20com%2030%25>. Acessado em: 22 de fev. de 2023

Figura 6 - YouTube



Fonte: Relatório Digital 2022

O *YouTube* é a rede exclusiva para vídeos e a segunda mais utilizada. Possui 2,4 bilhões de usuários no mundo, dos quais 138 milhões estão no Brasil. Desses 47,7% são homens e 52,3% mulheres. Dos usuários, 96% estão na faixa etária entre 18 e 34 anos e 31% acessam a plataforma para conteúdo de aprendizado, filmes, música e *lives*. Salgado destaca que 63% dos usuários utilizam a plataforma para ouvir música, enquanto 55% buscam vídeos tutoriais dos mais diversos assuntos.³⁹³



O *Tik Tok* tem 1 bilhão de usuários no mundo dos quais 74,7 milhões estão no Brasil. É uma rede jovem com 39,7% dos usuários entre 18 e 24 anos e 29,1%

³⁹³ SALGADO, Danielle. **Pesquisa sobre o YouTube no Brasil:** veja os principais insights sobre a maior plataforma de vídeos do mundo. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-sobre-youtube/>. Acessada em 05 de mar. de 2022.

entre 25 e 34 anos, 62,7% desses são do sexo feminino e 37,3% do sexo masculino. A plataforma é usada para humor e descontração, com engajamento de 57%.

5.11 “DAS REDES PARA A COMUNHÃO NA IGREJA”: A BUSCA DE CAMINHOS PARA O COMPARTILHAR PRESENCIAL

Segundo Varjão, o ciberespaço modificou nossa percepção de distâncias, fronteiras, espaço, tempo, vida online e vida *off-line* “a ponto de a vida virtual ser um prolongamento da vida real”. A pregação foi ajustada em seu estilo para atender às mídias e a evangelização ganhou as redes com a possibilidade de levar a Palavra “até os confins da terra”. As pessoas não precisam mais estar em um mesmo local físico para receber uma palavra de conforto, esperança e salvação. Tudo isso está disponível no ciberespaço, no momento que for mais adequado o acesso ³⁹⁴.

Todos esses recursos viabilizam a existência de uma igreja em formato híbrido, com funcionamento pleno tanto no mundo virtual, quanto no presencial, mas Machado salienta a importância da amalgama correta entre esses dois mundos. Os cultos, eventos, estudos bíblicos e seminários, mesmo que sejam realizados em modo presencial, precisam ser pensados e estruturados para a interação dos dois ambientes e acrescenta que, da mesma forma como o evangelismo presencial tem por objetivo apresentar a Cristo e conduzir a pessoa ao discipulado, que geralmente ocorre vinculado à estrutura física da igreja, o evangelismo virtual, compartilhando do mesmo princípio, precisa conduzir à comunhão. ³⁹⁵

No início da caminhada cristã, os alcançados no digital não saberão a diferença entre estar no templo e assistir a um culto pela internet. Ele precisa ser instruído de que a igreja é um ambiente de amor e de experiências sobrenaturais, onde pessoas se encontram. E, nesse ajuntamento de adoradores, a Glória de Deus se manifesta de forma extraordinária. ³⁹⁶

Machado ainda acrescenta a importância de a liderança da igreja e de os pastores estarem preparados para acolherem os que chegam a fim de ensiná-los a

³⁹⁴ VARJÃO, 2019, p. 101-105.

³⁹⁵ MACHADO, 2021. Edição do Kindle, n.p. (posição 970-996)

³⁹⁶ MACHADO, 2021. Edição do Kindle, n.p. (posição 998-1016)

viver os valores corretos do cristianismo. Isso porque, o ciberespaço disponibiliza os mesmos recursos a todos, mas nem todos estão anunciando a sã doutrina, mas conceitos teológicos diversos, nem sempre ancorados na Palavra. E ainda:

[...] O fato de a pessoa ter que se deslocar até a igreja para cultuar a Deus no presencial precisa ser mais relevante do que simplesmente abrir o cardápio de cultos online disponível no celular e assisti-lo no conforto do lar.
³⁹⁷

Adam acrescenta a importância de se perceber que não há mais uma separação entre o real e o virtual, mas sim uma “simbiose orgânica indissolúvel” e alerta para o risco de se permanecer exclusivamente em um formato analógico, longe das atualizações trazidas pelo tempo presente, o que pode levar a igreja “à extinção e ao esquecimento.” E ainda ressalta a importância de aprendermos “a linguagem digital”, não para “transliterar doutrinas, dogmas, práticas, mas sim para traduzi-las para o novo mundo” ³⁹⁸, potencializando a prática da evangelização, o exercício do acolhimento, sem, contudo, invalidar os princípios norteadores do cristianismo.

³⁹⁷ MACHADO, 2021. Edição do Kindle, n.p. (posição 998-1016)

³⁹⁸ ADAM, *at al*, 2020, p. 607-608.

6 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa discorremos em uma linha temporal, pontuando algumas crises enfrentadas pela igreja, desde as comunidades cristã primitivas até os dias atuais, passando pelas perseguições que, no primeiro século, fomentaram a unificação e a hierarquização dos vários grupos cristãos até o tempo presente com o surgimento da covid-19 e o avanço da igreja no ciberespaço. Por fim, observamos que cada momento de crise, influenciou e levou a igreja a repensar paradigmas, valores e estrutura, ora ratificando-os, ora retificando-os, como parte de um processo de contínuo de aprimoramento.

As hipóteses levantadas foram confirmadas ao longo desta pesquisa, pois os momentos de crise afetaram e afetam a igreja, em sua estrutura, liturgia e homilética, sem que isso prejudicasse, inibisse ou enfraquecesse a igreja. Ao contrário, as crises trouxeram fortalecimento, amadurecimento e crescimento. E, no período da pandemia da covid-19, mesmo diante de todas as lutas enfrentadas, podemos afirmar que é possível existir uma igreja em formato híbrido, utilizando o ambiente virtual como uma extensão de si mesma, com seus membros interagindo, se conectando e sendo treinados tanto *online* quanto *off-line*, olhando o ciberespaço, como uma ferramenta de comunicação e como um campo missionário, onde o evangelho precisa ser anunciado e vivido e os relacionamentos iniciados virtualmente se desenvolvam até se tornarem presenciais, ao alcance do toque, do abraço e da comunhão entre os irmãos.

Pontuamos soluções e respostas dadas pela igreja em cada momento de crise, a reorganização da estrutura, da liturgia, da forma de interpretar e da maneira de proclamar a Palavra. A experiência vivida durante a pandemia nos fez considerar e utilizar vários recursos que outrora seriam rejeitados, como o uso de aplicativos de comunicação como WhatsApp e Telegram para organizar grupos de oração e compartilhamento, a utilização de ferramentas de vídeo conferências como o Zoom e Teams para a realização de cultos online com a possibilidade interação e diálogo e, por fim, o anúncio da Palavra em aplicativos como YouTube, Facebook, Instagram, TikTok que, além de manterem o registro da prédica acessível ao mundo de forma atemporal, abriu a possibilidade da evangelização pelas redes sociais, levando as boas novas até os confins da terra, à distância de um clique.

Retomando a pergunta central desta pesquisa: Em que medida as crises vividas, no passado e atualmente, conduziram a Igreja a repensar suas estruturas e quais as implicações da covid-19 para a forma de proclamação da Palavra, para a estrutura de culto e para o evangelismo diante da demanda crescente do envolvimento no contexto do ciberespaço? Podemos concluir que a pandemia desfez os preconceitos que existiam quanto à utilização da internet na igreja, visto que anteriormente ela era vista apenas como uma ferramenta de comunicação, e hoje é um local onde é possível desenvolver e fortalecer relacionamentos.

Após todo esse período, algumas igrejas praticamente encerram a utilização do ambiente virtual, outras fecharam as portas e passaram a existir apenas no ciberespaço, mantendo a estrutura física apenas para alguns eventos e reuniões e outras estão buscando a realidade de um sistema híbrido, realizando suas reuniões e cultos presencialmente e online, enxergando o ciberespaço como um novo campo missionário, para onde os vocacionados precisam ser preparados a fim de serem enviados.

Creemos que o formato híbrido é a resposta para alcançar os que estão longe, mas também para possibilitar a participação de membros que, muitas vezes, impedidos por questões de saúde, trabalho ou idade não conseguem manter a frequência presencial. Esse formato permite que os membros tenham liberdade para transitar, com a mesma qualidade de ensinamento, acolhimento e serviço entre o ambiente presencial e o virtual. Contudo não pode ser um fim em si mesmo gerando uma classificação de membros virtuais, mas deve ser visto como um caminho que começa no ambiente virtual, onde é franqueada a possibilidade da interação, mas que definitivamente conduza à experiência mais completa do que é ser igreja, que só pode ser usufruída no formato presencial.

Podemos citar o exemplo da Igreja Batista Geração Eleita, cujo pastor é o autor desta pesquisa. Antes da pandemia tínhamos pouca presença e pouco conhecimento sobre o mundo virtual, as transmissões dos cultos eram esporádicas e de pouca qualidade. A quarentena prolongada nos levou a buscar soluções de comunicação, a aprimorar os equipamentos que possuímos e a começar a capacitar um grupo de voluntários para trabalhar no desenvolvimento das redes sociais da igreja. Os cultos virtuais se transformaram em híbridos e, durante esse processo, alguns indivíduos e famílias se aproximaram para acompanhar a transmissão dos

cultos, depois passaram a acompanhar as reuniões síncronas, por meio de ferramentas como o Zoom, e quando nos foi permitido retornar ao culto presencial, essas pessoas vieram ao local de culto, mas já não eram visitantes, pois, embora o ambiente físico fosse desconhecido, as pessoas com as quais elas interagiam, compartilhavam e oravam juntas não eram, eram irmãos e irmãs com as quais o relacionamento já havia se desenvolvido.

Entretanto, havia ainda aqueles que não moravam e ainda não moram em nossa cidade e, mesmo assim, manifestaram o desejo de permanecer congregando conosco. Esses foram acolhidos como parte do mesmo Corpo e, ainda que não possam estar presentes fisicamente, a igreja organizou sua estrutura para recebê-los e hoje tanto a escola bíblica dominical quanto os cultos funcionam no modelo híbrido com a possibilidade de interação com outros membros e a participação nos estudos e cultos. Esses membros que talvez pudessem ser chamados de membros virtuais, aqui chamamos de membros, eles se achegaram a nós durante a pandemia e em grande parte não vivem no Brasil, mas a distância física não é uma barreira. Eles têm se envolvido nas atividades a ponto de trazerem visitantes para participarem dos cultos de oração e de doutrina, levantarem recursos para as campanhas de ação social da igreja e para os eventos de comunhão desenvolvidos. Entretanto, ainda há um longo caminho a ser trilhado, mas compreendermos que habitar a “nuvem” nos levou para mais perto do propósito de Deus.

No que tange à transmissão da Palavra, entendemos que ainda é muito cedo para apontarmos para o surgimento de uma nova homilética, mas podemos dizer que há sim uma alteração na forma de transmiti-la.

No entanto, entendemos a pregação como a proclamação das boas novas, a partir de seu conceito ampliado apresentado anteriormente por Adam, visto que não apenas aquele que prega, mas todo o local de culto deve estar preparado para anunciar a graça salvadora de Jesus. Dessa forma, o ambiente, a arquitetura, o paisagismo, o acolhimento, a facilidade de acesso e circulação para aqueles que possuem mobilidade reduzida, a organização, a escolha das cores, a facilidade de informação, tanto no ambiente virtual quanto no presencial vão transmitir uma mensagem aos que chegam, e essa mensagem pode ser de acolhimento ou de rejeição.

Da mesma forma que cabe àquele que prega preparar com zelo e cuidado o sermão a ser transmitido, cabe igualmente a cada membro, agindo como evangelista de *marketing*, zelar e cuidar dos detalhes do local de culto, do acolhimento, da atenção a quem chega a fim de transmitir o amor de Deus demonstrado por irmãos e irmãs, pelo ambiente e pela receptividade. Creio que agindo assim estaremos todos proclamando as boas novas de salvação.

A partir desse conceito que estimula a formação de laços e de relacionamentos, cremos que o estilo homilético mais próximo ao praticado no primeiro século é o que melhor atende aos anseios das pessoas dos dias atuais. A leitura, a explicação e o ensino da Palavra de forma clara, objetiva e aplicável ao cotidiano, com o uso de recursos ilustrativos visando ser compreensível a todos.

Contudo, para além do estilo homilético, é imprescindível que aquele que prega compreenda que no ciberespaço não há privacidade. Assim, para ser arauto de Deus, a vida do pregador precisa refletir a mensagem anunciada no púlpito. Assim, mais importante do que o estilo homilético é o estilo de vida do pregador ou da pregadora, para manifestar o poder de Deus para impactar positivamente os corações dos ouvintes e isso se dá por meio da comunhão desenvolvida pelo estudo, pela meditação na Palavra, pela oração e por sua paixão ao anunciar a Deus. Isso não começa no púlpito, ele é apenas o reflexo dela.

Ainda há questões que o desenvolvimento dessa pesquisa gerou, pontos que precisam ser ampliados, conceituados e aprofundados em pesquisas futuras, como por exemplo o conceito do que vem a ser uma igreja híbrida, ou uma ciber-igreja, o olhar para o ciberespaço como um novo campo missionário, não apenas como lugar de evangelização, mas com imperativo de identificar e capacitar vocacionados a fim de prepará-los para agirem como ciber-evangelistas, e mesmo a atualização de conceitos existentes como ciberteologia, ciber-religião.

REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio César, REBLIN, Iuri Andreas e SALDANHA, Marcelo Ramos. Igreja em rede e liturgia on-line, é possível?. São Leopoldo – RS: Artigo – **Revista Estudos Teológicos** - EST v. 60, n.2, p. 598-609. Maio/ago. 2020.

AFONSO. Marcio Luiz Callado e DOMINGUES. Gleyds Silva. A igreja e a missão evangelizadora. **Teologia e Espiritualidade** v. 4, n. 8. Curitiba, Dez/2017.

ALLMEN, J. J. Von. **O culto cristão**. Teologia Prática. Tradução de Dírson Glênio Vergara dos Santos. São Paulo: ASTE, 2005.

AMARAL, Aquiles Pereira do, SANTOS SILVA, Elisabete dos, SANTOS VIANA, Núbia Lafaete, MOREIRA DOS SANTOS, Gláucia. A história da interpretação bíblica patrística e o dialogismo de Bakhtin. Id on line – **Revista multidisciplinar e de Psicologia**. Artigo - V.14, N. 50 p. 1071-1086, Maio/2020 - ISSN 1981-1179. Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>

AMARO DA SILVA, Aline. Teologia e comunicação digital: a nova evangelização dos nativos virtuais. São Leopoldo – RS: **Congresso estadual de teologia** - EST v. 1, 2013.

ARAÚJO, Marcos Henrique de. **A centralidade da doutrina da santificação nas obras de Jonathan Edwards**. Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – São Paulo - SP. 2003. p.11-12 (Dissertação, 139 p.).

Aulete digital. Disponível em: <https://aulete.com.br>. Acessado em: 24 de fev. de 2022.

BELING, Éder. A homilética: um panorama sobre a pesquisa a partir da Nova Homilética e seus desdobramentos nos Estados Unidos da América e na Europa. REFLEXUS-Revista Semestral de Teologia e Ciências das Religiões, v. 13, n. 22, p. 619-644, 2019.

BELLING, Fernanda. **As 10 maiores redes sociais em 2023**. 24 de fev. de 2016, atualizado em 31 de jan. de 2023. Oficina da net. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-qualis-sao-as-dez-maiores-redes-sociais#:~:text=Ocupando%20o%20segundo%20lugar%20o,com%201.3%20bilh%C3%A3o%20de%20usu%C3%A1rios>. Acessado em: 3 de mar. de 2022.

BELLOTTI, Karina Kosicki. A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a reconstrução dos “valores familiares” pela mídia (1920-1970). **Mandrágora**, v. 14, n. 14, p. 55-73, 2008.

BÍBLIA na tradução Almeida Revista e Atualizada - ARA

BORLAND, Brian. **Alcance orgânico no Facebook**: suas dúvidas respondidas. [s.d.]. Meta. Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/BR-Alcance-organico-no-Facebook-suas-duvidas-respondidas> Acessada em 07 de mar. de 2022.

BRAGA, James. **Como preparar mensagens bíblicas**. São Paulo: Editora Vida. 1999.

CALDAS FILHO, Carlos R. Reformas antes da reforma: Investigando antecedentes da reforma luterana do século XVI. **Estudos teológicos**, v. 57, n. 2. 2017.

CAMARGO, Gabriel. **O que é impulsionamento? Entenda como funciona esse processo e qual a diferença para um post patrocinado**. Rockcontent. 26 de mar. de 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/impulsionamento/>. Acessada em 07 mar. 22.

CAMPOS JÚNIOR, H. C. O valor do culto público na vida cristã. **Fides Reformata XXVII**. São Paulo: N1. p. 45-60, 2022.

CAMPOS, Breno Martins. Puritanismo e a construção político-social da realidade. **Revista Pandora Brasil**, n. 60, p. 1-10, 2014.

CARLOS DA SILVA, Francisco Jean. **Os batistas regulares e as armadilhas históricas do iluminismo**. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CHAMPLIN, Russel Norman. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. 6 v. São Paulo, SP: Editora e Distribuidora Candeia, 1997.

CINTRA, André. **Qual tipo de conteúdo devo postar em cada rede social?** [s.d], Post digital. Disponível em: <https://www.postdigital.cc/blog/artigo/qual-tipo-de-conteudo-devo-postar-em-cada-rede-social->. Acessada em 07 mar. 2022

Conteúdo para redes sociais: como criar *post* que realmente engajam. Resultados Digitais. 17 de fev. de 2021. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/conteudo-para-redes-sociais/>. Acessada em: 05 de mar. de 2022.

CORREIA, Raynara Karenina Veríssimo. Sola scriptura: a tradição puritana frente a retórica reformada. **Revista do SETA-ISSN 1981-9153**, v. 8, 2018.

COSTA, Marcelo Carvalho. Ide e pregai o evangelho a todo internauta: da igreja primitiva ao evangelismo digital. desdobramentos do processo de evangelização provocados pelo ciberespaço. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 19, 2020.

COUTINHO, Suzana Ramos. A internet e seus perigos: individualismo e poder entre as Testemunhas de Jeová. **Revista Contemporânea**, v. 6, n. 1, jun. 2008.

Cresce o uso de internet e atividades de entretenimento online no Brasil. 1 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/na-midia/cresce-o-uso-de-internet-e-atividades-de-entretenimento-online-no-brasil/>. Acessado em 18 de fev. de 2023.

CUNHA, Magali. **Fundamentalismo**. Religião e Poder. 9 de mar de 2022. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/fundamentalismos/> . Acessado em: 14 de jan. de 2023.

D'ABADIA, Joacir Soares. **Schleiermacher**: A interpretação da religião. WebArtigos. 27 de abr. de 2009. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/schleiermacher-a-interpretacao-da-religiao/17314>. Acessado em: 03 de dez. de 2022.

DA SILVA COSTANZA, José Roberto. As raízes históricas do liberalismo teológico. **Fides reformata**, v. 10, n. 1, p. 79-99, 2005.

DA SILVA, Carlos Campelo. Hamann e Kierkegaard: Da herança pietista à Influência nos movimentos intelectuais dos séculos XVIII e XX. **Anais do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-CAMPINAS**, Campinas - SP. V. 2. 2019.

DA SILVA, Claubério Nascimento; DOS SANTOS, Sandra Morais Ribeiro. A internet como ferramenta importante na propagação do evangelho de Jesus Cristo. **Caderno Intersaberes**, v. 7, n. 11, 2018.

DE ARAÚJO CARDOSO, Dario. Uma abordagem cristocêntrica para os sermões biográficos. **Fides reformata (Impresso)**, v. 15, n. 1, p. 57-79, 2010.

DE MATOS, Alderi Souza. A reforma protestante do século XVI. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 1, 2011.

DE MATOS, Alderi Souza. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário—parte 1. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 1, 2011.

DE OLIVEIRA RIBEIRO, Claudio. Linhas de uma fé para o mundo: Cinco décadas entre “Uma teologia para o Evangelho Social”, de Walter Rauschenbusch, e “A Cidade do Homem”, de Harvey Cox. **Caminhando**, v. 25, n. 2, 2020.

DE OLIVEIRA SANTOS, Rodolpho Raphael. Ciberteologia: A relação entre comunicação e fé no ambiente digital. **REVELETEO-Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 14, n. 25, p. 58-73, 2020.

DE SOUZA RIBEIRO, Vinicius. Possíveis fatores que convergiram para o surgimento da reforma protestante. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 2, 2011.

DIAS LOPES, Hernandes. **As estratégias evangelísticas de Paulo**. Campinas – SP. [2011?]. Disponível em: <https://hernandesdiaslopes.com.br/as-estrategias-evangelisticas-de-paulo/> Acesso em: 20 de fev. de 22.

DIAS LOPES, Hernandes. **Pedro**: pescador de homens. São Paulo: Hagnos, 2015. E-book.

Dicionário Brasileiro de língua portuguesa Michaelis

DOS SANTOS, Merlise. Missio Dei: A Missão é missão para a Igreja e para cada um. **REVELETEO-Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 15, n. 28, p. 41-54, 2021. *apud* GOHEEN, 2019.

DOS SANTOS JÚNIOR, Paulo Jonas; DA ROSA, André Luís. Experiência religiosa: da Reforma Protestante ao avivamento pentecostal. **Revista Encontros Teológicos**, v. 31, n. 2, 2016.

DUARTE, Phelipe Magalhães. COVID-19: Origem do novo coronavírus. Curitiba – PR: Artigo – **Revista Brazilian Journal of review** v. 3, n. 2, p. 3585-3590, mar./apr. 2020. ISSN 2595-6825.

FEITOSA DA SILVA, Yago Henrique. **Comunicação dos movimentos cristãos nas redes sociais**: Análise dos perfis dos movimentos “Céu na terra movement” e Jesuscopy” no facebook e Instagram. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – UniCEUB. Brasília – DF. 2018. (Monografia, 48).

FERRAZ, Améla Ricon. As grandes pandemias da história. **Revista de ciência elementar**, V8, n. 2, jun de 220.

FISCHER, Joachim. **Espiritualidade**: Observações e reflexões sobre o pietismo. Estudos Teológicos, v. 23, n. 2, p. 164-182, 1983.

FORREST, Benjamin K. et al. **A história da pregação** (volume 1) – Dos apóstolos aos revivalistas. Rio de Janeiro – RJ: Thomas Nelson Brasil, 2020. Edição do Kindle.

FORREST, Benjamin K.; King, Kevin L.; Curtis, Bill; Milioni, Dwayne. **A história da pregação** (volume 2). Thomas Nelson Brasil. Edição do Kindle. 2020.

G. GOMES, Pedro. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades: dimensões históricas. Cadernos IHU, v. 2, n. 8, p. 6-10, 2004.

GALVÃO, Nelson. **O liberalismo teológico e a pregação**. Pregue a Palavra. 9 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.pregueapalavra.org.br/post/o-liberalismo-teol%C3%B3gico-e-a-prega%C3%A7%C3%A3o>. Acessado em: 16 de jan. de 23.

GERMANO, Altair. **A educação judaica nos dias de Jesus**. 4 de maio de 2021. Disponível em: <http://altairgermano.com.br/a-educacao-judaica-nos-dias-de-jesus/>. Acessado em 14 de nov. de 2022.

GODOY, Junior Felipe de. Ideais reformatórios abarcados pelo Pietismo, que se secularizaram no Iluminismo alemão do século 18. **Vox scripturae**, v. 20, n. 1, p. 155-181, 2012.

GRANCONATO, Marcos. **Schleiermacher**: O triplice fundamento filosófico da teologia de Schleiermacher. Biblioteca Charles Spurgeon. <https://spurgeononline.com.br/artigos/schleiermacher-o-triplice-fundamento-filosofico-da-teologia-de-schleiermacher/>. n.p. Acessado em 03.12.2022.

GRUDEM, Wayne. **TEOLOGIA SISTEMÁTICA**: Atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Editora Concórdia; tradução Mário L Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. — 8ª Edição. 2014 — Porto Alegre - RS. Edição do Kindle.

Importância das redes sociais par sua empresa. amplificadigital. [s.d.]. Disponível em: <https://amplificadigital.com.br/blog/qual-o-perfil-dos-usuarios-em-cada-rede-social-no-brasil/>. Acessado em: 05 de mar. de 2022.

J. MORAES. Homilética: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Editora Vida, 2005. Edição do Kindle.

J. MORAES. Homilética: do ouvinte à prática. São Paulo -SP: Editora Vida, 2013.

KEMP, Simon. Digital 2022: Brasil. **Datareportal**. 9 de fev. de 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil>, acessado em: 14 de fev de 2023.

LEEMAN, Jonathan. **Igreja virtual não existe!** 13 de dez de 2021. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/igreja-virtual-nao-existe/>. Acessado em: 24 de fev. de 2023

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Alan Rennê Alexandrino. **O CRISTIANISMO OCIDENTAL NO SÉCULO XX**. [s.d.], Monergismo. Disponível em: <http://www.monergismo.com>. Acessado em: 14 de jan. de 2023.

LIMA, Philipe Rosa de. Reforma Papal e Ordens Mendicantes: um debate na longa duração. **Biblioteca digital da produção intelectual discente**. Universidade Brasília. 2009. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/4550>. Acessado em: 21 de nov. de 2022.

LÍRIO, Luciano de Carvalho et al. **Adolescentes evangélicos e o ciberespaço**. São Leopoldo -RS. 2017. (Tese, 193).

LLOYD-JONES, D. Martyn. Pregação e pregadores. São José dos Campos – SP: Editora Fiel, 2008. Tradução de João Bentes Marques, Alexandre Meimarides e Marilene Paschoal. Edição do Kindle.

LOPES, Edson Pereira. **Fundamentos da teologia da educação cristã**. [recurso eletrônico]. 1 edição. São Paulo – SP: Mundo Cristão, 2019.

LOPEZ, Neri **Cristianismo pós-pandemia: Impacto e oportunidades**. São Paulo, SP: Editora Vida, 2020. Edição do Kindle.

LUFT, Joise Maria. A construção alegórica no sermão da sexagésima de Antônio Vieira. **Revista Versalete**. Curitiba, v. 4, n. 7, jul./dez. 2016.

M. LOPES. O legado de uma pioneira: Aimee Semple McPherson, a cura divina e seus desdobramentos no subcampo religioso pentecostal brasileiro/The legacy of a pioneer: Aimee McPherson, divine healing and its developments in the Brazilian Pentecostal religious subfield. PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion, v. 6, n. 1, jan-jun, p. 74-99, 2015.

MACHADO, Vanda de Souza. **A Comunicação do IDE nas Mídias Sociais**. Um manual prático para transformar a comunicação da igreja num poderoso instrumento de evangelização. Santos – SP: versão digital. 2020. Edição do Kindle.

MACHADO, Vanda de Souza. **Evangelismo digital: dez passos para um ministério digital de sucesso**. Santos – SP: versão digital. 2021. Edição do Kindle.

MACHEN, Jhon Gresham. **Cristianismo & Liberdade**. Os Puritanos; tradução Denise Pereira Meister. — 1. ed. Digital 2014 — Recife - PE. Edição do Kindle.

MAGALHÃES, José Geraldo. **Igrejas virtuais**. 20 de set. de 2013. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/igreja-virtual-nao-existe/>. Acessado em: 24 de fev. de 2023

MARLOW, Sergio Luiz; DA ROSA, Wanderley Pereira. A Peste Negra e o imaginário religioso nas obras de Jean Delumeau. **PLURA, Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion**, v. 12, n. 1, p. 80-98, 2021. p. 84 *apud* Delumeau, 1989.

MAYARA SILVA, Danyelle. **O livro desde a argila até os e-books: estudo comparativo entre livros impressos e livros digitais**. Universidade de Brasília – UnB. 2013. (Monografia, 105)

MEDEIROS, Inácio de. **A morte dos Apóstolos de Jesus**. 3 de março de 2021. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/historia-da-igreja/a-morte-dos-apostolos>. Acessado em 15 de nov. de 2022.

Meta for Busines. **Faça com que os anúncios cheguem às pessoas que vão adorar a sua empresa**. [s.d.]. Meta. Disponível em: https://www.facebook.com/business/ads/ad-targeting?content_id=m3245WiQk9QhAt6&ref=sem_smb&utm_source=GOOGLE&utm_medium=fbsmbsem&utm_campaign=PFX_SEM_G_BusinessAds_BR_PT_DSA_Other_Desktop&utm_content=BR_PT_DSA_Other_Desktop&gclid=CjwKCAiAJoeRBhAJEiwAYY3nDlejsSS0ExLzSHRaw2-hsEGRA3sQXTDHXZhLcF9Ca5nLYNHqWaVQqBoCeUQQAvD_BwE&utm_term=dsa-1597903559254&utm_ct=EVG. Acessada em 07 mar. 22.

MIKLOS, Jorge. **A construção de vínculos religiosos na cibercultura: a ciberreligião**. São Paulo, 2010. Pontifícia Universidade Católica - PUC_SP, (Tese, 145 p.).

MILLARD, Erickson. **INTRODUÇÃO À TEOLOGIA SISTEMÁTICA**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

MONTEIRO, Silvana Drumond; PICKLER, Maria Elisa Valentim. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. **DataGramZero-Revista de Ciência da Informação**, v. 8, n. 3, 2007.

MORAES, Daniel. **Entenda o que é tráfego orgânico e porque ele é essencial para sua estratégia online?** Rockcontent. 18 de mar. de 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-trafego-organico/>. Acessada em 07 de mar. de 2022.

MORAIS DA SILVA, Danilo; FERNANDES, Valdir. Ciberespaço, cibercultura e metaverso: a sociedade virtual e território cibernético. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 67, p. 211-223, 2021. *apud* ALBAGLI, 2004.

R. MORAIS, João. Antes de chegar ao campo missionário. Ijuí - RS: **Revista Batista Pioneira**. v. 6, n.2, p. 435-453. Dezembro/2017.

MUSTARO, Pollyana Notargiacomo. Ciberespaço: horizontes e possibilidades. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, n. 4, p. 50-56, 2002. p. 51.

NASCIMENTO DA SILVA, Claubério; DOS SANTOS, Sandra Moraes Ribeiro. A internet como ferramenta importante na propagação do evangelho de Jesus Cristo. **Caderno Intersaberes**, v. 7, n. 11, 2018.

NASCIMENTO, Maria Nagila de Oliveira Cláudio; DE LIMA, Daniel Barros. CIPRIANO CARTAGO E SUA ECLESIOLOGIA NO CRISTIANISMO HISTÓRICO. **Pax Domini**, v. 2, n. 2, p. 42-57, 2017.

NETTO JR, Nelson Rodrigues. Uma teologia para o Evangelho Social. Estudos de religião, v. 33, n. 3, p. 367-368, 2019.

NUNES, Lucas Cunha. Era Domingos um dominicano? a construção do discurso hagiográfico e a Ordem dos Pregadores (1235-1298). Porto Alegre RS. **Repositório Digitalta UFRGS**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

NUNES, Lucas Cunha. **Era Domingos um dominicano?** a construção do discurso hagiográfico e a Ordem dos Pregadores (1235-1298). 2015.
<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/132843>. Acessado em 21/11/22.

O grande rolo de Isaías. Galeria Bíblica. 6 de out. de 2011. Disponível em:
<http://galeriabiblica.blogspot.com/2011/10/o-grande-rolo-de-isaias.html>. Acessado em: 08 de mar. de 2022.

OLIVEIRA, Guilherme Ferreira. Pensamento missionário estadunidense e evangelização para o Brasil em fins do século XIX: algumas considerações. **Oficina do Historiador**. Porto Alegre – RS. EDIPUCRS, v. 7, n. 2, jul./dez. 2014.

OLIVEIRA, Ricardo. **Placas de trânsito: tipos, nomes e significados**.
<https://www.noticiasautomotivas.com.br/placas-de-transito-quaes-sao-e-seus-significados/>. Acessado em: 1 de fev. de 2023.

OpenAI. Tema da pesquisa: Quem foi Fred B. Craddock? 06 de mar. De 2023.
Disponível em: <https://openai.com/>. Acesso em: 6 mar. 2023.

Os impactos do isolamento social nas igrejas evangélicas brasileira. [S.I.] 3 de Jun. de 2020. **Invisible College**. Disponível em:
<https://theinvisiblecollege.com.br/lab/isolamento/> Acesso em: 14 de fev. de 2022.

PARKER, T. H. L. **Os Oráculos de Deus**. Traduzido por Gabriel Lopes. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

PIRAGINE JR, Pascoal; MELO, Adoniran. **A arte de pregar um sermão expositivo: pesquisa e púlpito**. A. D. Santos Editora, Curitiba, 2016, p. (*deposition*) e-book.

Pirkei Avot, Ética dos pais. Mishiná. [s.d.] Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1090121/jewish/Pirkei-Avot-tica-dos-Pais.htm. Acessado em: 14 de nov. de 2022

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. In: **E-Compós**. 2007.

Qual é o versículo com Emoji. 29 de abr. de 2023. Canal Sou Livre. <https://www.youtube.com/watch?v=p8IhowrRDIM>. Acessado em 1 de fev. de 2023.

RAINER, Thom S. **A igreja pós-quarentena.** Seus desafios e oportunidades urgentes que determinarão o futuro de sua congregação. Tradução de Heber Rodrigues de Souza. Conversão para ePub: Cumbuca Stúdio. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

RAMOS, Luiz Carlos. **A conceituação da homilética em perspectiva histórica.** 7 de fev. de 2011. Disponível em: <https://www.luizcarlosramos.net/a-conceituacao-da-homiletica-em-perspectiva-historica/> Acesso em: 3 de novembro de 2022.

RAMOS, Luiz Carlos. A pregação e a Bíblia. **Revista Caminho**. Artigo - V.16, N. 1 p. 19-28, jan/jun.2011.

RAMOS, Luiz Carlos. **A pregação na idade média:** os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea. São Bernardo do campo – SP: Editora da Faculdade Teológica Metodista de São Bernardo do Campo, 2012.

A. RANGEL. Cibercultura e evangelização. **Atualidade Teológica**, v. 19, n. 36, 2011.

RANGEL, Anna e BRAZ, Marco. **Afinal, o Facebook está “flopando”?** Leia os que diz os números. Poder360. 6 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/tecnologia/afinal-o-facebook-esta-flopando-leia-o-que-dizem-os-numeros/#:~:text=com%20muitos%20desafios,-,Pela%201%C2%AA%20vez%20desde%20que%20foi%20lan%C3%A7ada%2C%20h%C3%A1%2018%20anos,cerca%20de%20500%20mil%20usu%C3%A1rios>. Acessado em: 03 de mar. de 2022.

Redes sociais no Brasil: conheça o perfil dos usuários! Priory comunicações. Curitiba-PR. 27 de jul. de 2020. Disponível em: <https://www.priory.com.br/redes-sociais-no-brasil/>. Acessado em: 05 de mar. de 2022.

RIBEIRO, Genildison da Silva. **O que é Missão?** São Paulo – SP. [20-]. Universidade Metodista de São Paulo. [https://metodista.br/faculdade-de-teologia/ex-alunos/o-que-e-missao#:~:text=%E2%80%9CA%20miss%C3%A3o%20de%20Deus%20no,Vida%20e%20Miss%C3%A3o%20da%20Igreja\).&text=Envolver%2Dse%20com%20o%20Deus,e%20disposto%20ao%20envio%20mission%C3%A1rio](https://metodista.br/faculdade-de-teologia/ex-alunos/o-que-e-missao#:~:text=%E2%80%9CA%20miss%C3%A3o%20de%20Deus%20no,Vida%20e%20Miss%C3%A3o%20da%20Igreja).&text=Envolver%2Dse%20com%20o%20Deus,e%20disposto%20ao%20envio%20mission%C3%A1rio). Acesso em: 20 fev. 22.

ROCHA, GC da; SOUZA FILHO, Veridiano Barroso. Da guerra às emoções: história da internet e o controverso surgimento do Facebook. **Encontro Regional Norte de História da Mídia**, v. 4, 2016.

RODRIGUES, Jonatan. Pesquisa indica recursos mais relevantes de mídias sociais + 95 estatísticas de redes em 2022. 23 de ago. de 2022. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/estatisticas-redes-sociais/#:~:text=No%20Brasil%2C%2056%2C7%25,34%20anos%2C%20com%2030%25>. Acessado em: 22 de fev. de 2023

C. RODRIGUES, Marcos Henrique. Gutenberg e o letramento do ocidente. **Revista Educação e Linguagens**, p. 188-201, 2020.

ROSE, Michael. Comunicação. **Estudos Teológicos**, v. 38, n. 3, p. 253-254, 1998.

S. P. DA SILVA, Severino Pedro da. **Homilética: o pregador e o sermão**. 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias. 1992.

SALGADO, Danielle. **Pesquisa sobre o YouTube no Brasil: veja os principais insights sobre a maior plataforma de vídeos do mundo**. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-sobre-youtube/>. Acessada em 05 de mar. de 2022.

A. SANCHES, Mário Antônio; LOVO, Ordilei Arcanjo; DA CONCEIÇÃO SANCHES, Leide. Religião e epidemias na história: do essencial ao perverso. São Paulo: **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 2, p. 139-152, 2020.

SANCHES, Regina Fernandes. A missiologia cristã sob o movimento Reformado. **Revista Ultimato**. 25 de out. de 2017. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/a-missiologia-crista-sob-o-movimento-reformado>. Acessado em: 12 de jan. de 2023.

SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. MEYER-BLANCK, Michael e BIERITZ, Karl-Heinrich. **Manual de Ciência Litúrgica**. Tradução de Luiz Marcos Sander. – São Leopoldo: Sinodal/Centro de Recursos litúrgicos da Faculdade EST, 2011.

SGANZERLA, Paloma. **Igreja híbrida: conheça o conceito e o papel da tecnologia**. 6 de jan. de 2022. Disponível em: <https://inchurch.com.br/blog/igreja-hibrida-conheca-o-conceito-e-o-papel-da-tecnologia/>. Acessado em: 23 de fev. de 2023

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo: Uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI; tradução Giuliana Niedhardt**. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. Edição do Kindle.

SILVA, Francisco Jean Carlos da. **Os batistas regulares e as armadilhas históricas do iluminismo**. 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVEIRA DA SILVA, Julio César. **Karl Barth: um chamado cristão a desobediência civil**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP. 2011. p. 74-76 (Dissertação, p. 162).

SILVEIRA, Carlos Cesar. **A constituição ética dos apóstolos Paulo e Pedro em textos Bíblicos**. Universidade de Franca - Franca - SP. 2013. (Dissertação, 120 p.)

SOARES DOS SANTOS, Antônio Carlos e RIBEIRO SANTOS, João Batista. A educação em contextos bíblicos. Artigo - **Revista Caminhando** v. 22, n. 1, p. 27-36, jan./jun. 2017

SOUZA, Mauro Batista de. A nova homilética: ouvintes como ponto de partida na pregação cristã. *Estudos teológicos*, v. 47, n.1, p. 5-24, 2007.

SPADARO, Antonio. **Quando a fé se torna social**: o cristianismo no tempo das novas mídias [livro eletrônico]; tradução: Renato Ambrosio. São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Temas de atualidade.

SPADARO, Antonio. **Ciberteología: Pensar el cristianismo en tiempos de red** (Spanish Edition). Herder Editorial. Edição do Kindle, p. 28-29, *apud* GEORGE, 2006.

STRECK, Edson E. A prédica ao longo da história da igreja: estímulos para a pregação na atualidade. **Estudos Teológicos**, v. 33, n. 2, p. 168-182, 1993.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça. Da comunicação humana a comunicação em rede: uma pluralidade de convergências. *Rev Temática [Internet]*, v. 8, n. 2, 2012.

VARJÃO, Rudinei. **A comunicação do evangelho no ciberespaço**: Análise da contribuição dos Youtubers evangélicos para a igreja contemporânea. Faculdades Batista do Paraná, Curitiba – PR 2019. (Dissertação, 221 p.).

VASCONCELOS FERREIRA, Ismael de. O carisma do pregador pentecostal e a espetacularização do Evangelho. **Anais dos Simpósios da ABHR**, v. 13, 2012.

VOLPATO, Bruno. Ranking: as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2022, com insights e matérias. Disponível em: 23 de maio de 2022. <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acessado em: 22 de fev de 2023

WHITE, James F. **Introdução ao culto cristão**. Tradução de Walter Schlupp – São Leopoldo: Sinodal, 1997.

ZIMERMANN, Igor. Iluminismo: o que foi e qual a sua importância? Florianópolis – SC. **Politize!** publicado em 18 de julho de 2021. <https://www.politize.com.br/iluminismo/>. Acessado em 30.11.2022.